



# UM CAMINHO DO OLHAR

Convivência de jovens de CL

Assis, 23-26 de novembro de 2023



# Um caminho do olhar

**Convivência de jovens de CL**

Assis, 23-26 de novembro de 2023

Quinta-feira, 23 de novembro

---

## INTRODUÇÃO

Francesco Cassese

Boa noite a todos, obrigado por terem vindo a esta segunda etapa em Assis. Viemos de toda a Itália e, nesta ocasião, temos também convidados de fora: cerca de trinta amigos, vindos sobretudo da Europa. Trago-lhes as saudações de Davide Prospero, que lamenta muito não poder estar aqui conosco, mas está na Argentina nestes dias para se encontrar com as nossas comunidades.

Retomo os pontos salientes da palestra e da síntese do padre Paolo Prospero na primeira convivência, em março passado: a sociedade do cansaço caracterizada pelo *desempenho* como medida do nosso valor, o *self-made man* que nos faz sufocar dentro de uma gaiola, e o deixar-se “lavar os pés” como Pedro por Jesus, que é o caminho da libertação.

Queremos retomar o que surgiu da primeira vez e tentar dar alguns passos em frente, iluminados pelo que todos estamos fazendo em conjunto com o Movimento. Refiro-me ao caminho da Escola de Comunidade, e em particular à Jornada de Outubro: “A fé, realização da razão”. Tentemos dar um passo em frente na passagem da experiência natural à experiência cristã.

Nestes dias, dediquemos algum tempo a olhar uns para os outros. Percorremos um longo caminho, alguns mais do que outros, para chegar a Assis. Por que não estabelecer uma ligação? O que é que nos acrescenta o fato de podermos viver estes dias juntos? Estamos aqui para nos acompanharmos uns aos outros num trecho do caminho. Para aproveitar a companhia que o Mistério nos dá através dos nossos rostos. É dar novamente espaço a Cristo para nos atrair a Si. Eu não seria capaz de dar um passo neste caminho sem esta atração que volta a me ser proposta. Queremos caminhar juntos. Não se aprende a caminhar juntos sem caminhar juntos.

Como foi evidente no mês de março, a nossa companhia é uma «companhia *vocacional*, isto é, uma companhia que nos implica, porque gera a experiência e é gerada pela experiência em que o carisma nos tocou», como disse o Davide. São dias que construímos juntos a partir do que acontece entre nós. Neste sentido, verão que as noites de amanhã e de depois de amanhã são preparadas e pensadas por vocês, desde os testemunhos até os cânticos.

Cerca de 150 pessoas, entre nós, não participaram da convivência de março, mas nestes últimos meses assistimos a uma onda que atingiu, através de círculos concêntricos, muitos outros. O conteúdo do livrinho de Assis foi retomado durante as férias de verão, e nasceram também iniciativas para reavivar a provocação da palestra do padre Paolo. O Davide, na conclusão do gesto de março, disse-nos: «Não convidei vocês para virem aqui a fim de lhes dar “a linha do Movimento”, mas para partilhar uma amizade. E, ao partilhar esta amizade, compreendemos também um pouco mais qual é o conteúdo da proposta que o Movimento nos faz, esclarecendo a tarefa que nos foi confiada». Isto aconteceu de verdade: foi uma ajuda preciosa para entrar mais profundamente no conteúdo da proposta do Movimento. O “zoom” na experiência de trabalho e o jugo da performance nos ajudaram a compreender o passo que a nossa companhia estava propondo-nos.

Continuava Davide: «Como sempre digo, quando somos objeto de uma preferência, ou é uma injustiça (pensem nos seus amigos que não puderam vir aqui porque, infelizmente, não havia lugar para todos) ou essa preferência indica uma tarefa». Bem, acho que nenhum de nós considerou esta preferência como pertença a um clube exclusivo. A verdade do que vivemos trouxe consigo o ímpeto de abraçar e partilhar: «Ou que esta preferência, através de cada um de nós, se dilate, se torne uma responsabilidade nossa. Atenção, esta responsabilidade não se traduz num papel: vamos imediatamente afastar este equívoco da linha do horizonte das nossas expectativas... quero dizer: estar aqui não significa que amanhã estejam em todas as diaconias da esfera terrestre». Todos nos empenhamos no seio das nossas comunidades, mais desejosos de construir do que de ter um papel. Em alguns casos nasceram

iniciativas, em outros simplesmente voltamos à vida das nossas comunidades com mais entusiasmo.

Retomo estes elementos porque para nós é importante, é fundamental, podermos verificar o fruto de uma proposta. Tudo começou com uma aposta: sabíamos em que é que estávamos apostando, mas não sabíamos aonde a aposta nos levaria. Ainda hoje, não sabemos aonde nos levará essa aposta, mas queremos verificar sua bondade e sua fecundidade.

Quero dizer uma última coisa: é decisiva, nestes dias, a postura que podemos ter perante a proposta que nos chega, nas conversas entre nós, à mesa, nos momentos de escuta e de oração. Interessa-nos viver estes dias de uma forma verdadeira, de uma forma autêntica. Ouçam o que diz Dom Giussani: «“Não é o ativismo, tal como não é moralismo [...], que cria as situações verdadeiras”. Então o que é? “A minha conversão”. E em que consiste? Em “reconhecer o que Ele pôs na raiz do meu ser, reconhecer que sou uma nova criatura, eu sou Tu”. A este ponto, Giussani dirige-se diretamente a este Tu, quase numa oração: “Mostra-te lá, só um bocadinho, vem cá, aparece, investe os meus membros, os meus braços e as minhas mãos, a minha cabeça, os meus pensamentos, os meus sentimentos, os meus olhos, a minha boca. Investe-me, porque Tu és um fermento e a minha massa está tão pesada, percebo que é precisa toda a vida para que esta operação misteriosamente se verifique”» (A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tencitas, 2017, p. 480).

Peçamos, nestes dias, a Sua presença: «Vem, Senhor Jesus».

Sexta-feira, 24 de novembro

---

## EXCEROTOS DA PRIMEIRA ASSEMBLEIA

**Francesco Cassese (Camu).** Esta manhã faremos a assembleia, que pretende ser um momento de verificação do caminho que fizemos nestes últimos meses. Como lhes disse ontem, é uma oportunidade para partilhar a experiência que estamos fazendo: as perguntas, as descobertas, os testemunhos que nos ajudaram a viver. Para nos prepararmos, partilhamos esta pergunta: «Que experiência está gerando em nós e na vida das nossas comunidades a proposta do Movimento? Que perguntas estão surgindo?»

Como adiantamos por e-mail, nestes dias queremos refletir sobre estas palavras de Dom Giussani, tiradas do Prólogo do Estatuto da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que contém o núcleo da identidade do sujeito adulto na nossa companhia.

*«O sentido profundo do Movimento é o chamado de atenção à memória de Cristo, vivida quotidianamente nas circunstâncias da vida. A natureza específica do seu carisma pode ser assim descrita:*

*– a insistência sobre a memória de Cristo como afirmação dos fatores dos quais nasce a experiência cristã, na medida em que dão origem à verdadeira imagem do homem;*

*– a insistência sobre o fato de que a memória de Cristo só pode ser gerada pertencendo-se a uma comunialidade vivida;*

*– a insistência sobre o fato de que a memória de Cristo inevitavelmente tende a gerar uma comunialidade visível e propositiva na sociedade».*

Antes de começar a assembleia, queria ler um texto de Giussani que explica, em resposta a uma pergunta, que tipo de trabalho nos espera. «Desculpem, mas permito-me insistir que um trabalho de assembleia não se baseia no fato de uma pessoa falar depois da outra. Se o que alguém disse não é claro para nós, é preciso insistir, porque assim aplicamos o que acaba de ser dito, vamos ao fundo da questão e aprendemos. Tenho a certeza de que a maior parte de vocês ainda

não entendeu o que foi dito na última fala, como se pode ver pelas suas caras. Queira Deus que alguém tenha a coragem, ou simplesmente a inteligência, de dizer: “Desculpe, por favor, retome, exemplifique”! Caso contrário, deixa de ser um trabalho, a assembleia tende a tornar-se uma coisa formal, isto é, uma coisa para fazer: quem tem de falar está lá tratando do seu discurso e não ouve, não aprende nada, mas todos os outros estão ali também, empenhados no seu grande compromisso, que é o de que a assembleia acabe, esperando com benevolência que talvez, de repente, aconteça alguma coisa boa. Isto não é um trabalho. A questão levantada fere a própria raiz da atitude que adotamos. Muitas vezes, na minha opinião, é ainda pior do que isto, porque fazemos uma assembleia por fazer uma assembleia, fazemos uma iniciativa pública por fazer uma iniciativa pública. E temos o cuidado de não dizer muito alto entre nós: “Foi boa ou foi ruim?”, censuramos até esta pergunta. “Conseguimos! Já acabou!” O que acabamos de dizer é a aplicação de um princípio que, sabe-se lá quantas vezes, já nos ouvimos repetir [...]: o homem aprende com a experiência, e a experiência é algo que se experimenta, que se faz, julgada à luz do ideal. Mas julgada! Aí, perguntamo-nos: onde é que falhamos? Onde é preciso apertar mais ou fazer penetrar mais o critério ou torná-lo mais exato? Em suma, é um trabalho sobre o que foi feito ou está sendo feito».<sup>1</sup>

Por isso, esta manhã será um resumo de testemunhos e perguntas, mas no âmbito de um diálogo, ou seja, com a oportunidade de definir alguns pontos e dar um juízo.

*Simone. Desde que estivemos com o Papa, no dia 15 de outubro de 2022, que tenho uma pergunta, porque ele nos recordou que o carisma é de todos. O que sempre me impressionou em Giussani (me contaram, eu li, portanto foi indiretamente, mas é uma experiência de fé e é como se eu a tivesse feito) é que todas as coisas que ele fazia, fazia-as “novas”, isto é, de forma criativa. O que sempre me perguntei é como posso fazer com que o carisma se torne criativo em mim. E, com “criativo”, não quero dizer um esforço da minha parte, um “fazer*

---

<sup>1</sup> L. GIUSSANI, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, Milão: BUR, 2007, pp. 288-289.



*eu mesmo”, mas sim: como posso deixar-me usar pelo Espírito Santo (porque é disso que estamos falando, de um dom dado a Giussani para nós) para que Ele possa fazer novas todas as coisas? No trabalho, como posso estar diante dos doentes de forma humana? Ou, quando chego em casa, estar com meus filhos como se Jesus estivesse lá? Isto sempre me impressionou no Movimento: o cristianismo é um fato social e, portanto, não há nenhum aspecto da realidade em que Jesus não esteja envolvido. Então, como eu posso olhar para o dinheiro, para as amizades, para tudo, como Jesus olha para eles? Relato uma experiência indireta: é da minha mulher, mas foi a minha, porque a vivemos juntos. No ano passado, fez um projeto na escola dedicado a Vasily Grossman sobre “verdade e liberdade”, com alunos de uma escola normal, da prisão e de uma escola noturna. Fez uma exposição que também ganhou um prêmio nacional no MIUR (Ministério da Instrução e do Mérito italiano, NdT.). Uma exposição lindíssima. Ela disse sempre: «Eu sou cristã», mas nunca falou de Jesus, especialmente aos prisioneiros. Ela deu aulas numa prisão de segurança máxima, onde as pessoas tinham cometido crimes hediondos. No final do trabalho, quando foi embora, os presos disseram-lhe: «Professora, a senhora nos fez ser verdadeiramente livres, apesar de estarmos aqui dentro». A mesma frase que, no podcast O senso religioso um aluno disse sobre Giussani, que ele os fazia ser verdadeiramente livres apesar de estarem na aula. Eu entendo que uma pessoa, pedindo tanto uma posição – «Vem, Senhor Jesus» – e com o caminho do Movimento, pode ser realmente um instrumento de criatividade. Parece uma coisa melosa, mas por que é que um prisioneiro diria: «Agora compreendo o que significa ser livre de verdade»? É a síntese do terceiro capítulo de O senso religioso: «Amar a verdade mais do que a nós mesmos». Grossman, que era o principal escritor do comunismo, começou a dizer a verdade devido a uma série de fatos, uma série de encontros (a morte da mãe, a visão de Nossa Senhora Sístina). Começou a dizer: «Eu sou menos homem se não disser a verdade». Grossman era ateu, não era cristão, e de fato Giussani o cita como um exemplo autêntico do senso religioso, como Leopardi. Então, como é que eu posso ser um instrumento desta criatividade? Trazia comigo esta pergunta e via um início de resposta nesta experiência da minha mulher.*

**Padre Paolo Prosperi.** Exato. Consegue dar só um exemplo?

*Simone.* Claro. Foi um ano em que minha mulher trabalhou muito e eu estava mais em casa com as crianças. O fato de partilhar esta experiência, de vê-la crescer na sua relação com os alunos... porque a primeira vez que ela entrou lá dentro, disse: «Eu quero fugir», e quando foi embora disse: «Eu já não quero deixá-los, porque fazem parte de mim»... Portanto, ver um eu que amadurece tanto – e ao partilhá-lo, amadureço eu também, porque a experiência dela se torna minha – é uma possibilidade para que a criatividade do carisma não seja abstrata para mim.

**Padre Paolo Prosperi.** Isso eu entendi. A minha pergunta é diferente. Você perguntou: «Qual é o caminho?», ou seja, «como o carisma se torna criativo em mim?» E a resposta que você propôs é... não entendi bem qual é.

*Simone.* Eu olho para quem faz uma experiência. Para mim, foi olhar para a experiência da minha mulher, que, como dissemos na Jornada de Outubro, tem todos os fatores, ou seja, é uma experiência de fé, e a levamos para um lugar, que é a Escola de Comunidade, que é a Igreja, e quando a contamos vemos pessoas que crescem.

**Padre Paolo Prosperi.** Você disse muitas coisas. Espero que também outros possam dar seu testemunho sobre a questão que você pôs na mesa. Enquanto isso, digo que a sua pergunta é ótima e que o exemplo que deu é igualmente bonito. Mas continua em aberto, parece-me, a questão do juízo que você leva para casa a partir de tudo o que disse. Ou seja, precisamente a resposta, ou o início de resposta à questão sobre o “como” o carisma se torna criativo em você e em mim.

*Simone.* Oração. Isso, posso dizer.

**Padre Paolo Prosperi.** Sim, isso você disse.

*Simone.* Oração e uma relação sincera com os rostos que Jesus pôs na minha frente, um juízo. Por isso te digo: oração e juízo.

**Padre Paolo Proseri.** Obrigado. Vamos voltar a isso.

**Stefano.** *Quero contar um pouco do que a primeira convivência de Assis gerou em mim e nos meus amigos ao longo destes meses. O primeiro grande fruto é o fato de que agora vivemos uma Fraternidade com alguns deles. Antes, eu estava inscrito na Fraternidade, mas nunca tinha entendido bem o que isso significava. Aqui, foi como se uma fâsca se tivesse acendido, de modo que intuí o caráter decisivo desta decisão: é realmente a vocação para a santidade para a vida adulta. Por isso, voltei para casa com o desejo de falar disto aos meus amigos e de desafiá-los. O que me impressionou foi que, ao falar ao telefone com um amigo, dizíamos: «Mas nós já estamos vivendo uma coisa assim», ou seja, não lhe tínhamos dado a “forma”, mas já havia uma amizade neste nível. Foi muito imediato reconhecer que se tratava de uma coisa que já nos tinha sido dada, não de um esforço organizativo ou de qualquer outra coisa, por isso não havia necessidade de nos reunirmos “intelectualmente” para definir os critérios para convidar as pessoas, mas sim para olhar para o trabalho do Mistério já em ação. Começamos com cinco e agora somos uma dúzia. Não digo isso por uma questão de números, mas para afirmar como esta amizade preferencial está começando a irradiar e é para todos: também isto é sinal da obra de Outro. Vou contar uma coisa. Temos um pequeno grupo de Escola de Comunidade, e aconteceu que um dia o responsável não poderia estar presente. Nessa noite havia também a assembleia para os novos membros da Fraternidade, então eu disse aos meus cinco amigos da Fraternidade: «Vamos nos encontrar, fazemos primeiro o trabalho da Escola de Comunidade, jantamos juntos e depois acompanhamos o encontro, porque esta vida é uma novidade para nós». Depois, alguns amigos me desafiaram, como por exemplo a minha mulher: «Mas por que não convidamos também os nossos amigos da Escola de Comunidade, mesmo que ainda não estejam inscritos na Fraternidade, para esse encontro? Porque de qualquer forma é para todos». Então a proposta se alargou-, fizemos esse momento da Escola de Comunidade e dissemos também aos outros: «Nós depois vamos ficar para ver esse encontro, quem quiser pode ficar». E alguns ficaram. Aquela assembleia respondeu também a muitas perguntas que tínhamos. Fiquei impressionado*

com o fato de, na hora do jantar, alguns deles terem começado a me falar de coisas da sua vida de que precisavam falar e que eu nunca tinha ouvido e, quando terminamos a noite, uma pessoa me abraçou, com lágrimas nos olhos: «Obrigado». Fiquei impressionado porque pensei: «Caramba, muitas vezes eu acho que sei o que o outro precisa, mas depois acontece outra coisa e percebo que não é bem assim». Houve outro grande fruto de Assis que aconteceu comigo: é a questão do lava-pés, da «intromissão amorosa» desses amigos que vem gerando uma liberdade de se corrigir e de se deixar corrigir, que está me levando a uma docilidade e a uma capacidade de captar aspectos da realidade que antes não via. Vou contar duas coisas muito breves. Sou professor do ensino básico. Há algum tempo que alguns alunos tinham manifestado o desejo de estabelecer uma amizade comigo. Eu tinha deixado essa possibilidade de lado. Depois de Assis, contei isso aos meus amigos e eles me desafiaram: «Mas olha, está acontecendo alguma coisa: por que não olha para isso e não leva a sério?» Provocado por isso, organizamos um dia de convivência simples com esses jovens (jogos, músicas) e eu pedi aos meus amigos: «Deem-me uma ajuda, não me deixem sozinho. Vocês me deram esta coisa, vamos olhar para ela juntos». Estavam todos lá. O dia foi maravilhoso. O tempo estava péssimo, mas aqueles jovens queriam mesmo lá estar. Eram cerca de vinte. Fizemos a assembleia final e uma menina disse: «Hoje me senti muito bem com os meus colegas, como nunca me senti antes, quer dizer, me senti unida a eles, e isso foi possível olhando para amizade de vocês, para forma como se olham e gostam uns dos outros». Isso me impressiona porque é precisamente o sinal de uma unidade que é impossível para nós, porque somos pessoas muito diferentes, mas era evidente que a comunhão entre nós era o dom de outro e a menina percebeu isso imediatamente, foi muito claro para ela. Segunda coisa. Eu queria apresentar os jovens dos Colegiais a um antigo aluno meu, que estava curioso. Organizei um encontro, mas ele me disse uns dias antes: «Professor, tenho academia, não posso ir» e eu fiquei aborrecido: organizamos isso para você e você não vai?! A minha mulher me desafiou: «Mas vamos ver o que vai acontecer. Deixe o assunto de lado por um momento, não seja instintivo». No dia seguinte, contei a mesma coisa a um amigo, que me disse: «Olha, eu conheci o Movimento através de um padre, e ele nunca

*me obrigou a nada, sempre me deixou livre para segui-lo, nunca me disse: “Venha à Escola de Comunidade, faça isto...” Eu fiquei curioso precisamente com o fato de ele ter me olhado assim e fui atrás dele». Nesse meio tempo, essa correção me deu uma grande paz de espírito, então escrevi uma mensagem ao rapaz: «Não se preocupe, faça o que for mais útil para você e sintá-se livre nisso». Ele respondeu: «Professor, mas não quero perder a oportunidade de me relacionar com o senhor e com seus amigos, por isso farei de tudo para estar lá». E depois conseguiu se livrar e veio. Ao desafiá-lo na sua liberdade, amando a sua liberdade, ele foi capaz de fazer a verificação da experiência, de compreender o que realmente lhe correspondia.*

**Francesco Cassese.** Obrigado por esse belíssimo testemunho.

***Martina.** Nos últimos meses, fui testemunha e protagonista de uma criatividade como esta de que falamos agora, porque na escola onde ensino, desde fevereiro que demos início a uma experiência de Colegiais que não existia antes. Eu cresci numa família do Movimento, mas estive sempre um pouco em segundo plano. Mas este ano, graças à provocação do Papa na Audiência do Centenário e vendo tantas coisas acontecendo com os alunos, quis, junto com alguns dos meus colegas, dizer aos alunos que esta beleza que está acontecendo entre nós e eles vem da experiência cristã, e que é possível vivê-la da forma como a recebemos. É bonito, porque agora está nascendo uma comunidade, há jovens que estão encontrando Jesus através de nós. Uma delas, há algumas semanas, me disse: «Gosto de vir aos Colegiais, porque não me faria uma única pergunta, mas quando venho aqui percebo que há muitas perguntas dentro de mim e isso me faz olhar mais para tudo». E é isso o que acontece também comigo. A criatividade tem sua raiz na amizade que experimento com meus colegas e na minha comunidade do Movimento, também com os amigos que estão aqui. É uma amizade que irradia de nós para estes jovens.*

**Padre Paolo Prosperi.** Ou seja, eu entendi assim: você está dizendo-nos que a raiz da criatividade – olhando para a experiência que está vivendo – «está na amizade que vivo, na beleza da experi-

ência que tenho com os meus amigos». Será que entendi bem? Foi isso que você quis dizer?

***Martina.** Sim. Vivo essa amizade há muito tempo. Não sei por que razão este ano se tornou tão irradiante.*

**Padre Paolo Prosperi.** Por outro lado, se não me engano, você também disse outra coisa há pouco, que tem a ver com a “novidade” que aconteceu este ano. Você disse que foi o que começou a acontecer na relação com os jovens que acendeu uma fâisca em você...

***Martina.** Com os jovens, já estava acontecendo alguma coisa e nós dissemos: «Queremos dar um nome ao que está acontecendo. E esse nome é: Cristo. De onde vem o nosso jeito de estar com eles? Da experiência cristã que vivemos no Movimento». Por isso queríamos aprofundar isto, também em relação à provocação do Papa: «Há muitos homens e muitas mulheres que ainda não fizeram aquele encontro com o Senhor que transformou e tornou bela a vossa vida!» (15 de outubro de 2022). Passo à pergunta. Foi até relendo a palestra que o Padre Paolo deu em março, sobre o desempenho, que percebi que, de alguma forma, esta mentalidade entra diabolicamente também nas coisas do Movimento: eu posso partir, como juízo, do que disse a vocês e depois passar para o “olha como somos bons por termos criado uma comunidade!” E isso estraga as coisas, porque é filho de uma verdade enlouquecida. Fiquei impressionado quando você falou do erro como uma verdade enlouquecida, porque é verdade que estou dando tudo por tudo, até com esforço, tempo, dinheiro. O meu compromisso está lá. Mas se, depois, a leitura dos fatos for que já não sou subcriador, mas criador, é falso. Como é que podemos nos ajudar a viver uma virgindade em relação às coisas que acontecem, com a consciência de que é Deus quem as cria através de nós?*

**Padre Paolo Prosperi.** Obrigado. Esta pergunta, para mim, é muito bonita. E, de fato, como verão, na meditação desta tarde vou dedicar muito espaço ao tema que você pôs na mesa, que é o da

virginidade como forma de agir e como forma de relação. A virgindade como um novo olhar para o nosso fazer e para as pessoas que nos são confiadas. Voltaremos ao assunto.

**Francesco.** *Vou retomar um dos três pontos que propuseram: a memória de Cristo não pode ser gerada senão na imanência de uma comunhão vivida. Conto o fato que me marcou muito, e este ponto, na minha opinião, julga o fato. No início do verão, minha mulher e eu descobrimos que estávamos à espera do nosso terceiro filho, e decidimos imediatamente dar a boa notícia a todos os nossos amigos da comunidade, de modo que minha mulher até me disse: «Mas e se depois acontecer alguma coisa?» E eu respondi assim, um pouco despreocupado: «Significa que vai haver muita gente para rezar». O fato de nos concebermos em comunhão desde o início, quando tudo corria bem, ajudou-nos a partilhar um pouco com os nossos amigos as dificuldades posteriores do caminho: logo no ultrassom do primeiro trimestre, os médicos viram várias malformações importantes, provavelmente uma síndrome genética, mas ainda não dava para entender se seria ou não compatível com a vida. O ultrassom seguinte foi terrível para mim, porque a ginecologista passou quarenta e cinco minutos fazendo uma lista de todas as coisas que não estavam bem: o coração malformado, os pés tortos... até um ponto em que lhe perguntei, fervendo por dentro: «Mas sabemos alguma coisa do sexo?», para afirmar que aquele novelinho era já um filho. E a partir daqui nasceu em mim e na minha mulher a necessidade de sermos ajudados a olhar para essa criança com um olhar que não fosse o do mundo: nós éramos os primeiros que precisávamos ser olhados com verdade. Por sugestão de vários amigos, que viram esta necessidade em nós, mais ainda do que nós, recorremos a alguns amigos médicos do “Percorso Giacomo” de Bolonha, para que a gravidez fosse acompanhada também do ponto de vista clínico. Logo na primeira leitura do relatório, vimos a diferença no modo como nos trataram: olharam para o nosso bebê não como um erro da natureza, mas com o olhar do próprio Deus, fazendo até companhia à minha mulher, dizendo-lhe, por exemplo, para ficar calma porque o bebê no seu ventre não estava sofrendo. Depois aceitamos a proposta do Padre Antonio*

Sangalli (o carmelita que nos casou, de quem a nossa comunidade é muito próxima) de rezar uma novena com toda a nossa comunidade e escolhemos o Enzo Piccinini para pedir a graça. A notícia se espalhou e todas as noites nos conectávamos para rezar a novena de várias cidades, até da América. Diante desta provação, eu e minha mulher nos sentimos pequenos, a nossa fé não era certamente tão grande como a do centurião, mas era forte a presença de Deus no rosto dos nossos amigos transformados por Cristo. No dia seguinte ao fim da novena, fizemos o ultrassom de controle e descobrimos que o nosso bebê estava no céu. Perante esta notícia, surgiram em mim dois grandes desejos, pelos quais me senti um pouco traído pelo bom Deus: queria conhecer o rosto dessa criança e queria dar-lhe o que, meio timidamente, minha mulher e eu estamos tentando dar aos nossos outros dois filhos, a vida do Movimento e da Igreja. Foi precisamente na comunhão vivida até ao fundo da nossa vida conjugal que me foi revelado o nexo último de sentido relativamente a estes meus dois desejos. Uma amiga da comunidade, corrigindo-me, me disse: «Você já está vendo o rosto do seu filho, é o rosto d'Aquele que te deu ele e você está vendo-o em todos nós que rezamos por ele e por vocês». E depois o Padre Sangalli, numa conexão para dar um juízo que ele quis fazer com todos os que tinham feito a novena, disse-nos: «O filho de vocês é a nossa primícia no Céu e devemos rezar para ele porque ele pode interceder por nós. Embora ainda não tivesse olhos, já está olhando para Deus». Aí, percebemos que já estávamos dando a essa criança o que recebemos: um lugar, uma companhia onde se experimenta a medida exata do amor de Deus. O nosso filho foi objeto desse olhar no olhar dos nossos amigos para nós, e assim como um reflexo para ele, e ele próprio se tornou parte daquela «nuvem de testemunhas», cuja fé nesta circunstância também deu forma à nossa relação conjugal, fazendo-nos dizer de novo o nosso “sim” perante tanta graça. Quando nos casamos, o Padre Sangalli nos dizia: «Vocês não sabem o que os espera». Mas compreendo que esse “sim” fora de uma comunhão, ao longo do tempo, mesmo na relação afetiva, corre o risco de se desvanecer. Como foi dito na Jornada de Outubro, foi decisivo para mim e para minha mulher «aceitar que Outro se introduza entre mim e a realidade e torne possível a minha relação com



*ela». E esse Outro se torna imanente numa comunionalidade vivida, que quanto mais é vivida até nas questões íntimas e pessoais, mais torna possível a memória de Cristo e a experiência do cêntuplo. Vejo que esta comunionalidade toma conta de todos os aspectos da vida, torna imanente para você a relação com Cristo, dando um nexos de sentido. Um último e breve exemplo: a coleta de alimentos. Decidiram fazer uma festa para toda a comunidade, proposta pelos que fazem a experiência dos Colegiais junto com vários adultos. Envolvi-me com os jovens e aconteceu que uma menina disse uma coisa incrível. Mudamos a letra de Mattone su mattone (Tijolo sobre tijolo, Ndt): «Pacote sobre pacote... metade das minhas compras eu as dou a você». E ela disse: «Vamos mudar o “dou a você” para “para me fazer feliz”. Porque eu sou mais feliz fazendo isto». É nesta comunhão, mesmo com eles, que se revela um gosto maior em fazer as coisas.*

**Francesco Cassese.** Surgiram muitos temas, que reaparecem nas várias falas: a criatividade, a memória, a comunhão. Padre Paolo, pode nos ajudar a fazer alguns aprofundamentos? Ajude-nos a aprofundar o nexos das coisas.

**Padre Paolo Prosperi.** Muito bem, vou responder de improviso. Depois, talvez, ao preparar o resumo, eu faça algumas reflexões mais orgânicas sobre o assunto.

O primeiro *insight* foi inspirado pela pergunta sobre a criatividade feita pelo Simone no início. O tema me parece importante por muitas razões, entre as quais o fato de, se repararem, ser como se reunisse a provocação que o Papa nos lançou no dia 15 de outubro, quando nos convidou a fazer frutificar *criativamente* o carisma que recebemos, e a provocação que lançamos aqui em março, quando, ao nos centrarmos no trabalho, sublinhávamos que a tentação de idolatrar o nosso próprio *desempenho* depende do fato de que, com efeito, existe em nós o desejo de sermos criativos – a criatividade faz parte da nossa vocação –, como muito bem disse a Martina na sua fala. Nós não fomos feitos *apenas* para contemplar, para nos maravilhar com a beleza das obras de Deus e pronto. Não, somos feitos também para colaborar com o Criador no aperfeiçoamento

da realidade, somos feitos para gerar beleza (em março dissemos, citando Tolkien: somos feitos para ser subcriadores.<sup>2</sup>

Bem, tentando aprofundar um pouco esta questão, gostaria de tomar como ponto de partida uma pergunta que pode parecer banal, mas que, pelo contrário, me parece decisiva (uma pergunta que nos remete, para dizer a verdade, para o que já foi dito na palestra sobre o trabalho): qual é a diferença entre a minha criatividade, entre a nossa criatividade e a criatividade de Deus? A palavra *criatividade*, com efeito, é ambígua (não é por acaso que só com o romantismo se tornou tão importante no imaginário coletivo do homem ocidental). É ambígua porque é fácil interpretar essa aspiração, esse desejo de criatividade que grita dentro de nós – podia-se dizer: tal como há em nós uma necessidade indelével de beleza e de verdade, também há em nós uma necessidade indelével de criatividade: é a objetividade do coração! –, obliterando, por assim dizer, um fator inexorável da realidade (enquanto a razão é a abertura à realidade na *totalidade* de seus fatores, como sabemos). Que fator? Já o dissemos em março: o fato de eu não poder criar a partir do nada. Tudo o que faço, faço-o a partir de um receber – sou, antes de tudo, um “recipiente”, um receptáculo. Só abrindo-me a receber é que posso também tornar-me generativo, criativo. E é isso que faz a diferença entre mim e Deus. Só Deus – diz a teologia – cria “a partir do nada”. É isto o que me distingue de Deus, que distingue a criatura do Criador. Aliás, na verdade, há um sentido em que o que é verdade para nós é também verdade para Deus. Porque se considerarmos que Deus é uno, mas também é Trino, isto é, é comunhão de Pessoas, então percebemos que nem mesmo Deus cria solitariamente. Mesmo a criação de Deus, que é o Único que cria “do nada”, é na realidade o transbordamento ou a *irradiação*, para usar o termo usado pela Martina, de uma “Amizade”, de uma reciprocidade amorosa, daquele jogo de “dar e receber” que é constitutivo do amor entre as pessoas. De fato, poderíamos dizer

---

<sup>2</sup> Cf. “3. Na raiz do mal-estar: o *self-made man* e o esquecimento de Deus *tudo em tudo*”, in “Constituíste-o acima das obras de tuas mãos”, Assis, 23-26 de março de 2023, pp. 5-8, [clonline.org](http://clonline.org).

que Deus é o primeiro paradigma desta “estrutura”, desta “mecânica” da criatividade, ou melhor – para usar um termo ainda mais bonito – da *generatividade*.

Então, que implicações tem tudo isto, que talvez para alguns pareça apenas teologia “abstrata” (quando não o é de todo), de um ponto de vista existencial? Que implicações tem para nossa experiência, para nossa vida? Há uma lindíssima passagem de uma *Tischrede* – intitula-se «Ser criança» e podemos encontrá-la em *L'autocoscienza del cosmo*<sup>3</sup> – em que Giussani responde, de certa forma, a esta pergunta. E o faz de uma forma paradoxal, ou seja, de uma forma que, numa primeira leitura, parece desmentir a ideia de que é correto desejar ser criativo, quando, na verdade, não é o desmente de todo. É antes uma indicação do verdadeiro caminho para a criatividade, para a fecundidade. Diz ele: «Não devemos preocupar-nos em exprimir-nos, devemos preocupar-nos em aprofundar o maravilhamento, porque aprofundar o maravilhamento conduz a uma expressão adequada de nós mesmos; ao passo que se nos esforçarmos por encontrar a expressão de nós mesmos, encontraremos cada vez mais expressão de nós mesmos. [...] Não nos é pedido que procuremos a nossa expressividade, é-nos pedido que aprofundemos o maravilhamento de onde brota a expressividade. A expressividade, ou seja, a fecundidade, nasce de um amor; e o amor é o encanto por um Presente que é acolhido e abraçado, reconhecido e aceito».<sup>4</sup>

Que bonito: «Você não tem de se preocupar com ser criativo, expressivo. Tem de se preocupar com aprofundar o maravilhamento». Por quê? Porque a criatividade é, na verdade, proporcional, por assim dizer, ao maravilhamento amoroso que experimentamos, ou seja, à ação sobre nós da Beleza de que bebemos, e não ao produto do nosso próprio esforço. Qual é a diferença entre um *fruto* e um *produto*?<sup>5</sup> O produto é a aplicação de uma

<sup>3</sup> L. GIUSSANI, *L'autocoscienza del cosmo*, Milão: BUR Rizzoli, 2000, pp. 199-212.

<sup>4</sup> *Ibidem*, pp. 204-205.

<sup>5</sup> Não é por acaso que São Paulo prefere falar do *fruto* do Espírito Santo, quando fala da ação da graça em nós, enquanto fala das *obras* da carne, quando se refere ao pecado, ou seja, precisamente a ação de um eu sozinho: «Mas as obras da carne estão à vista. São estas: fornicção, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias,

técnica para atingir um determinado objetivo (é você quem domina, gere, manipula as coisas para fazê-la ir para onde quer). O fruto, pelo contrário, é o efeito espontâneo e, de certa forma, imprevisível, *a priori* inimaginável, da sua abertura a um dom, da impressão deixada em nós pela Beleza que contemplamos e que nos “arrebata”. Pensemos na dinâmica da maternidade humana: uma mulher gera um filho (é esta, pelo menos, a dinâmica natural, aquela que, creio, mais corresponde ao coração de todas as mães aqui presentes), no impulso do amor pelo homem que ama. Quando a dinâmica não é esta, percebemos (talvez sem sabermos dizer por quê) que há algo de dissonante, que destoa. Por que há algo de dissonante na inseminação artificial? Só porque se violam as “leis da natureza”? Não, ou melhor, sim, mas no sentido de que nesta lei da natureza está inscrito algo muito maior e mais profundo do que um dado biológico: o fato é que, quer queiramos quer não (ou seja, independentemente das nossas intenções), com a inseminação artificial transformamos o que deveria ser o *fruto misterioso* de uma reciprocidade de amor, no produto de uma técnica, ou seja, no produto do meu e do seu *ato de vontade*, que a tecnologia nos dá os meios para satisfazer. Mas isto significa precisamente eliminar aquele “ser-fruto do amor” que, pelo contrário, deveria pertencer à memória genética de cada ser humano. Significa atentar contra a verdadeira natureza da fecundidade, tal como Giussani a descreve no excerto citado acima. Significa ceder à mentalidade do *self-made man*, de que se falou em março, *quer se queira quer não*. Dá para entender? A verdadeira generatividade, pelo contrário (este é o primeiro ponto sobre o qual quero insistir), é fruto do fato de eu me deixar continuamente re-atrair por um “presente”, diz Giussani, que me fecunda continuamente. Que “presente”, que Presença? A Presença de Cristo. Você gera na medida em que bebe continuamente da Fonte do maravilhamento, ou seja, de Cristo presente.

---

ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas. Por seu lado, é este o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade» (Gal 5,19-22).

Começamos assim a entender onexo que existe entre a *generatividade* e a *memória*, e entre a *generatividade* e a *comunhão*. De fato, o nexo entre *generatividade* (ou expressividade, é a mesma coisa) e *memória* coincide com o nexo entre expressividade e maravilhamento amoroso, porque a função da memória na nossa vida é precisamente alimentar e aprofundar o maravilhamento. Mas a memória, diz Giussani no segundo ponto do prólogo, encontra por sua vez o seu alimento decisivo na comunhão, numa amizade vivida, como bem disse a Martina.

Fica assim um pouco mais clara, pelo menos assim me parece, a relação entre as três palavras que o Camu me pediu que aprofundasse. A chave central da questão, a meu ver, está naquela frase de Giussani que citei, ou seja, na ligação entre maravilhamento e expressividade, entre receptividade e fecundidade.

Eu me torno gerativo – podemos resumir – na medida em que me deixo arrastar para o vórtice de *uma amizade que me agrada*. Só depois é que me torno realmente gerativo – primeiro ainda através do meu maravilhamento, diria eu, do que mesmo através do que faço: o que é que me conquistou primeiro no meu encontro com Dom Giussani? Voltarei a este assunto na palestra, mas quero antecipá-lo: os seus olhos de maravilhamento. A primeira forma como Dom Giussani me “gerou” foi através do testemunho do seu maravilhamento, dos seus olhos abertos a Outro, cheios de Outro.

Ora, para evitar qualquer interpretação sentimental ou demasiado “mística” do que acabo de dizer, acho importante frisar que esta lei, antes da vida de fé, já se aplica no nível humano, aplica-se um pouco em todos os domínios em que a nossa razão, os nossos afetos e a nossa imaginação são postos em jogo. O relato do Simone é um bom testemunho disso.

É evidente que a mulher de Simone pode ter tido a ideia de fazer um trabalho sobre Grossman com os prisioneiros, não porque tenha se sentado e dito: “Vamos lá ver, vou ver todos os livros do mês da história de CL e encontrar o que posso usar para impressionar esses caras”. A dinâmica – corrija-me, Simone, se estiver enganado – foi provavelmente diferente: a sua mulher pensou em Grossman, simplesmente porque ela, em *primeiro lugar*, ao ler Grossman, tinha

ficado impressionada, fascinada, edificada. Ela pensou em Grossman porque a leitura de Grossman a tinha *alimentado*. Estão entendendo? Nós, pelo contrário, muitas vezes (e digo isto quer enquanto professor, quer enquanto padre) corremos o risco de inverter a ordem dos fatores, por assim dizer. Por exemplo: como tenho de pregar, isto é, tenho de preparar esta e aquela homilia, este e aquele retiro, então leio o Evangelho e as Escrituras, medito sobre os textos que medito, apenas com a vontade de encontrar coisas para dizer aos outros, pistas que me permitam fazer um bom sermão, uma boa palestra. Pelo amor de Deus, a dinâmica é inevitável (e é um dever de caridade preparar-se bem). Mas se um padre lê o Evangelho só para isso, ou um professor de italiano lê Manzoni e Leopardi só para isso, então se matam dois coelhos com um cajadada só: primeiro, perde-se o sabor, o alimento que só a leitura calma, pelo gosto *puro* e *gratuito* da aprendizagem, pode dar; segundo, prega-se mal, porque afinal o que se diz só pode tocar o coração dos outros se nascer do nosso maravilhamento pessoal, do nosso amor pessoal e “desapaixonado” por aquilo de que estamos falando. Mas como é que se pode estar cheio de admiração, se o que se comenta é uma página que se lê às pressas, na ânsia de encontrar algo para dizer?

Daí a importância daquilo que nós, padres, chamamos de *preparação remota*. O que significa *preparação remota*? Significa que, no próprio silêncio, se deve procurar salvaguardar sempre, se for possível (porque às vezes é impossível!), um espaço dedicado à leitura de coisas que não se leem por motivos pastorais (ou seja, porque se está preparando este ou aquele discurso), mas pelo puro prazer de aprender algo novo, isto é, precisamente com o objetivo de «aprofundar o maravilhamento». Quanto mais se faz isto, mais, com o tempo, percebemos que precisamente esse tempo *gratuitamente* dado ao aprofundamento do maravilhamento, precisamente esse tempo que parecia “desperdiçado” – divina ironia! – acaba por ser o mais produtivo, porque toda a riqueza do que você aprendeu em horas e horas de “estudo gratuito” (*studium* em latim significa paixão), a certa altura volta a sair e fertiliza todos os seus sermões, todos os discursos que tem de fazer, das formas mais surpreendentes e até... divertidas!

Em resumo, o primeiro ponto que queria ressaltar é o seguinte: tornamo-nos fecundos não nos preocupando em ser fecundos; tornamo-nos fecundos aprofundando o maravilhamento. Como isto é verdade também em relação às responsabilidades que alguns de nós podem ter no Movimento! Penso que é uma experiência conhecida por muitos. Começa-se talvez dominado pela gratidão pelo encontro que se fez, cheio de entusiasmo como uma criança. Mas depois, com o passar do tempo, é como se a responsabilidade que se tem (falo no Movimento, mas o mesmo é válido com os filhos) e, portanto, a preocupação de “poder comunicar”, engolisse, devorasse a primazia do maravilhamento, a primazia do acolhimento, que é, pelo contrário, o segredo da verdadeira fecundidade, ou seja, de uma comunicação que não é a repetição de um discurso aprendido de cor, mas é o transbordar de uma água “viva” que jorra sempre nova dentro de você, porque você a volta sempre a tirar do Poço.

Passemos agora ao segundo *insight*, que por sua vez me foi inspirado pela fala da Martina (na verdade, já tinha antecipado antes o que queria dizer, quando a interrompi). É verdade, como disse a Martina, que a fecundidade é a irradiação de uma amizade que enche a nossa vida. Há, no entanto, ou assim me parece, outro lado da moeda. De onde nasce a capacidade de originalidade na proposta que se faz? A resposta que demos até agora é: do fato de se continuar a recorrer à Origem. No entanto, não é só por isso. Se alguém tem de ir à China, não lhe basta aprofundar o seu maravilhamento. Tem também de aprender chinês, ou não? Impõe-se então a pergunta: onde está a capacidade de “traduzir” o dom do carisma numa *linguagem* adequada ao contexto em que nos encontramos, que pode ser um contexto muito diferente daquele em que Dom Giussani trabalhou, em que o Enzo Piccinini trabalhou, etc.? A resposta me parece clara: da escuta do contexto ambiental, da escuta humilde e corajosa das vozes que enchem o ambiente em que somos chamados a viver e a testemunhar a fé.

Pensemos nos desafios culturais sem precedentes que enfrentamos hoje: não são os mesmos dos anos 50 e 60, quando Dom Giussani ensinava no Berchet de Milão. Dom Giussani, por exemplo, nunca tratou do tema, especificamente, da afetividade (embora falasse

dela, e dissesse coisas muito profundas sobre ela); não falou especificamente da relação entre homem e mulher (ainda que hoje já não possamos tomar o *o* e o *a* como garantidos). Daí a sentença, que já ouvi muitas vezes (e que num contexto como o de cinquenta ou quarenta atrás ou mesmo trinta anos fazia todo o sentido, note-se): é uma perda de tempo falar destas coisas, é moralismo, é falar de coisas secundária, de consequências morais. Giussani, pelo contrário, nos educou a nos concentrarmos no essencial, ou seja, por um lado o senso religioso e, por outro, o anúncio do Acontecimento de Cristo. O resto é corolário. Longe de mim contestar isto. A primazia do essencial pertence ao DNA do nosso carisma.

Por outro lado, basta abrir um pouco os olhos para entender que o tema afetivo tem hoje uma dimensão diferente do que tinha há 50 anos, porque o que está hoje em discussão é a ontologia da pessoa humana – *o ser da pessoa*, não a “moral”, não as “regras”. O que é que significa *ser homem e ser mulher*? É preciso admitir que não é só para os “outros”, de fora, mas também para os nossos próprios jovens que a resposta já não é tão pacífica. Pensemos em toda a polémica que se gerou nos últimos dias após a morte da pobre Giulia Cecchettin. Num contexto em que o poder procura, de forma tão martelante, inculcar na cabeça dos jovens uma interpretação ideológica precisa da diferença (ou melhor, da *não diferença!*) entre homem e mulher, não se pode fingir que nada se passa, não se pode pensar em educar como se esta questão não existisse. Será que tentar entrar nesta questão significa trair o carisma? Acho que não. Pelo contrário, significa aceitar o desafio que o presente nos lança. O carisma, como insistiu o Papa, não é uma coisa separada do espaço e do tempo – uma doutrina imutável e supratemporal, um discurso idêntico a si mesmo em tudo e para tudo. Exige um trabalho de releitura contínua, de apropriação criativa. Por exemplo: como é que a experiência de fé que vivemos nos ajuda a fazer um juízo original sobre o gênero, ou sobre a utilização correta das novas tecnologias? Não basta repetir sempre e apenas o que Giussani já disse. É preciso ter o gosto, a paciência e a coragem de nos perguntarmos que luz é que o carisma que recebemos lança sobre as novas questões que o presente nos apresenta.



Ora, em que consiste, concretamente, este trabalho de apropriação criativa?

Para resumir, sublinharia dois aspectos: primeiro, ajudarmo-nos mutuamente – porque este é um trabalho que somos chamados a fazer em conjunto – a tornar cada vez mais claro o essencial, ou seja, o núcleo *inalienável* do carisma, por assim dizer. Se eu não souber o que é *essencial*, não serei sequer livre de o “traduzir” para uma nova forma, abandonando formas que não são essenciais. Quando tive de me mudar da Rússia para a América, tive de escolher que livros levar comigo e que livros deixar para trás, porque não podia levá-los todos. Teria sido uma despesa insuportável. No entanto, esta circunstância em parte triste (os meus livros e os meus CDs!) me obrigou a esclarecer a mim mesmo quais eram os meus livros mais importantes e quais eram aqueles de que podia abrir mão. O mesmo se dá, acho, em relação ao carisma. A alteração das circunstâncias, pondo-nos em crise, é sempre uma oportunidade de crescimento, porque nos obriga a tomar consciência mais claramente (*crise* em grego significa juízo!) do que é realmente essencial, ao mesmo tempo que nos dá a liberdade de “morrer” para “renascer” na nova situação.

Segundo aspecto (a que aliás já me referi): este renascimento depende também da escuta das novas circunstâncias, ou seja, da humildade e da paixão com que, por exemplo, me deixo ferir e interpelar pelas perguntas dos jovens que encontro na escola (se for professor). Não basta (embora seja a *primeira* coisa!) que eu esteja à escuta do que me gera, para que eu seja criativo. A esta primeira “receptividade” deve associar-se uma segunda: escutar o ambiente que me rodeia no *presente*. Imaginemos que a mulher do Simone, diante da incapacidade dos seus detentos de compreenderem o que quer que fosse sobre Grossman, se esforçava em explicar-lhes Grossman como tinha pensado fazer no início. Todos jogando dados e ela continuando, continuando sem se perturbar, sem mudar nada na sua forma de explicar. O problema da nossa amiga, neste caso, não residiria na sua falta de paixão por Grossman, e sim na sua falta de atenção para com os prisioneiros!

**Elena.** *Tenho uma pergunta, que resumo da seguinte forma: qual é a relação entre o sucesso virtuoso no trabalho e a vocação? Por “sucesso virtuoso” entendo a resolução de problemas, a contribuição para a construção do local de trabalho onde nos encontramos e não para a sua destruição. O ano passado, do ponto de vista profissional, foi muito difícil para mim. Faço um trabalho de que gosto e não o trocaria por nada neste mundo. Ensino literatura no ensino médio. Mas passei por um ano muito difícil, de tal forma que a certa altura disse a mim mesma: «Mas eu quero resolver problemas, não quero criá-los». E em relação ao lugar onde trabalho, que é uma obra, quero construí-la. Num determinado momento, aconteceu uma coisa que virou tudo de pernas para o ar: um amigo muito querido dos Memores Domini, que trabalhava comigo desde o início, me disse: «Conheci a Rose Busingye, que estava aqui na Itália, tive uma conversa com ela e ela me fez esta pergunta: “Você, com tudo o que é, quer aprofundar a sua vocação?”» Quando ele me contou isto, eu disse: «E então?» E ele: «Disse-lhe que sim, vou trabalhar em Uganda, no colégio Luigi Giussani». Isso, junto com todos os meses que se seguiram, até à sua partida, e ainda hoje, quando falamos e trocamos impressões, foi a coisa que mais me fez sair da posição em que estava, porque é como se tivesse mudado o meu foco. Também eu me pus esta questão: será que eu, com tudo o que sou, quero, através do meu trabalho, aprofundar a minha vocação, isto é, a minha relação pessoal com Cristo? Isso revirou literalmente a minha posição, porque...*

**Padre Paolo Proserpi.** Isso é interessante. Por quê?

**Elena.** *Porque comecei a querer resolver os problemas. Não é que, não conseguindo resolver os problemas, eu tenha ido embora, para outro local de trabalho, mas fiquei lá, cheia de convicção, e comecei a olhar para os problemas de outro ponto de vista. Mas, com o tempo, percebi que o ponto de vista que tinha inicialmente era: como é que se resolve isto? Qual é o verdadeiro problema? O que é que está certo? Como podemos melhorar isto e aquilo? Agora, depois deste fato, o ponto de partida é outra questão: através do que faço, estou interessado em aprofundar a minha relação pessoal com Cristo, ou seja, a minha vocação?*

**Padre Paolo Prosperi.** E por que a contraposição? Por que tentar resolver problemas não haveria de ser um aprofundamento da sua vocação? Ajude-me a entender melhor o valor acrescentado ou mesmo crítico da segunda coisa em relação à primeira.

*Elena.* Eu intuo que não estão em contraposição. Descobri que, na minha experiência, não estou em contraposição, de tal modo que estou em paz e feliz onde estou. Intuo que isso também tem a ver com a minha vocação, ou seja, com o ponto exato da vida em que estou. Mas é como se, a certa altura, do ano passado até hoje, por causa do que me aconteceu, é como se percebesse que, por vezes, desloco o centro de gravidade para o que, através das minhas ações virtuosas, consigo alcançar, para o resultado... ou seja, para uma imagem que tenho de construção, ainda que positiva, de bem.

**Padre Paolo Prosperi.** Então, está dizendo, perguntando: que relação existe entre esta busca da perfeição da ação, do fazer o bem (e, portanto, de nos ocuparmos, de gastarmos o tempo e toda esta dinâmica) e a pergunta da Rose, de que o objetivo da ação é aprofundar a minha relação com Cristo? O que essas duas coisas têm a ver uma com a outra? Como se relacionam? Como é que a segunda traz algo de novo à primeira? É assim? Será que entendi bem?

*Elena.* Muito bem. Porque eu não quero viver o trabalho como todo mundo, não me interessa.

**Padre Paolo Prosperi.** Gostaria de manter esta questão em aberto, porque espero que da palestra possam surgir indícios de resposta para ela. Caso contrário, voltaremos ao assunto.

*Davide.* Vou começar pela questão central da criatividade, também em relação ao que o padre Paulo disse – «que contribuição Cristo dá?» – contando um pouco da minha experiência profissional. Sou formado em engenharia civil e em arquitetura. Trabalhei desde o início na empresa fundada pelo meu pai. Desde pequeno que sempre senti em mim uma vocação humanista, mas devido a várias questões

*eu fiz engenharia. A vida foi como um trem, e eu subi: tive sempre, quase automaticamente, a ideia de prosseguir a atividade do meu pai. Mas esta minha paixão pela poesia, pela literatura, pela arte nunca se extinguiu, continuava ali. Por isso, vivi sempre esta forte contradição interna e costumava dizer a mim mesmo algo assim: «Bem, no fundo você é engenheiro para viver, e depois cultiva o que é, sua paixão, de outra forma, nos tempos livres». Mas permaneceu sempre em mim um sutil mal-estar, que foi ficando cada vez mais forte, porque, ainda assim, estamos no escritório oito horas por dia e estamos integralmente envolvidos em algo que, no fim das contas, não nos corresponde. Por isso, muitas vezes eu dizia a mim mesmo: «Se o Senhor me dá isto, tenho de ficar aqui», o que teoricamente era verdade, mas hoje entendo que era sobretudo uma forma de não olhar em profundidade para esse mal-estar. O que sempre me encantou no Movimento e me encanta ainda hoje é a maneira como Giussani – através das pessoas que conheci – olhou sempre para o meu humano. Não como um obstáculo, mas como um valor, como um caminho (ou seja: o nosso modo de ser é uma contribuição, não um acidente). E, ao mesmo tempo, a forma como olhava para a realidade (ou seja, Deus te chama não de maneira abstrata, mas no seio das circunstâncias, mesmo das que você não escolheria de forma imediata). O que aconteceu? Outro aspecto que sempre detectei em mim, paralelamente a esta “vocação” humanista, era uma curiosidade, um fascínio no lidar com os jovens. Então disse: «Vamos começar a verificar isto. Será que isto é apenas um sonho? Será que é apenas um erro do sistema?» Pelo percurso de estudos que fiz, podia ensinar História da Arte, por isso fiz o concurso e este ano estou dando aulas [aplausos]. Descobri que a criatividade que Cristo gera em mim é a forma como fui capaz de olhar para o meu humano, com a ternura de alguém que te diz: «Você não está errado». E, por outro lado, a possibilidade de não fugir da realidade, mas de estar presente mesmo quando ela não corresponde; e assim não fugi do trabalho, mas fiz tentativas de olhar para as respostas que o Senhor me dava. Como é que esta criatividade se gerou em mim? Como um fruto inesperado. Eu só fiz uma coisa, fiquei ligado, com todas as minhas limitações, a um lugar onde me é dado continuamente este olhar sobre o meu humano: «Não, aos 38 anos você não está louco, pode mudar*

*de trabalho, talvez o Senhor te chame para alguma coisa, porque o seu humano, a sua forma de ser, é uma contribuição».*

**Francesco** É um tema interessante, principalmente porque é importante não ignorar essa “contradição”, essa possível tensão entre dois polos: por um lado, a realidade que nos pede para irmos numa determinada direção e, por outro, as exigências que persistem no tempo e não param de pressionar. Esta tensão nos abre a uma relação. É por isso que, sem negligenciar nenhum fator emergente, a nossa iniciativa pode tornar-se uma espécie de “namoro”, ou seja, testamos uma nova hipótese, examinamos, em obediência às condições que vão surgindo à medida que avançamos. A isso se chama *realismo*. Mas este realismo não é uma fotografia impressa, é uma relação emocional. Vem-me à memória o episódio que Pier Paolo Bellini nos contou aqui em Assis: «Finalmente, acabei de me formar em Composição. Mas em maio, o meu amigo Enzo Piccinini morreu num acidente de carro. Tudo tinha começado com ele. Para ele, decidi escrever uma peça para coro sobre o texto do salmo que ele amava. Mostrei-a a Gius: “Sim. É muito bonita! Muito”. “Ouça, Dom Gius, preciso lhe fazer uma pergunta. Batalhei durante dez anos para me tornar, digamos assim, um Mozart... Eu me tornei capaz de escrever música e gosto disso. Mas o mundo não está à procura de compositores, e a minha família está crescendo... o que acha?” Ele olhou para mim com aqueles olhos vivos e experientes: “Widmer (era assim que me chamava), quero tentar ajudar você, antes de tudo, a entender. Na vida, há dois tipos de acontecimentos: as ocasiões e as necessidades. O mundo pensa que nos realizamos aproveitando as ocasiões. Nós, pelo contrário, pensamos que é sobretudo através das necessidades que alguém pode se realizar. Por isso, vou pôr as coisas em ordem para que seja mais fácil tomar as suas decisões. Primeiro: sua família e suas necessidades. Segundo: suas responsabilidades para com a Igreja e o mundo. Terceiro: o que resta”. Que ordem! Até a possibilidade e o desejo de experimentar o que eu queria estavam lá. Mas a frase com que se despediu tornou-se para mim o auge da arte e da libertação: “São as duas primeiras coisas que devem tornar-se música!”»

**Padre Paolo Prosperi.** Et de hoc satis.

***Matilde.** Nasci numa família do Movimento. Meus pais eram amigos de Giussani, e eu, enquanto estava em casa, respirava toda a plenitude do que é o Movimento. Tive uma vida bonita: seis irmãos, uma casa cheia, a possibilidade de estudar. Casei-me antes de terminar o curso e tive a dádiva de três filhos. Recebi tudo da vida. Tudo quer dizer tudo, e eu fui sempre feliz. Depois, de repente, tudo me foi tirado: aos quatro anos, minha segunda filha adoeceu com uma doença incurável. De um dia para o outro, tudo o que o bom Deus me tinha dado foi tirado. E eu e meu marido tivemos de recomeçar a viver, a reaprender a viver, do zero, a aceitar todos os compromissos que esta nova situação exigia e exige. Senti que me faltava tudo. Sinto que me falta tudo. Agora estamos aproximando-nos do terceiro ano de doença, que tem sido uma subtração contínua no corpo da minha filha... Mas queria dizer uma coisa: eu achava que tinha as ferramentas para saber viver, achava que conseguia aguentar tudo (com as ferramentas do Movimento, de ser cristã, de ser amada, de amar), mas quando me senti morrendo, Deus tomou a iniciativa comigo. Nem sempre estive disposta a dizer “sim”, é difícil dizer «tanta dor e tanta graça», mas se respondermos à iniciativa d’Ele, cada dia que Ele tira alguma coisa da minha filha, e que também tira de mim, somos iluminados por uma paz que nos permite, pelo menos, estar diante d’Ele.*

**Padre Paolo Prosperi.** Bem. Por um lado, por mim eu ficaria calado depois de ter ouvido essa sua fala. Por outro lado, é a única fala sobre a qual desejo vivamente dizer alguma coisa. As duas coisas são verdadeiras, digo com sinceridade.

Por isso, vou dizer o seguinte. Conhecendo um pouco a sua história, ainda que indiretamente, quero começar por lhe dizer que fiquei muito impressionado com a forma como falou do teu sofrimento na nossa frente. Impressionou-me porque corresponde plenamente à experiência paradoxal da dor e do sofrimento, tal como (certamente em menor escala) também me foi dado experimentá-la. Como um caminho para a Verdade, que no entanto passa por uma espoliação vivida plenamente, sem descontos.

Entrando na questão: a primeira coisa que me impressionou no que você disse foi aquela expressão sobre a qual se deteve (acho que não por acaso) de uma forma quase insistente: «Tudo me foi dado e tudo me foi tirado». Gostaria também de lhe dizer por que me impressionou. Impressionou-me porque – falo principalmente para quem nunca viveu nada parecido com o que você viveu e está vivendo – a primeira objeção às suas palavras que pode surgir na mente de quem a ouviu é: «Mas como? Não te foi tirado tudo. Você tem outros filhos, tem muitas outras consolações». Entenda bem: eu concordo com você (partindo do princípio de que temos o direito de “concordar” com quem fala daquilo de que você fala). Mas acho importante ter em consideração esta objeção, precisamente para fazer sobressair a misteriosa grandeza, a misteriosa profundidade da experiência de que você falou, que eu tentaria descrever assim: ante um Deus, ou pelo menos ante uma realidade (cuja origem última é Deus) que te tira alguma coisa, aliás alguém que você ama profundamente – algo verdadeiramente sagrado como uma filha –, não é apenas esse bem particular que lhe é tirado, que parece que lhe é tirado. É como se realmente tudo lhe fosse tirado. Por quê? Por que é que tudo lhe é tirado? Porque o fato de a sua filha lhe ser tirada – mais: o fato de que a sua filha inocente tenha de sofrer, parece uma injustiça intolerável. Parece uma coisa sem sentido. Mas se não consigo encontrar o sentido *desta* coisa, então me é tirado o sentido da *justiça* de tudo, ou seja, me é tirada a percepção de que Deus é um bom Pai, a percepção de que Deus me ama e de que toda a vida, toda a realidade tem, em última instância, um sentido belo e bom. Disse-o bem Dostoiévski, em *Os irmãos Karamázov*: uma única lágrima de uma única criança inocente é suficiente para pôr em dúvida o sentido do universo. A dor de uma única criança é suficiente para abalar a certeza de que o mundo faz sentido, de que a vida faz sentido. E é por isso que tudo o que estamos lendo nos jornais, por estes dias, sobre o caso da Giulia é tão redutor, sem querer negar, pelo amor de Deus, a gravidade do fenômeno dos feminicídios e outras coisas. Mesmo que fosse verdade que a morte trágica da Giulia é imputável ao flagelo do patriarcado e do machismo típicos do nosso país atrasado (o que não

acredito), o que é que isso muda? Basta dizer isto para dar sentido à morte da Giulia? Mesmo que a morte da Giulia desencadeasse um movimento que levasse ao fim do feminicídio na Itália, o que em si mesmo é muito desejável, seria isso suficiente para justificar o que ela sofreu? Evidentemente que não. Portanto, é justo, é humano, é natural e até – se me permitem a expressão – giussariano esse movimento de revolta que você, Matilde, descreveu – esse movimento de revolta que a levou *quase ao limiar* da blasfêmia. Não se trata de irreligiosidade, paradoxalmente (os Salmos estão repletos de gritos aparentemente irreverentes a Deus). É, antes, o sinal de uma razão que olha de frente todos os fatores da realidade, sem negar nenhum deles. Ou seja, de uma razão que, partindo da certeza de que Deus é bom, porque “me deu tudo” (portanto uma certeza razoável, porque fundada numa experiência), esbarra com um fato da realidade que parece pôr em xeque esse juízo, provocando como que um curto-circuito: as peças do quebra-cabeça não se encaixam, há uma peça que não encaixa. Não encaixa, não há nada a fazer! Daí a revolta. Por outro lado, podemos e, na minha opinião, devemos também olhar para ela do lado oposto, para compreender o seu grande mistério. Ou seja: atenção, a revolta não surge *simplesmente* do fato de me acontecer uma coisa terrível. Se não esperássemos nada de bom, se não se presumíssemos que tínhamos o direito de esperar o bem d’Aquele que está na origem da realidade, não nos revoltaríamos quando os males caíssem em cima de nós, porque não veríamos neles nenhuma injustiça. Por isso você, Matilde, se revolta perante a doença da sua filha, porque esse fato choca com todo o bem e o belo que você viu na sua vida e que te levou a acreditar que Deus é bom. Ora, qual é a posição verdadeiramente humana, isto é, a posição que salva inteiramente a estatura do humano, numa situação assim? Foi o que você testemunhou. A posição mais humana, isto é, mais razoável, é a de quem, mesmo perante uma situação tão chocante, não desiste de olhar de frente toda a realidade, sem negar nenhum dos seus fatores. É a posição de quem não faz como a avestruz, isto é, de quem não fecha os olhos a um lado ou a outro da realidade, mas a olha de frente em sua totalidade, que foi o que você fez: “Eu não nego todo o bem que vi e vivi”, você nos



disse, “mas não consigo abafar, defender-me da dor que este fato misterioso e terrível me causa, da revolta que me sobe por dentro. Estou diante destes dois ‘pedaços de realidade’ – tudo me foi dado e tudo me foi tirado – que não sei como compor em unidade. Não sei como lidar com este contraste, não sei como chegar a uma síntese, sozinha não chego lá”.

Ora, qual é a ação para a qual flui – deve fluir! – um uso tão leal e corajoso da razão como o que você testemunhou? Chama-se *grito*. Chama-se grito, súplica ou grito. E, de fato, o grito lançado para o Céu, para o Mistério divino que está no fundo das coisas, é a figura máxima do que é, na minha opinião, a expressão mais elevada e mais pungente da poesia do mundo pré-cristão, nomeadamente a tragédia grega. Onde reside a grandeza da tragédia grega? Está precisamente em documentar a trajetória, o caminho da razão que descrevemos e que a Matilde nos testemunhou: por um lado, o homem grego vê um mundo cheio de luz, de ordem, de beleza, de racionalidade – o que o leva a dizer, com o coração cheio de admiração: sim, há a marca de um Bem na realidade. Por outro lado, vê também a realidade da morte e da dor – sobretudo a realidade incompreensível da dor inocente. Os inocentes sucumbem. Por quê? Mitya Karamázov também fará seu o mesmo grito, no famoso sonho da aldeia em chamas: por que aquela criança está chorando? Por quê?! Não sei! Mas não posso negar o bem porque também existe o mal. E então grito. Grito! A resposta a este grito – que é, aliás, o mesmo grito de Jesus na cruz: por quê? Por que me abandonaste? – só pode vir do Alto, de Outro. Não posso fabricá-la eu. Eu só posso pedir, gritando. E então dá para entender em que sentido uma dor tão grande pode se tornar verdadeiramente um caminho para a Verdade. Caminho não no sentido – como muito bem disse a Matilde – em que a gente se apressa, como que para amortecer e conter a dor, a chamar a dor de “graça”. Como é fácil ceder à tentação de chamar de “graça” essa dor depressa demais, só porque, no fundo, se tem medo de olhar encarar o rosto do «horrendo e imenso abismo» – para citar o nosso amigo Leopardi – diante do qual certas provações têm o poder (e talvez o objetivo?) de nos colocar. Por outro lado, se o Senhor permite que nos aconteça uma coisa tão terrível, talvez seja precisamente para que eu fique

tão desprovido de respostas, tão perdido, que não possa fazer outra coisa senão gritar por Ele noite e dia. É tão fácil usar o nome de Jesus para resistir sutilmente ao modo como Jesus nos atrai a Si (paradoxo irônico), ou seja, para nos defendermos dessa dor, dessa ferida que pode, pelo contrário, tornar-se o motor mais potente de uma relação com Ele finalmente verdadeira, finalmente ardente, uma relação que penetra a carne e o sangue no decorrer dos minutos, das horas, dos dias. «É preciso sofrer – dizia o grande Mounier – para que a verdade não se cristalice em doutrina, mas nasça da carne».

É sobretudo neste sentido, parece-me, que temos o direito de chamar de *graça* as experiências tremendas como a da Matilde. Depois, a dada altura, quando Deus quiser, acontece que percebemos que Deus não é totalmente surdo aos nossos gritos. Percebemos – lentamente ou numa bela manhã, de repente – que o nosso olhar para a dor da nossa filha está mudando. Percebemos que somos capazes, nem sequer sabemos como, de ver a dor dela como uma associação misteriosa com o sacrifício de Jesus na cruz (são os olhos da fé de que falava a Jone na Jornada de Outubro). Mas este ver só é uma *experiência verdadeira* (e não uma forma de autossugestão consoladora), quando desabrocha em nós como milagre, isto é, como resposta do Espírito ao grito do coração, às lágrimas de um coração que implora com verdade, que luta com o Mistério no prolongamento das horas e dos dias. A fé não é renúncia à razão. É antes uma flor de graça – dizia Dom Gius – que “desponta” no limite extremo da razão. Bem, chega, já falei muito.

*Matteo. Faço só uma pergunta porque o trabalho desta manhã me impressionou muito, especialmente a insistência na criatividade. Vou tentar não dar um exemplo, depois, se não der para entender, dou um exemplo. Quando se trata de arriscar, percebo que muitas vezes fico preso ao fato de que a consciência de ser feito por Outro, isto é, a consciência de depender de Outro a quem estou respondendo (como dizíamos em março), é como se, em vez de me fazer sentir libertado, carregasse a minha tentativa com uma expectativa que muitas vezes tenho medo de desapontar.*

**Padre Paolo Prosperi.** De Outro com O maiúsculo?

*Matteo.* Sim, Outro com O maiúsculo.

**Francesco Cassese.** Dê um exemplo.

*Matteo.* Está bem, perfeito. Fiquei muito impressionado com o aviso sobre educação na Jornada de Outubro, porque enquanto os outros à minha volta viam toda a agitação que se gerava, eu disse a mim mesmo: «O aviso também fala de “universidade”. Mas não é que eu possa decidir ser “professor universitário”. Quer dizer, a realidade é que não depende apenas da minha vontade poder fazê-lo. Há uma série de circunstâncias das quais depende o fato de eu poder fazê-lo ou não. Por isso, perguntei-me: o que este aviso do Movimento significa em relação à minha vocação e à minha tentativa de carreira universitária? Não posso dizer simplesmente: «Faço isso ou não faço », porque entramos na “loteria” da universidade e depois não sabemos como vai acabar. No entanto, duas semanas mais tarde, estava falando com minha professora – estou tentando terminar minha tese, mas ainda me falta pelo menos mais um ano – e a certa altura ela me disse: «Matteo, se quer subir de nível, você precisa começar a fazer alguma coisa, eu não posso fazer tudo sozinha, invente alguma coisa».

**Francesco Cassese.** Bem, ela não deixa de ter razão. [risos]

**Padre Paolo Prosperi.** Muito bem, muito bem.

*Matteo.* A questão me veio a propósito disso, porque, levando em conta todo o trabalho que fiz no ano passado, quando a professora me disse isso, foi como se tivesse levado um tapa na cara, porque eu disse a mim mesmo: «Poxa, tenho trabalhado tanto e agora ela insiste tanto na necessidade de um empenho maior!» Pensando melhor, porém, entendi que na realidade ela me queria bem, ou seja, era como se quisesse que eu fosse ainda mais adulto em relação ao que faço, como se quisesse que eu fosse cada vez mais responsável, cada vez mais protagonista.

*Agora, ao tentar responder a este apelo da minha professora, percebi que a minha fraqueza reside no fato de que depois, quando tenho de fazer a minha tentativa, é como se me faltasse aquela audácia ingênua de que Giussani falava sempre... sim, enfim...*

**Padre Paolo Prosperi:** O gosto do risco.

*Matteo. Sim, mas Giussani diz isto frisando sempre que há como que uma ingenuidade subjacente a esse risco, que eu entendo que me falta. A minha pergunta é sobre isto.*

**Padre Paolo Prosperi.** Olha, caro Matteo, um dos pontos que vou abordar na palestra desta tarde será precisamente este: o que nos liberta do medo de falhar, de não estar à altura? O que nos torna ousados, isto é, livres na ação, nos nossos esforços? Mas quero dizer já alguma coisa. E gostaria de o fazer abordando a sua pergunta por um lado particular, se me permitir, um lado que pode parecer ter pouco a ver com a sua pergunta, mas que, pelo contrário, toca numa premissa latente, mas importante, da sua pergunta, na minha opinião (assumindo que compreendi corretamente o fio do seu raciocínio, o que pode muito bem não ser o caso). Você perguntou: o que me liberta deste medo – do sentimento de desproporcionalidade e ceticismo que sinto perante um desafio que me põe à prova? O que me ajuda a viver esse desafio com a audácia ingênua de que Giussani fala?

Gostaria de te responder de forma instintiva, ligando-me ao segundo ponto da pauta: duas coisas te ajudam, a *memória* e a *comunhão vivida*. No entanto, se eu te disser apenas isto, há o risco de não se entender bem a relação destas duas palavras com o drama concreto que você descreveu, ou melhor, o sentido e o motivo pelo qual cada uma dessas duas palavras tem a ver com o drama que você descreveu. Ou seja, trata-se de entender, pelo menos na minha opinião, em que sentido é que *comunhão vivida* e *memória* trabalham em conjunto para te mudar, para mudar a forma como você se posiciona perante a realidade.

Vou tentar explicar. Como sabe – como todos sabem, se tiverem refletido sobre a pauta –, nos dois primeiros pontos da descrição

do carisma, que retiramos do antigo estatuto da Fraternidade, Dom Giussani diz essencialmente duas coisas: primeiro, que o sujeito novo, o homem novo, nasce da memória vivida de Cristo (estou parafraseando). Segundo, que a memória de Cristo não pode ser gerada senão na «imanência de uma comunhão vivida». Então, de onde vem a ousadia ingênua que você deseja, Matteo? A primeira resposta de Giussani parece ser: da memória vivida de Cristo. Mas essa memória, que é o que te deve permitir olhar de forma diferente, mais livre, para o desafio que tem na sua frente, não se autogera nem autossustenta. Alimenta-se da imanência a uma comunhão vivida. Por quê? Em que sentido?

É aqui que a experiência que você nos contou pode vir a ser extremamente educativa para todos nós.

Parece-me, de fato, que muitas vezes corremos o risco (e eu me incluo nesta lista, sobretudo quando me lembro de quando tinha a idade do Matteo) de ceder a uma tentação sutil. Que tentação? A tentação de interpretar o sentido destas palavras de forma reduzitiva, minimalista. «Por que eu preciso da comunhão dos meus amigos do Movimento para viver minha relação pessoal com Cristo?» A resposta minimalista soa: «Sim, claro, preciso dos testemunhos, do exemplo dos outros que me “despertam” do sono, mas, no fim das contas, a relação pessoal com Cristo é minha, está toda no meu coração». Em outras palavras, a função da companhia eclesial, a função da “nuvem de testemunhas”, é aqui apenas a de despertar em mim a memória de Algo, ou melhor, de Alguém, que já conheço perfeitamente, e de quem só preciso voltar a experimentar uma e outra vez a irrupção, o tornar-se Presente, por assim dizer. Bem, onde está o problema? Por que eu digo que esta visão é reduzitiva?

Vou tentar dizê-lo com um exemplo, e depois explicar o que é que tudo isto tem a ver com a pergunta do Matteo (pelo menos na minha opinião). Há alguns dias, ou melhor, há vários dias, a minha sobrinha, que mora em Milão (eu estava em Milão, embora more em Roma), me convidou para jantar com um grupo de amigos seus do CLU. Esses seus amigos – são quatro, cinco jovens com os quais se criou uma certa relação, porque muitas vezes, quando passo por Milão, minha sobrinha organiza esses jantares – sabem que, entre

as várias coisas que estudo, estão também os Evangelhos (sobretudo o quarto) e, por isso, me fazem muitas vezes perguntas sobre os Evangelhos. Assim, da última vez, um desses jovens – um rapaz muito simpático, provocador, mas também humilde – citou uma passagem do Evangelho (não me lembro qual) e me disse: «Mas olha, a experiência de Cristo que eu estou fazendo me levou à convicção de que o Inferno não existe». Olhei para ele durante alguns segundos para ver se estava me provocando ou sendo sincero e, por fim, tendo concluído que era sincero (pelo menos um pouco), eu lhe disse: «Desculpa, em virtude da experiência de Cristo que você está fazendo, chegou à convicção de que o Inferno não existe? Talvez devesse ter acrescentado: em virtude da experiência que está a fazer da *sua ideia* de Cristo, não da sua experiência de Cristo». E ele: «Mas não, por que diz isso? Não, não, é mesmo a experiência de Cristo, tenho certeza disso». Tomei então a liberdade de lhe dizer: «Desculpe, mas *em virtude do quê* é que você tem certeza? Lamento, mas *a realidade* de Jesus Cristo não é redutível à ideia que você tem d’Ele com base na sua experiência – o que quer que você entenda com esse termo. De fato – goste ou não – ninguém falou tanto do Inferno como Jesus. Jesus falou sobre o Diabo e o Inferno muito mais do que em todo o Antigo Testamento (que, como sabe, é muito mais volumoso do que o Novo). Leia os quatro Evangelhos. O critério para dizer o que está de acordo com Cristo é... Jesus Cristo, não a sua experiência. Da mesma forma, se me dissessem que hoje a ideia da indissolubilidade do casamento está ultrapassada e que Jesus – misericordioso como era – diria coisas diferentes hoje (porque alguém, “iniciado” por uma conferência qualquer que houve na Estatal, também levantou essa questão), você teria todo o direito de pensar assim, mas o fato é que Jesus disse outra coisa, mesmo que você não a entenda, mesmo que te pareça não ser correspondente. E fique sabendo (disse-lhe eu) que, no tempo de Jesus, a possibilidade de divórcio era na realidade a norma, e não a exceção, como o demonstra a reação de Pedro às palavras de Jesus: «Se é assim, então não *convém* casar-se» (disse assim mesmo!). Se você quiser, podemos falar sobre a razão por que a posição de Jesus pode ser correspondente e também sobre a forma correta de entender as palavras

de Jesus a respeito do Inferno. Mas você não pode dizer que essas ideias devem ser eliminadas do Evangelho porque não são essenciais. Isso é você quem está dizendo, mas você não é o critério para determinar o que está de acordo com Cristo e o que não está...» (Obviamente, aquele amigo agora passou para o meu lado... pelo menos é o que ele diz!)

Bem, por que contei esta história? O que ela tem a ver com o problema colocado pelo Matteo? E o que tem a ver com a relação entre *memória e comunhão*? Na minha opinião, tem tudo a ver. Tem a ver, porque, de fato, podemos viver a nossa relação com o Mistério pensando que temos uma ideia clara do Seu Rosto, quando talvez, *deep down* (ou seja, no mais profundo de nós), não seja nada assim. Por exemplo, uma pessoa pode repetir a palavra “Cristo”, mas continuar a ter dentro de si, por mil razões diferentes, uma ideia de Deus, do Mistério, que não corresponde à do Deus de Jesus Cristo – por exemplo, a ideia de um Deus juiz, que está ali para te examinar, para ver se você é capaz ou não... De fato, se voltarmos ao início do discurso de Mateus, percebemos que ele começou dizendo algo coisa como isto: “Quando penso na minha ação como *resposta ao Mistério*, não me sinto aliviado por este ato de memória. Pelo contrário, sinto-me ainda mais ansioso, porque penso no medo de frustrar a expectativa d’Ele (do Mistério!)”.

Ora, de que depende este estranho fato (que, na verdade, não é nada estranho, aliás, não sabe como te entendo!)? Não depende do fato do Matteo não ter tido um encontro real com Cristo. De modo algum! Talvez ele tenha tido um encontro mais forte do que todos nós juntos. Mas é como se houvesse uma “camada profunda” do seu ego – os psicólogos chamam de subconsciente – que talvez ainda não tenha sido totalmente “batizado”, isto é, iluminado pela graça de Cristo, e por isso é como se coexistissem dentro dele imagens diferentes do rosto do Mistério – uma que é o reflexo do encontro que fez, outra que, pelo contrário, vem do homem velho, dos restos do homem velho que estão em nós. Por exemplo, da relação com os nossos pais. Para não negar uma evidência: como alguns de vocês sabem, perdi meu pai quando tinha quatro anos. Pois bem, é claro que este fato teve consequências de um certo peso, até na minha

maneira de “imaginar” o rosto do Pai com P maiúsculo. De fato, lembro-me que, quando era pequeno, imaginava Deus (sem entender por quê!) como Alguém que está ali para ver se cometemos um erro, um Deus distante que nos abandona se não nos comportamos bem. Era difícil para mim senti-Lo como um Pai próximo e misericordioso.

Ora, como é que eu compreendi, não só com a cabeça, *mas também com o coração*, por assim dizer, que essa imagem de Deus estava errada, era falsa? Não pela leitura de livros de teologia (embora tenha lido muitos desde então), mas pela graça do encontro com Dom Giussani e os amigos do Movimento, que me transmitiram, como que por osmose, ao longo do tempo, uma *nova imagem* de Deus – uma imagem que desafiava a antiga e que, lentamente, fazia surgir aos poucos a verdadeira, no meu íntimo. O que significa realmente que Deus é Pai, aprendi-o muito mais com a positividade infantil e sem limites que brotava do rosto de Dom Giussani quando falava de Deus, e depois com o jeito como ele me amava, do que com os muitos livros sobre a paternidade de Deus que até li depois. O mesmo, embora em graus diferentes, poderia ser dito da minha relação com muitos amigos que foram meus companheiros em todos estes anos. Enfim, sem a imanência numa “comunhão vivida”, não é apenas que eu teria feito menos memória de Cristo. É mais do que isso: é que o *conteúdo da minha memória* nunca teria se tornado o que é agora – eu teria provavelmente permanecido apegado ao meu Deus à maneira de Ibsen – ao Deus dos luteranos escandinavos, ao qual a minha psique tinha se tornado estranhamente “apegada” pela minha história.

Mas, na opinião de vocês, por que é que a sabedoria da Igreja, desde há 2 mil anos, nos faz rezar com os Salmos? Não seria melhor cada um rezar como «lhe sai», ou seja, com palavras que saem do seu coração? Por que é que a Igreja me pede para me dirigir a Deus com palavras de outros, palavras que eu não escolhi?! A resposta é simples: justamente porque a Igreja sabe, em sua Sabedoria milenar, que as palavras com que nos dirigimos a Deus, os nomes com que O invocamos – Misericordioso, Imenso, além de Rocha, Penhasco, etc. –, se gritadas com o “coração na mão”, vão lentamente fazen-



do penetrar na memória do nosso “*hardware* profundo”, no “disco rígido” do nosso ego, *o rosto do verdadeiro* Deus – o Deus que se revelou na História, o Deus de Abraão e de Jesus –, de modo que a imagem deste Rosto vai lentamente suplantando todo o amontoado de imagens confusas que temos dentro de nós. O nosso coração, entregue a si mesmo, não consegue fazer senão uma imagem muito pálida, se não deformada, do rosto de Deus. E daí os Salmos, «barragem de granito para as águas amargas do nosso amor», como diz o abade de *Miguel Mañara*: estes poemas, precisamente porque inspirados por Deus, precisamente porque nos são entregues por Deus, têm o poder de nos “conduzir” para Ele, para o Seu verdadeiro rosto, melhor do que qualquer palavra nossa.

Aqui me parece que algo semelhante pode e deve ser dito sobre a companhia vocacional na nossa vida. É certo que a fé nasce de um puro acontecimento de graça, que acontece como o Senhor quer. Chama-se encontro. Mas o aprofundamento do encontro – isto é, a evangelização progressiva do meu eu, no sentido que dissemos – exige a imanência *no tempo* de uma comunhão vivida, exige que eu me deixe introduzir através dos outros numa familiaridade cada vez maior com Cristo, isto é, com o rosto concreto de Deus revelado na História.

Já chega.

Sexta-feira, 24 de novembro

---

## PALESTRA

padre Paolo Prosperi

### «Um caminho do olhar»<sup>6</sup>

O foco da palestra desta tarde, digo-o agora para evitar dúvidas, não é lançar um novo tema, sabe-se lá qual. Em vez disso, o nosso objetivo é tentar dar mais alguns passos no caminho da reflexão já iniciada aqui em março – e tentar fazê-lo à luz do passo que o Movimento está propondo a todos (estou a pensar sobretudo na Jornada de Outubro). De fato, estou convencido de que entre o tema abordado aqui e o da experiência cristã, ou, se preferir, os *novos olhos* que a fé concede (o tema central da Jornada de Outubro), há uma conexão mais próxima do que possa parecer. Vamos começar, então.

---

<sup>6</sup>O título desta palestra – “Um caminho do olhar” – retoma uma expressão de Ignace de la Potterie notoriamente cara a Dom Giussani: «É quando encontra uma determinada presença que a pessoa começa a entender a si mesma, a entender qual é seu destino, a entender como ir para o seu destino e com que energia deve caminhar. O encontro com uma presença não constitui ontologicamente a pessoa em sua subjetividade: o encontro desperta algo que estava obscuro, algo que era existencialmente impensado e impensável. Desta forma, o acontecimento é o método com que o eu se reconhece. O eu constituído é o eu que se reconheceu. E uma vez que o acontecimento é um método, um caminho, trata-se de uma experiência para fazer. Disse o grande biblista Ignace de la Potterie: “A fé cristã é um caminho do olhar”. Não é uma frase poética ou abstrata: é a descrição exata e factual de um *método*. O olhar primeiro entrevê, depois começa a ter a percepção de fatores mais distintos, e só em seguida começa a surpreender a possibilidade de um significado. Conforme vai aumentando a atenção a esse significado, vai entendendo que é verdade» (L. GIUSSANI, *L'Avvenimento cristiano*, Milão: BUR, 2003, p. 59).

## 1. «Porventura, também nós somos cegos?» (Jo 9,40)<sup>7</sup>: uma doença dos olhos

Começo com uma consideração que ouvi de muitas pessoas, durante os diversos diálogos dos quais participei entre julho e agosto, percorrendo as comunidades de CL, sobre o conteúdo de Assis.

A consideração é esta: a *mentalidade do self-made man*, ou seja, essa postura interior em que a pessoa faz com que seu valor consista em sua capacidade de desempenho, não diz respeito apenas à esfera do trabalho.<sup>8</sup> Pelo contrário, é uma mentalidade que tende a se infiltrar em nosso relacionamento com tudo – mulher ou marido, filhos, amizades, vida moral, e assim por diante.<sup>9</sup>

Agora, se isso for verdade, ainda mais urgente se torna a pergunta – também muito popular durante as férias de verão: **como** sair da gaiola do hamster? **Como** saímos da gaiola do ego performativo para entrar no *ponto de vista* de Cristo?<sup>10</sup> «É bonita a ima-

<sup>7</sup> A pergunta, como é sabido, é a que os fariseus dirigem a Jesus, logo depois de Ele ter ironizado o fato de que, enquanto um cego de nascença pôde acreditar n'Ele à primeira vista (!), eles, que sempre viram perfeitamente, parecem incapazes de ler corretamente o que veem. Como se dissesse: a *consciência de ser cego*, ou seja, de *precisar de olhos novos*, é condição para poder recebê-los como dom do Senhor, enquanto os que acreditam *já ver tudo perfeitamente* dificilmente se deixarão introduzir por Ele numa visão nova e mais profunda da realidade (neste caso, a realidade do próprio Jesus). Vale a pena citar a passagem toda: «Então Jesus disse: “Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que os que não veem passem a ver; e os que veem tornem-se cegos”. Alguns fariseus, que estavam com ele, ouviram isso e lhe disseram: “Porventura, também nós somos cegos?” Jesus respondeu-lhes: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas como dizeis: ‘Nós vemos’, o vosso pecado permanece» (Jo 9,39-41).

<sup>8</sup> Como muitos desblindaram, fenômenos como *great resignation* e *quiet quitting* parecem assinalar o desaparecimento da sociedade do desempenho e a crise do modelo antropológico que lhe está subjacente. Se isto é em parte verdade, há que dizer, por outro lado, que os mesmos fenômenos podem e, na minha opinião, devem ser lidos como um sinal da *continuação da dominância* do paradigma antropológico subjacente, dado que qualquer vontade de fuga pressupõe o sentimento de prisão. O fato de a “ansiedade de desempenho” tender a invadir esferas que pouco ou nada têm a ver com a profissão (estou pensando sobretudo no campo da afetividade), como muitos testemunharam este verão, parece-me confirmar que, na realidade, o modelo antropológico do *self-made man* está longe de estar “ultrapassado”. A questão tem raízes mais profundas, como já tentamos ilustrar (cf. “3. Na raiz do mal-estar: o *self-made man* e o esquecimento de Deus *tudo em tudo*”, in “Constituíste-o acima das obras de tuas mãos”, Assis, 23-26 de março de 2023, pp. 5-8, [clonline.org](https://clonline.org)).

<sup>9</sup> Já na primeira palestra de Assis, este fato é referido, embora apenas numa nota (cf. “Constituíste-os acima...”, op. cit., p. 4, nota 7).

<sup>10</sup> Cf. *Ibidem*.

gem de Jesus lavando, todo contente, os pés de Seus discípulos», disse-me alguém, «mas eu não sou Jesus – não vejo o Pai celeste no fundo, quando tenho à minha frente o rosto do meu chefe no trabalho. Então, como é que eu entro neste *ponto de vista* de Cristo?»

É exatamente aqui, parece-me, que o tema da Jornada de Outubro vem em nosso auxílio. Lemos no n. 18 da *Lumen fidei*, a encíclica do Papa Francisco sobre a fé:

*A fé não olha só para Jesus, mas olha também da perspectiva de Jesus e com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver. [...] A vida de Cristo – a sua maneira de conhecer o Pai, de viver totalmente em relação com Ele – abre um espaço novo à experiência humana, e nós podemos entrar nele. [...] A fé no Filho de Deus feito homem [...] não nos separa da realidade; antes permite-nos individualizar o seu significado mais profundo [...], abre-se um novo modo de ver.<sup>11</sup>*

A fé, diz o Papa, não é apenas uma forma de contato com Jesus. A fé nos introduz numa nova maneira de ver toda a realidade. Gosto de dizer isso da seguinte forma: entendida em todo o seu potencial, a fé é um pouco como aqueles óculos que nos dão no cinema quando vamos ver um filme em 3D. Sem os óculos, você vê tudo plano e embaçado. Assim que você coloca os óculos, de repente tudo parece nítido e tridimensional – tão tridimensional, na verdade, que em certos momentos você sente como se os objetos saíssem da tela e atacassem você. Aqui, a fé faz algo semelhante: não muda a *superfície* do que eu vejo – seja um rosto, uma circunstância, uma coisa a ser feita. Mas isso me faz vê-lo de um novo ponto de vista – um ponto de vista do qual é como se eu pudesse perceber melhor a “espessura”, o *pondus*. Talvez você se lembre que em março dissemos que em hebraico a palavra *kabod* (*pondus*, peso) também significa glória, ou seja, algo grande, algo importante, algo denso de signi-

<sup>11</sup> Francisco, Carta encíclica *Lumen fidei*, 18, 22.

ficado. O que significa: ver neles uma profundidade de significado que de outra forma seria imperceptível.<sup>12</sup>

A resposta à pergunta-objeção do nosso amigo é, portanto: *a fé*. É a fé que nos faz entrar no ponto de vista de Cristo, que é então o ponto de vista mais verdadeiro.

O que pressupõe (este é o outro lado da moeda) que o ponto de vista do qual se vê a realidade é geralmente parcial, ou seja, não necessariamente errado, mas menos penetrante.

Na verdade, não é exatamente esse déficit da faculdade visual que causa a alienação de que falamos em março? Como Bento XVI gostava de dizer, a doença que mais aflige o homem de hoje (e, portanto, também nós!) não é uma doença da vontade, mas dos olhos:

*O homem contemporâneo está preso ao positivismo. [...] Ele não parece mais capaz de perceber a profundidade da realidade que os nossos olhos veem e tocam, seja uma flor ou um rosto humano.*<sup>13</sup>

Aqui volta a ser decididamente útil a famosa descrição sobre o olhar positivista que Giussani nos oferece em *O senso religioso*:

*A atitude positivista é a de quem, como se fosse míope, colocasse um quadro a um centímetro do olho e, fixando os olhos num ponto, dissesse: “Que mancha!” Sendo o quadro grande, poderia percorrê-lo inteiramente, centímetro por centímetro exclamando a cada momento:*

<sup>12</sup> Cf. “Constituíste-o acima das obras...”, op. cit., p. 6, nota 15.

<sup>13</sup> Um exemplo emblemático desta “atrofia” da faculdade visual, parece-me, é a propagação da ideologia de gênero (pelo menos nas sociedades ocidentais – o fenômeno é significativamente irrelevante na África e na Ásia). Sem entrar em detalhes, é interessante notar como as várias teorias de gênero, embora diferentes umas das outras, assentam todas numa premissa inquestionável: o corpo humano *não revela nada de profundo* sobre o seu significado e finalidade. Pode-se dizer que o corpo é aqui considerado mais ou menos como uma máquina, da qual, graças às várias ciências (modernas), podemos aprender cada vez mais sobre as suas leis de funcionamento, mas nada mais. O fato de haver uma linguagem, uma música inscrita pelo Criador (ou pela natureza, para usar uma gramática mais secular) *no* corpo humano – uma música cheia de significado, beleza e bondade intrínseca – tornou-se, de fato, invisível para um número crescente de homens e mulheres.

*“Que mancha!” O quadro apareceria como um conjunto de manchas diferentes, sem sentido. Mas, se se afastasse três metros, veria a pintura /na sua unidade, na perspectiva total.<sup>14</sup>*

Espontaneamente, nossa mente volta ao cego de nascença, sobre o qual nos debruçamos na Jornada de Outubro. Tentemos identificar-nos com este homem, que nunca tinha visto um rosto humano, que nunca tinha visto o seu próprio rosto refletido num espelho. Pois bem: a situação desse homem não é um símbolo adequado e pungente da condição do «*homo positivisticus*» contemporâneo, tal como o descrevem Ratzinger e Giussani?

Sempre me chamou a atenção o estranho gesto com que Jesus cura o nosso homem. Por que esfregar-lhe lama (feita com seu cuspe!) nos olhos (Jo 9,6)? Por que curá-lo com um gesto tão estranho? Tal como Irineu de Lião já tinha compreendido,<sup>15</sup> o gesto de Jesus remete à criação de Adão narrada no Gênesis: «*Então o Senhor Deus modelou, com o pó do solo, o homem*».<sup>16</sup> Com seu gesto, Jesus está dizendo, portanto: «Eu vim para te recriar, ó homem, vim para fazer de ti uma nova criatura» (cf. 2Cor 5,17). E isto, mais do que qualquer outra coisa, significa o quê? Para dar-te olhos novos, capazes de ver tudo, a começar pela tua própria humanidade, no seu verdadeiro esplendor: «*Ele foi, lavou-se e voltou enxergando*».<sup>17</sup>

Ora, o que são concretamente esses novos olhos que a fé dá, e o que é que a memória, que não é outra coisa senão a fé vivida,<sup>18</sup> permite desenvolver?

<sup>14</sup> L. GIUSSANI, *O senso religioso*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2023, pp. 188-189.

<sup>15</sup> Cf. IRINEU DE LIÃO, *Adversus Haereses*, 5.15.2.

<sup>16</sup> Gn 2,7.

<sup>17</sup> Jo 9,7.

<sup>18</sup> Identifico *fé vivida e memória* porque a palavra memória, tal como a usa Dom Giussani, indica precisamente a fé, na medida em que tende a investir tudo o que entra no âmbito da nossa experiência. O quanto a palavra memória é central na compreensão que Giussani tem da vida de fé, basta o prólogo do estatuto da Fraternidade para o tornar claro, onde se lê, entre outras coisas: «*O sentido profundo do Movimento é o chamado de atenção à memória de Cristo, vivida quotidianamente nas circunstâncias da vida*» (L. GIUSSANI, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, p. 243; grifo nosso).

Na sequência desta meditação, gostaria de tentar oferecer alguns indícios de resposta a esta pergunta. E, para isso, decidi tomar como figura de referência a mesma personagem evangélica na qual fixamos o olhar no final do nosso primeiro encontro, na síntese de março. Estou falando, evidentemente, do bom e velho Simão Pedro. De fato, como alguns de vocês devem lembrar, foi precisamente falando dele e da sua revolta contra a “estranha” iniciativa de Jesus no meio da Última Ceia que, já em março, tinha surgido o tema do caminho necessário para entrar no *ponto de vista* de Jesus:<sup>19</sup> assim como a fé de Simão Pedro em Jesus, embora sincera desde o início, não o levou *imediatamente* a “entender Jesus”, assim acontece conosco.<sup>20</sup> *Last but not least*: que papel tem a nossa companhia nesta dinâmica? Para tentar abrir “indícios de resposta” a estas importantes perguntas, vou me valer de uma página do Evangelho de João muito querida à nossa história: Jo 21. Jo 21 apresenta-nos, de fato, um Pedro bastante diferente daquele a quem Jesus, no Cenáculo, tinha dito: «Agora não entendes o que eu faço; *mais tarde o compreenderás*»;<sup>21</sup> ou seja, um Pedro que finalmente *começou a compreender*, principalmente graças a um fato que mudou irreversivelmente o seu olhar:

<sup>19</sup> «Agora não entendes o que eu faço; mais tarde o compreenderás», respondeu-lhe Jesus. O que quer dizer: “Não é o meu gesto que é uma loucura. Você é que ainda não entende”. E por que Pedro não entende? [...]: porque se Pedro tivesse entendido tudo logo, então não teria tido necessidade de nenhum caminho atrás de Jesus, para entrar num ponto de vista novo sobre a realidade – aquele ponto de vista novo [...] no qual Cristo veio nos introduzir. Para entrar no ponto de vista de outro, para conseguir ver o mundo com os olhos de outro, eu preciso me mover, preciso me deslocar do meu ponto de partida [...], para assumir o ponto de observação desse outro. [...] O que exige um caminho [...], uma viagem) (“Síntese”, em “Gli hai dato potere sulle opere delle tur mani”, pp. 64-65, [it.clonline.org](http://it.clonline.org)).

<sup>20</sup> «Se havia alguém que tinha feito um encontro, esse alguém era ele. [...] No entanto, aquele mesmo homem, Jesus de Nazaré, aquele homem que agora era o centro da sua vida, Simão não o percebia. Não o percebia! Ou melhor: percebia-o em parte. Percebia que aquele homem era o Messias [...] Porém – era de enlouquecer! – percebia também que não o percebia. O que é que não percebia? Não percebia o que queria mesmo dizer que Ele era verdadeiramente o Messias, não percebia onde queria ir parar, tão diferente era a Sua lógica da de todos, a tal ponto era diferente o Seu modo de agir do de todos [...]: “O que Eu estou a fazer agora não o entendeis, ireis entendê-lo depois”. Como foi para Pedro, assim é para nós. Não se entra no ponto de vista de Cristo de repente. Reconhecemo-lo logo, mas entra-se no Seu ponto de vista aos poucos e nunca sem luta» (Ibidem, pp. 67-68).

<sup>21</sup> Jo 13,7.

a revelação da grande hora Pascal, do amor do Senhor *em toda a sua glória* (cf. Jo 13,1).<sup>22</sup>

Começemos então.

## 2. E atirou-se ao mar: a “libertação” do homem novo

O primeiro ponto sobre o qual me quero concentrar é a mudança no *olhar sobre si mesmo* que a fé proporciona.

Vamos retomar o *self-made man*. Uma das conotações do tema do desempenho, como falamos em março, é o *medo* do fracasso. Se, de fato, eu consisto no que posso fazer, é normal que eu viva num estado de ansiedade permanente para ser bem-sucedido, o que, em termos negativos, significa: *medo de não ser bem-sucedido*. Daí o paradoxal «espírito de escravo»<sup>23</sup> de que falamos, já que um escravo é, por definição, alguém que vive e age num regime de medo.<sup>24</sup>

Agora, em que sentido é que a fé rompe as grades dessa prisão de ansiedade e medo? São Paulo diz isso muito bem:

*E vós [ou seja, todos os que foram batizados em Cristo] não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: «Abá! Pai!» (cf. Rm 8,15)*

«Um espírito de filhos.» Lembram-se, na palestra de março, da passagem da condição de escravo para a condição de filho? A fé me liberta do medo, em primeiro lugar, porque me dá um «espírito de filho», ou seja, muda o conteúdo do que vejo quando me olho no espelho: não mais um eu que precisa conquistar um nome para si mesmo (ou seja, uma consistência, uma existência real) por meio

<sup>22</sup> Pela importância deste ponto crucial, sobre o qual aqui não me detenho, ver aqui, p. 95: “*Síntese*, I. Queremos ver Jesus”.

<sup>23</sup> Rm 8,15.

<sup>24</sup> «O escravo vive no medo e na angústia de errar, porque sabe que, se errar, se não fizer tudo o que se espera dele, ficará frustrado. O sujeito de produção não tem medo do chicote dos outros, mas sim do chicote do seu próprio “ego” (ou melhor, “*super-ego*”), que lhe diz que, se não conseguir, não vale nada» (“Constituíste-o acima das obras...”, op. cit., p. 4).



de seu desempenho, mas um eu que se sabe *filho*, ou seja, amado “*gratuitamente*”, antes e independentemente do resultado de suas tentativas;<sup>25</sup> e que, portanto, está habilitado e é levado a se doar gratuitamente, com um coração alegre, como que para refletir o amor gratuito do qual se reconhece objeto.

Pois bem, no Evangelho de João, capítulo 21, há uma cena que, em minha opinião, mostra melhor do que qualquer outra essa mudança de perspectiva em ação – uma cena que é como a antecipação dramática do famoso diálogo entre Jesus e Pedro que Dom Gius nos ensinou a amar (voltarei a ela mais tarde). É a cena em que Simão, depois de saber que o homem na praia é o Senhor, atira-se na água em direção a Ele, deixando o barco, as redes e tudo o mais.

Permitam-me relembrar brevemente o contexto. O Senhor Jesus já tinha ressuscitado e já tinha aparecido duas vezes para os doze reunidos no Cenáculo (cf. Jo 20,19ss). Em João 21, Ele aparece aos seus pela terceira e última vez, e o faz ao amanhecer, às margens do Mar de Tiberíades, no final de uma noite que Pedro e outros seis discípulos passaram em um barco de pesca. Num determinado momento, o Discípulo amado, mais perspicaz e mais rápido do que os outros, reconhece o Senhor e avisa Simão Pedro (Jo 21,7). E o que Pedro faz?

*Simão Pedro, ouvindo dizer que era o Senhor, vestiu sua túnica, pois estava despido [em grego é gymnos, que quer dizer “nu”: em baixo estava nu!!], e lançou-se à água.*  
(Jo 21,7)

Prestemos atenção aos detalhes, pois é nos detalhes mais materiais, como já vimos em março, que João esconde as nuances mais profundas de significado. Assim é aqui: por que João se preocupa em nos dizer que Pedro vestiu a túnica *antes de se lançar ao mar*?

---

<sup>25</sup> A ideia é posta em palavras de forma magnífica por Claudel, no seu *O anúncio feito a Maria*, pela boca de Anne Vercors. Já prestes a partir para a Terra Santa, é assim que o agricultor se dirige a sua filha Violaine: «O amor do Pai não pede paga, e o filho não precisa ganhá-lo ou merecê-lo; como estava com ele antes do princípio, continua sendo seu bem, sua herança, seu recurso, seu título, sua honra e justiça! [...] Conhece, minha filha, o teu pai!» (P. Claudel, *O anúncio feito a Maria*, Reio de Janeiro: Agir, 1968, p. 60).

Em primeiro lugar, é preciso destacar a estranheza do fato: normalmente, quando alguém mergulha na água, tira a roupa, não se veste! No entanto, aqui Pedro faz o contrário. Por quê? João não diz, ele nos convida a adivinhar. Bem, a primeira resposta é bastante óbvia: nosso Simão não quer aparecer nu na frente de Jesus (pois é!). Mas isso é tudo? Não, isso não é tudo. Há outra personagem na Bíblia que, muito antes de Simão, já havia se cingido para cobrir sua nudez: trata-se de Adão, que, depois de ter cometido o primeiro pecado da história da humanidade, se cingiu com ramos para esconder a sujeira que o pecado havia deixado nele e, assim, não se sentir envergonhado.<sup>26</sup>

Assim, entendemos o significado profundo, por assim dizer, “subliminar” do gesto de Simão. Assim como Adão, Simão também ainda está cheio de vergonha pelo que fez: como a lembrança daquela negação tripla ainda queima...

Mas aqui está o ponto crucial. *Quando o Senhor apareceu no jardim à luz do dia*, Adão, tomado por um forte medo, escondeu-se entre as árvores:

*Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava pelo jardim à brisa da tarde, o homem e a mulher esconderam-se da face do Senhor Deus, por entre as árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?» Ele respondeu: «Ouvi tua voz no jardim. Fiquei com medo, porque estava nu, e me escondi». (Gn 3,8-10)*

*Na aparição do Ressuscitado ao amanhecer na margem do Mar da Galileia*, Pedro faz o oposto: ele mergulha com ímpeto em direção ao Senhor, como se não conseguisse conter sua afeição:

*Os outros discípulos vieram com o barco, arrastando a rede com os peixes. De fato, não estavam longe da terra, mas somente uns duzentos côvados. (Jo 21,8)*

<sup>26</sup> «Então os olhos de ambos se abriram, e reconheceram que estavam nus. Entrelaçaram folhas de figueira e fizeram tangas para si» (Gn 3,7).

Como é belo este outro detalhe: por que João enfatiza que estavam a “somente uns duzentos côvados» da praia? Para nos fazer notar a pressa, o desejo irreprímível de Simão de chegar até Jesus, de ser penetrado novamente por seu olhar. Não poderia ele esperar um minuto, já que estavam a apenas alguns metros da praia? Não, não podia esperar, por causa daquela impaciência que é a marca do amor, quando ele é intenso e ao mesmo tempo livre de todas as inibições, como é o amor das crianças. As crianças fazem isso quando alguém que elas amam muito aparece de repente: elas correm em direção a ela com alegria, sem vergonha.

Como isso é possível? Como é possível que Pedro reaja dessa maneira justamente quando ele teria todos os motivos para se sentir mais “errado” do que nunca?

Aqui é fundamental observar outro contraste. Na verdade, essa não é a primeira pesca milagrosa feita por Jesus na presença de Pedro. Se passarmos do Evangelho de João para o de Lucas, veremos que Jesus já havia realizado um sinal quase idêntico logo no início, antes mesmo de Simão deixar tudo para segui-Lo (Lc 5,11).<sup>27</sup> Mas a reação de Pedro naquela ocasião foi diferente. De fato, foi a mesma de Adão, quando o Senhor apareceu no jardim:

*Vieram e encheram os dois barcos, a ponto de irem se afundando. Ao ver isto, Simão caiu aos joelhos de Jesus, dizendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador».*

Diante da manifestação do poder do Senhor, exatamente no campo em que ele se sentia competente (pescar era coisa “dele”;

<sup>27</sup> «Quando acabou de falar, disse a Simão: “Vai mais para o fundo, e lançaí vossas redes para a pesca”. Simão respondeu: “Mestre, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos; mas, por tua palavra, lançarei as redes”. Agindo assim, pegaram tal quantidade de peixes que as redes se rompiam. Fizeram sinal aos companheiros no outro barco para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram os dois barcos, a ponto de quase afundarem. Vendo isso, Simão Pedro prostrou-se aos joelhos de Jesus, dizendo: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!” De fato, à vista da pesca que haviam feito, o espanto tomara conta dele e de todos os que o acompanhavam, bem como de Tiago e João, filhos de Zebedeu e sócios de Simão. E Jesus disse a Simão: “Não temas! Doravante serás pescador de homens!” E depois de levar os barcos à terra, deixaram tudo e o seguiram» (Lc 5,4-11; grifo nosso).

tas vezes acontece conosco também recebermos ajuda e quase nos arrependermos de não termos conseguido com nossas próprias forças), a reação de Simão foi de desproporção, de inadequação. Quase como se a revelação da grandeza de Jesus expusesse sua própria fragilidade. E, por causa disso, ele sentiu o desejo de se afastar.

Mas, então, por que Simão, justamente agora que teria todos os motivos para se sentir ainda mais indigno, para se esconder na parte de trás do barco atrás dos outros, em vez disso se lança destemidamente em direção a Ele? É porque Pedro não é mais o mesmo, ele mudou. E isso não é no sentido de que a vergonha de sua pequenez tenha desaparecido magicamente. Muitas vezes imaginamos a misericórdia como uma espécie de borracha que apaga nossa memória. Pelo contrário, a memória é algo muito maior e mais maravilhoso do que isso. Como vimos, a vergonha de Pedro pelo que ele fez *não é removida*. Mas é como se *já não vencesse mais*. E por que não vence mais? Porque Pedro não está mais centrado em si mesmo, em seus méritos, mas na certeza de um amor que precede e excede todo mérito. Entende-se então por que razão eu disse antes que a cena do mergulho de Pedro é, na verdade, a antecipação em forma dramática do que o “sim de Pedro” expressa com palavras. Quantas vezes Dom Giussani nos convidou a identificar-nos com este homem, que ouviu Jesus perguntar-lhe – ele, que havia pouco O negara três vezes –: «Simão, filho de João, tu me amas?» E ele, em vez de se afundar na vergonha, “ouve-se” respondendo, como que movido por um impulso arrebatador: «Sim, Senhor, Tu sabes isso, Tu sabes que eu Te amo – e se me perguntasses mil vezes, mil vezes te diria: sim, sim, sim...»<sup>28</sup>

<sup>28</sup> «Tentemos identificar-nos com a alma daquele homem franco e rude: perante o Senhor, sua alma estava cheia da recordação da sua traição. Mas sua traição foi simplesmente a epifania, o epifenômeno, a manifestação, num momento, de algo que ele tinha dentro de si, isto é, de uma rudeza, de uma falta de generosidade, de uma teimosia, de um medo, de uma timidez, de uma velhacaria, de uma mesquinhez, que era ele – ele! –. Sua alma estava cheia disso e, diante daquela pergunta, tudo vinha à tona. A traição foi como um ponto de revelação: sua miséria, toda a sua miséria veio à superfície. [...] Simão sentiu-se em toda a sua mesquinhez, sua pusilanimidade, sua mesquinhez de homem. “Simão, tu me amas mais do que os outros?” Quando ele respondeu: “Senhor, claro que te amo”; quando disse: “Senhor, tu sabes tudo: apesar de todas as aparências, apesar de todas as aparências de mim para mim mesmo, tu sabes que te

Bem, esta é a *liberdade nova* que nasce da fé. Uma liberdade que não é negligência ou desinteresse. Pelo contrário, é um compromisso que tem um novo “motor”: não mais a ansiedade de obter sabe-se lá qual “resultado”, mas o desejo de responder com todo o seu ser ao Amor sem medida que se derrama daquele rosto – aquele rosto que lhe pergunta apenas uma coisa: «Tu me amas?»<sup>29</sup>

Voltando à cena do mergulho, há um outro pequeno detalhe que diz isto de um modo algo sutil, mas grandioso. Logo a seguir a ter narrado o mergulho de Simão, João escreve:

*Os outros discípulos vieram com o barco, arrastando a rede com os peixes. (Jo 21,8)*

Também aqui, por que é que João, com uma mudança brusca da câmara, chama nossa atenção para este detalhe?

O fato é que tinha sido de Pedro a iniciativa de ir pescar: «Eu vou pescar!»<sup>30</sup> – eu tinha dito que a pesca era a sua profissão, e o barco era certamente o seu, bem como as redes. Mas agora, mal percebe que o homem na praia é o Senhor, deixa o barco, as redes e os peixes nas mãos dos outros, e atira-se à água em direção ao Senhor.

Estará então João sugerindo-nos que o amor a Cristo nos leva a desprezar os poucos ou muitos bens que nos são confiados? Estará sugerindo-nos que o amor a Cristo nos leva a esquecer todo o resto, como se Ele fosse uma espécie de droga, que nos

---

amo, que te quero” – porque “te amo” significa “te quero”, e “te quero” significa “te afirmo, reconheço o que és, reconheço o que és para mim e para todos” –, foi a convulsão do moralismo e da justiça feita com as nossas mãos. Aquele ali, de fato, era um pobre pecador como você e eu, era um pobre pecador que tinha acabado de trair, ainda mais, de maneira indecente, como na nossa memória – talvez – nunca ninguém o tenha feito tão descaradamente. Estava cheio de erros, mas o amava; podia ter cometido cem mil erros mais, mas o amava, e pôde dizer: “Senhor, Tu sabes tudo, Tu sabes que eu te amo”. Então o Senhor lhe disse: “Confio-te o meu testemunho no mundo”. Confiou o seu testemunho, confiou o seu reino no mundo a esse pequeno pecador» (L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, Milão: BUR, 2019, pp. 135-136).

<sup>29</sup> Jo 21,15-17.

<sup>30</sup> Jo 21,3b.

torna livres, sim, mas no sentido de sermos *indiferentes* a tudo e a todos? Evidentemente não. O que João está sugerindo é algo mais paradoxal. Mas para entendermos do que se trata, temos de passar à cena seguinte.

Os discípulos já chegaram todos à praia, onde Jesus os espera, junto a uma fogueira com peixe e pão. A certa altura, Jesus lhes diz: «Trazei alguns dos peixes que apanhastes». E, mais uma vez, Pedro antecipa-se a todos:

*Simão Pedro subiu ao barco e puxou a rede para a terra. Estava cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. (Jo 21,11)*

Que bonito: o mesmo Simão Pedro, que, *no ímpeto do seu amor por Jesus*, tinha se esquecido da rede e dos peixes, quando é Jesus que lhe pede para o fazer, revela-se capaz de arrastar *sozinho* para a terra uma rede cheia de 153 peixes grandes (ou seja, cerca de 100kg de peixe, segundo as estimativas).<sup>31</sup> Como que dizendo: amar Cristo a ponto de “esquecer” *a sua* rede cheia de peixes é, ironicamente, o que dá a Pedro a força para arrastar para a terra *mais peixes* do que o mais experiente e robusto dos pescadores. O que, chegando a nós, significa: quanto mais começamos a amar Cristo mais do que às coisas e às pessoas que nos são confiadas, tanto mais o amor às coisas e às pessoas, isto é, o assumir coisas e pessoas, deixa de ser uma fonte de estresse e torna-se, para usar a bela expressão de Jesus, um «jugo suave e um fardo leve» (cf. Mt 11,30).

### 3. Posse no desaparego: rumo ao cêntuplo

Chegamos assim ao segundo aspecto dessa nova visão das coisas, que a fé introduz na nossa experiência. A memória de Cristo não

<sup>31</sup> Em vez de nos interrogarmos sobre o significado alegórico do número 153, como se faz normalmente (e legitimamente), deveríamos, na minha opinião, perguntar-nos primeiro, em respeito pela *forma como* João entrelaça narrativa e símbolo: por que João, para além de nos dizer que havia 153 peixes, especifica que eram *grandes*? A resposta é clara: porque o que interessa a João é, *antes de tudo*, deixar claro que a rede devia *pesar muito!*

muda apenas o modo como olhamos para nós mesmos. Transforma também o modo como olhamos para o que está *na nossa frente*, a começar pelas pessoas e coisas de que somos chamados a cuidar. Em que sentido?

Na verdade já o dissemos, descrevendo esse Pedro que, primeiro, por amor a Cristo, se esquece da rede, e depois, *também por amor a Cristo*, a puxa sozinho.

Pois bem: a memória de Cristo obtém em nós o mesmo efeito paradoxal. *Aparentemente*, é como se você se afastasse do seu trabalho ou do rosto da sua mulher, porque se você olhar para o rosto de Cristo não pode olhar para o rosto da sua mulher. *Na realidade*, porém, neste “mergulhar para Cristo”<sup>32</sup> você não se afasta. Antes, é como se fosse levado para dentro, para o íntimo do rosto da sua mulher, porque é levado para o ponto de vista a partir do qual você consegue vê-lo de verdade, em “toda a sua verdade”.<sup>33</sup> O que quer dizer: já não como uma soma de traços que te agradam e traços que não te agradam (onde quanto mais passa o tempo, mais os traços desagradáveis aumentam), mas como esta “ovelhinha”, que o Senhor te confia:

*Simão, filho de Jonas, tu me amas? [...] Apascenta minhas ovelhas.*

<sup>32</sup> Aliás, é bonito que, *ao lançar-se em direção a Jesus*, Pedro acabe por *se imergir todo na água* – onde está patente a alusão ao batismo (*batismo = imersão*). Como que dizendo: a memória vivida nos “re-batiza”, *nos regenera toda vez*, o que também significa: “lava-nos” os olhos, as mãos, etc.

<sup>33</sup> Vale a pena notar que esta dinâmica não é mais do que o aprofundamento, e por assim dizer a expansão pela fé, de uma dinâmica que, segundo Giussani, já é válida no nível do conhecimento contemplativo natural: «Para conhecer um quadro, não devemos ficar com os olhos a um milímetro. Diríamos, então: “Quantas manchas há aqui!” e afastando-nos um pouco: “Que mancha!”. Num dia e meio, arrebatando as costas, você o olha todo [...], porém: mancha, mais mancha, [...] são todas manchas o que você viu, não pode apreciá-lo. Se, porém, aparece alguém que o segura pelo ombro e o puxa um metro para trás: ah, dá pra ver o quadro! Sem essa distância não se conhece, e por isso não se pode usar nem apreciar» (L. GIUSSANI, *É possível viver assim?*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, pp. 221-222). A este respeito, é sugestivo notar que a palavra usada em russo para designar tanto a castidade como a temperança é *celomodrie* (cf. o grego *sophrosyne*) – um termo que, para fazer justiça à etimologia, deveria ser traduzido por: ciência ou sabedoria (*mudrost'*) do todo, da totalidade (*celo* = todo, total). Como que dizendo: sem um certo *distanciamento*, não se pode *penetrar* nas profundezas da coisa nem, o que é a mesma coisa, percebê-la como um todo pleno de sentido.

Come já observava Santo Agostinho,<sup>34</sup> Jesus não diz a Simão «apascenta as *tuas* ovelhas», mas sim apascenta as *minhas* ovelhas. O que significa: só se reconheceres que estas ovelhas não são tuas, mas *minhas* – só então podes realmente apascentá-las, sobretudo porque comesças a vê-las pelo que são de verdade.<sup>35</sup>

Pois bem, a memória é como o reacender contínuo em nós desta consciência – a consciência de que essa mulher que é a *minha* mulher, essas crianças que são os *meus* filhos, em última instância não são meus. São de Outro que os confia a mim, e assim se faz mendicante do meu amor, “coloca-se na minha dependência”, diria Péguy:<sup>36</sup> «*Tu me amas? [...] Apascenta as minhas ovelhas*».<sup>37</sup>

Com uma nota crucial, irônica, que é o fato de, nesta aparente expropriação, neste despojamento que parece expropriar-me, *quem ganha* sou eu, pois o fruto desta “re-entrega” é aproveitar cem vezes mais a relação com a mulher e os filhos – é um amar

<sup>34</sup> «Aqueles que apascentam as ovelhas de Cristo com a intenção de as querer prender a si mesmos e não a Cristo, mostram que se amam a si mesmos e não a Cristo, movidos como são pela cobiça da glória, do poder ou do lucro, e não pela caridade que inspira a obediência, o desejo de ajudar e de agradar a Deus. Contra estes, a quem o Apóstolo censura, gemendo, o fato de procurarem os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo (cf. Fil 2, 21), a voz de Cristo ergue-se forte e insistente. Que outra coisa é dizer: *Amas-me? Apascenta as minhas ovelhas*, senão dizer: Se me amas, não penses em apascentar-te a ti mesmo, mas apascenta as minhas ovelhas, como minhas, não como tuas; procura nelas a minha glória, não a tua; o meu domínio, não o teu; o meu lucro, não o teu» (AGOSTINHO DE HIPONA, *In Evangelium Ioannis tractatus*, 123, 5; cf. também *Sermo* 147/A,2).

<sup>35</sup> É interessante, neste sentido, notar que um dos muitos modos com que Dom Giussani descreve a virgindade, entendida como experiência do espírito, é *relacionar-se com as coisas segundo a sua verdade* (é-me impossível dar a referência exata, pois a definição é retirada de escritos ainda não publicados e acessíveis apenas *pro manuscripto*).

<sup>36</sup> «O que ama põe-se, por isso mesmo, / só por isso, daí em diante, na dependência / [...]. Dependente daquele que ama. / Mas é esta a situação, filha, em que Deus se colocou, amando-nos. / Deus dignou-se esperar em nós, pois quis esperar de nós, aguardar de nós» (C. PÉGUÿ, *I Misteri*, Milão: Jaca Book, 1997, p. 230).

<sup>37</sup> Comenta ainda Agostinho: «*Tu me amas?* perguntou. *Senhor, tu sabes que te amo*. E ele: *Apascenta as minhas ovelhas*. Esta é a primeira vez, esta é a segunda, esta é a terceira; como se Pedro não tivesse outra maneira de mostrar seu amor a Cristo senão sendo um pastor fiel ao Príncipe de todos os pastores. *Tu me amas? Eu te amo*. E qual será a tua correspondência ao me amares? O que é que tu, homem, me vais oferecer ao teu Criador? Que prova darás do teu amor, tu redimido, ao teu Redentor, tu que és um soldado, ao teu Rei? O que darás? Só te peço isto: *apascenta as minhas ovelhas*» (Agostinho de Hipona, *Sermo* 147/A,1).



cheio de uma gratuidade, de uma atenção, de uma paciência e de uma fecundidade de outro modo impossíveis.

*Se a sua resposta à graça é: «Eu te aceito. Sim, Senhor, eu te amo». «Conduz na história o meu povo», respondeu-lhe Jesus, «apascenta as minhas ovelhas». «Conduz na história o meu povo»: isto é mais do que o cêntuplo! Por isso, Ele diz a você: «Se me fizer o sacrifício de um amor sem retorno, será decisivo para todas as pessoas que estão indo, que estão andando para o seu destino, todas as pessoas que você não sabe, que não conhece, que não sabe».<sup>38</sup>*

Assim, a resposta à belíssima pergunta que uma de vocês fez hoje: – como faço para ter um olhar não possessivo sobre as crianças que estão ao meu cuidado? – é esta: a memória. Mas a memória não como remédio para um medo: «Ó Deus, tenho medo de ser possessivo, por isso tenho que me lembrar que estes jovens não são meus»; mas sim a memória entendida como uma porta que me introduz numa posse mais verdadeira, mais pura, mas também mais intensa.

Dom Giussani, como creio que muitos de vocês sabem, deu o nome de *virgindade* a esta experiência de posse no desprendimento, que a memória de Cristo faz lentamente enraizar em nós. O que, entre outras coisas, significa: a virgindade, entendida *giussanicamente*, não é algo que só pode ser experimentado por quem é chamado à virgindade *no sentido estrito*, ou seja, no sentido vocacional do termo. Não, há um sentido em que a virgindade é o ideal de todos, mesmo dos que são chamados a constituir família, desde que a virgindade seja entendida no sentido acima referido.<sup>39</sup> Ou

<sup>38</sup> L. GIUSSANI, *Vivendo nella carne*, Milão: BUR, 1998, pp. 213-214.

<sup>39</sup> «Um homem começa a entender que não pode amar – amar! – a pessoa da moça com quem estabelece uma relação de afeto, não pode respeitar a dignidade desse ser se não a olhar de certa maneira, com um desprendimento interior, se não viver a relação com um desprendimento interior, com um respeito interior, que tem o custo de rasgar, esperar, sacrificar, cortar, a coragem de parar, a coragem de favorecer a emergência de uma perspectiva mais global, em que o abraço que leva ao ser amado envolve o universo. Você sente o universo apertando seus cotovelos enquanto a abraça, porque é uma tarefa para o universo

seja: não primeiramente um estado de vida, mas uma modalidade de relação com a realidade, que se abre a uma *posse mais plena dela*<sup>40</sup> – posse que é como uma antecipação do modo como Jesus via as coisas e as pessoas, as aves do céu e o lírio do campo, o rosto de João e o da samaritana.

Que modalidade? O próprio Senhor nos disse, em Sua última grande oração ao Pai: «*Eram teus e a mim os deste*».<sup>41</sup>

O que é que Jesus via, quando olhava nos olhos daquela mulher que chegou ao poço com o cântaro na cabeça e o interpelava? No fundo do «poço fundo»<sup>42</sup> daqueles olhos, cheios de uma mal disfarçada melancolia, Jesus via o rosto do Pai, que Lhe entregava aquela mulher: «*Eram teus e a mim os deste...*»<sup>43</sup> Daí o sobressalto, a emoção, o maravilhamento que enchia Seus olhos ao olhar para ela: uma

---

a tarefa que você tem para com aquele ser; e se você não tem nenhuma tarefa para com aquele ser, então você quer simplesmente dominá-lo, possuí-lo e mais nada (L. GIUSSANI, “La fede è un cammino dello sguardo”, *30 Giorni*, n. 9, 1995, p. 45).

<sup>40</sup> Por outro lado, uma leitura atenta dos textos (publicados) em que Dom Giussani fala sobre este tema (ver especialmente os volumes das *Quasi Tischreden*), mostra como a linguagem ousada de Dom Giussani não pretende de modo algum diminuir ou mesmo atenuar o aspecto de sacrifício que tanto a condição de vida celibatária como o matrimônio vivido cristãmente trazem consigo. Pelo contrário, o pensamento de Giussani sobre o assunto reflete – em perfeita fidelidade ao mais genuíno espírito evangélico e paulino – a lógica pascal, segundo a qual o *perder* e o *deixar* estão, no cristianismo, ordenados ao “encontrar multiplicado” – a mortificação à ressurreição: «Quanto mais se tem preferência, mais é preciso baseá-la no sacrifício, basear essa preferência no Eterno, que é o Jesus de João e André. Porque o Eterno entrou no mundo onde existe o que eu olho com preferência. Ele entrou no mundo com João e André, com Nossa Senhora, com José, da maneira que o evangelho descreve. Quanto mais se ama, quanto mais se prefere, mais se tem como que uma estranha necessidade de sacrifício. Que não é *por* Jesus! O sacrifício não é por Jesus, mas é pelas realidades deste mundo, para que sejam verdadeiras! Portanto, agora disse uma coisa bonita, que é a primeira vez que digo: quanto mais se ama, mais se tem preferência, mais se tem como que uma estranha necessidade de sacrifício para que surja o que vem “antes” na relação. E assim a relação mantém-se, torna-se verdadeira, cada vez mais verdadeira, e não desaparece mais, ou seja, torna-se eterna. E o Eterno, que entra na relação, na relação amada, faz dela um sinal, mas desta vez um sinal real, como um sinal mais próximo, por analogia, do sacramento, isto é, um sinal que traz em si a sua verdade. [...] Quanto mais se ama uma pessoa (ou uma coisa, o que é análogo), mais é preciso sacrificar, para que a pessoa amada se torne real, isto é, deixe um espaço no qual a presença que aconteceu – a presença do Jesus de João e André – entre na relação» (L. GIUSSANI, *L'attrattiva Gesù*, Milão: BUR, 2001, pp. 29, 33).

<sup>41</sup> Jo 17,6.

<sup>42</sup> Jo 4,11.

<sup>43</sup> «Manifestei o teu nome aos que, do mundo, me deste. Eram teus, e a mim os deste, e eles guardaram a tua palavra» (Jo 17,6).

emoção e um maravilhamento como ela nunca tinha visto nos olhos de nenhum dos homens que a tinham amado – um maravilhamento que penetrava no seu coração e era como se lhe saciasse a sede, como se lhe saciasse a sede, mesmo sem lhe dar “nada” (cf. Jo 4,10).<sup>44</sup> Aliás, não “como se”: saciou-lhe *efetivamente* a sede (como tinha sido prometido por Jesus: Jo 4,14!),<sup>45</sup> se foi verdade que a mulher «deixou seu cântaro»<sup>46</sup> e correu para sua aldeia a fim de contar a todos o acontecido, como que esquecida da sede que a tinha levado ao poço...

*Jesus [observou Giussani em L'autocoscienza del cosmo] era como uma criança diante das pessoas: admirava a florzinha, admirava a grama, admirava o passarinho, admirava as crianças que brincavam, comovia-se com a mulher que chorava, compadecia-se de quem tinha feito mal. E foi certamente pelo modo como olhava para ela que Madalena foi até Ele. E foi certamente pela maneira como olhou para ela que Madalena foi até Ele. Ele olhava para as coisas como elas eram de verdade: uma coisa é olhada como ela é, quando a vemos como Deus a vê.<sup>47</sup>*

E em outro lugar acrescenta:

*Onde é que o eterno pode ser uma experiência do alguém? No como faz você ver seu pai, como faz você ver sua mãe, como faz você ver a mulher que ama, como faz você ver o homem que ama! Há um preço: um sacrifício interior, um abandono interior; parece um abandono, mas é um agarrar mais profundo que dá um resultado mais impressionante. [...] «Cem vezes mais» significa uma experiên-*

<sup>44</sup> Jesus respondeu: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu lhe pedirias, e ele te daria a água viva” (Jo 4,10).

<sup>45</sup> «Jesus respondeu: “Todo o que beber desta água, tornará a ter sede. Aquele, porém, que beber da água que eu darei, nunca mais terá sede, mas a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna”. A mulher disse então a Jesus: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir aqui tirá-la” (Jo 4,13-15).

<sup>46</sup> Jo 4,28.

<sup>47</sup> L. GIUSSANI, *L'autocoscienza del cosmo*, Milão: BUR, 2000, pp. 205-206.

*cia mais intensa. Olhar para o objeto com respeito – com o respeito que nos mostra, pelo canto do olho, a presença de Cristo – faz-nos olhar, amar o objeto, «saltar» sobre o objeto a uma distância adequada, usar o objeto cem vezes melhor. Quem não fizer esta experiência não compreendeu o que é o cristianismo! Porque o cristianismo, disse São Paulo (Gl 2,20), é: «E a vida que tenho agora na carne [viver na carne significa pai, mãe, homem, mulher, filho, amigos...], eu a vivo na fé do filho de Deus [olho, sinto, uso a coisa como Cristo a olhou, senti, usou]». Isto traz uma utilização da coisa, um enriquecimento da coisa, uma luz sobre a coisa, um calor da coisa, uma calma da coisa, uma paz na coisa que é cem vezes mais do que todos os outros têm e do que eu teria tido.<sup>48</sup>*

Imagino que a maior parte de vocês nunca tenha tido a oportunidade de encontrar Dom Giussani ao vivo e de ter a experiência direta do seu olhar, do modo como nos olhava, do modo como olhava para tudo. Penso, no entanto, que todos ou a maior parte de vocês já ouviu falar disso. Pois bem, se eu tivesse de dizer o que nele mais me *maravilhava*, diria que era *o seu maravilhamento* – perdoem-me o jogo de palavras: o maravilhamento com que nos olhava, com que olhava para tudo. O célebre exemplo do décimo capítulo de *O senso religioso* – imagine que esteja abrindo os olhos pela primeira vez para o mundo com a consciência que tem agora – é, na verdade, um pouco o autorretrato de Dom Gius. Vêm-me à cabeça as palavras com que Péguy descreve o gênio de Victor Hugo:

*Toda a força do seu gênio vem quase exclusivamente dali: ele via o mundo não como um objeto conhecido, com um olhar habituado, mas como o objeto primeiro de um olhar primordial.<sup>49</sup>*

<sup>48</sup> L. GIUSSANI, *Vivendo nella carne*, op. cit., pp. 187-188.

<sup>49</sup> C. PÉGUY, *Véronique. Dialogo della storia e dell'anima carnale*, Casale Monferrato: Piemme, 2002, p. 26.

Não creio ser o primeiro nem o único a ouvir falar de como Dom Giussani, olhando para você, conseguia comunicar a sensação de você ser, aos olhos dele, a coisa mais interessante e misteriosa do mundo – o primeiro e único rosto que ele tinha visto. Só que é fácil demais parar no mero golpe do fato, limitando-nos, na melhor das hipóteses, a atribuir a sua origem ao carisma “*extraordinário*” que Giussani recebeu de Deus. Sem dúvida que isto é em parte verdade. E, no entanto, como ele próprio me disse um dia, de forma quase mordaz, é uma experiência que pode ser feita por qualquer pessoa que viva seriamente a memória<sup>50</sup> – ou seja, quem quer que, olhando para o rosto da sua mulher, em vez de se deter na superfície do seu “lindo rostinho”, penetre até a raiz abissal de onde aquela face irrompe a cada momento, como um acontecimento sempre novo.

Uma anedota célebre diz tudo isto de forma admirável. Trata-se do encontro que Giussani teve, ainda jovem padre, com um ex-seminarista cínico que, tendo saído do seminário, tinha acabado por se apaixonar e depois casar. Permitam-me ler um dos relatos do episódio que Dom Giussani nos deixou:

*Vocês se lembram do meu amigo de Saronno? Havia um seminarista que era um sujeito cínico e cético (já estávamos no colegial); ele tinha estampado nos cantos da boca, que eram como dois pedaços de gelo, um riso sardônico com o qual zombava de todos, desde o reitor até o colega mais recente; o único com quem falava nos corredores era eu. Seja como for, no terceiro ano do colegial saiu, foi embora, como não poderia deixar de ser. Vinte anos depois, eu estava em Saronno, na estação de Saronno [...], chega o trem e, no que chega o trem, eu sinto uma mão cutucando as minhas costas. Eu me viro: era ele. Depois de vinte anos, com um sorriso um pouco mais palatável: «Bom dia, professor, como vai?» «Tenho de ir a Milão.» «Ouça, eu deveria ir a Varese,*

<sup>50</sup> «De fato, a palavra sacrifício não significa necessariamente dificuldade ou dor ou – melhor – renúncia, dificuldade enquanto renúncia. Não significa necessariamente isto. Significa fazer a memória de Cristo penetrar no que se ama; então o que se ama torna-se mais verdadeiro, porque penetrado pelo Eterno» (L. GIUSSANI, *L'attrattiva Gesù*, op. cit., pp. 33-34).

*mas vou a Milão com o senhor, assim batemos um papo.» E veio a Milão comigo. [...] Ele estava ali, olhava para fora pela janelinha e eu observava que sua silhueta era diferente de antigamente. De fato, ele começou exatamente assim: «Devo lhe dizer que o senhor tinha razão – pois eu lhe dizia: “Você vai mudar quando se apaixonar por uma garota”, e ele ficava todo vermelho quando eu dizia isso no seminário –, o senhor tinha razão: eu me apaixonei por uma garota pela qual tenho uma enorme afeição já há alguns anos, e temos dois filhos; enfim, o que o senhor dizia se tornou realidade: eu mudei». Mas, logo que acabou de dizer isso – pimba! –, a máscara cética apareceu de imediato nos cantos da boca (inesperada, porque ele tinha ficado diferente) e ele disse: «Só que há uma coisa que, quando acontece, eu digo a mim mesmo: “Mas talvez eu é que tivesse razão”. Pois, quando estou com minha mulher e repito a ela determinadas palavras: “Eu te amo, para sempre, só você e nenhuma outra, você é a mais bonita do mundo”, me dá vontade de rir, me dá vontade de rir porque é uma mentira! É uma mentira: o senhor não tinha razão; não sei como resistir ao que o senhor diz, mas não é verdade, pois é uma mentira, há momentos em que aparece como mentira!» Eu fiquei um pouco embaraçado num primeiro momento. Logo depois, respondi a ele mais ou menos isto: «Imagine que o rosto da sua mulher seja como um ponto de fuga, um ponto que se abre dentro do cenário do universo, e que por esse buraco você vislumbra de onde vem a luz para tudo, que ilumina a tudo, e de onde vem aquele sopro que dá a forma a tudo. Ou seja, você olha para a sua mulher como sinal do Mistério, o sinal da outra coisa. É por isso que mantém o sentimento».<sup>51</sup>*

Dá para entender melhor por que para Giussani o drama da liberdade se dá, primeiro e mais do que em qualquer outro lugar, nas dinâmicas do conhecimento, tal como a Escola de Comunidade

<sup>51</sup> L. GIUSSANI, *Si può (veramente?) vivere così?*, Milão: BUR, 2020, pp. 556 e 557.

sobre o terceiro capítulo de *O senso religioso* nos levou recentemente a reavaliar.<sup>52</sup> Isto não significa de modo algum, como uma leitura descuidada dos nossos textos poderia sugerir, que Giussani não se preocupasse com a mudança, também ética, da pessoa. Significa, antes, que ele entendeu que o drama mais profundo da liberdade se situa sempre – e no homem de hoje mais do que nunca – no próprio ato de conhecer e de olhar, ou seja, justamente no nível do que nos dá (ou não nos dá) a possibilidade de *conseguir ver*. Daí o fato de a ascese, para Giussani, ter a ver, antes de tudo, com os olhos – é um caminho de apuramento do olhar<sup>53</sup> O resto é consequência.<sup>54</sup>

#### 4. «Uma nova lareira»: a companhia vocacional

Último passo. «Padre Paolo, todas essas coisas são bonitas e desejáveis» – disse-me uma de vocês, com quem jantei há pouco tempo – «mas depois, quando estou no trabalho, diante da minha chefe, ou simplesmente no meio do dia, *sozinha* diante das circunstâncias, é como se me parecessem abstratas, impossíveis de viver». Nesse momento, tomei a liberdade de interrompê-la, para impedi-la de perder pelo caminho a importância do que ela própria tinha dito: «Tem razão», eu disse, «*sozinha* não vai a lugar nenhum». E, de fato, se lermos o prólogo do estatuto da Fraternidade, que tam-

<sup>52</sup> Cf. L. GIUSSANI, *O senso religioso*, op. cit., pp. 47-59.

<sup>53</sup> «Para amar a verdade mais do que a nós mesmos, para amar a verdade do objeto mais do que a imagem que dele tivermos forjado, para essa pobreza de espírito, para esse olhar escancarado diante do real e da verdade (como o olhar da criança), é preciso um processo e um *trabalho*. Também aqui o processo fatigante se chama “ascese”» (L. GIUSSANI, *O senso religioso*, op. cit., p. 59).

<sup>54</sup> Não creio que seja um acaso, diga-se de passagem, que a vida hipertecnologizada e frenética típica das sociedades ocidentais contemporâneas seja conotada com um pansexualismo proporcional à pobreza da educação para o silêncio e para a arte de contemplar. Com efeito, a castidade é um valor que só é compreensível para quem tem o gosto da contemplação, uma vez que é precisamente e só ao fazer este tipo de experiência que se aprende a *sentir* a distância como *meio de penetração* na profundidade das coisas e dos rostos, em vez de uma mera abstenção; como via para a posse saborosa em vez da amarga privação. Da mesma forma, o valor da virgindade não poderá ser senão um ultrassom para quem nunca foi iniciado por ninguém nesta experiência. Para aprofundar o assunto, permito-me remeter a: P. PROSPERI, “Do not hold me: Ascending the ladder of love” – *Communio*, ICR 45 n. 2 (Summer 2018).

bém incluímos na pauta deste encontro, o que podemos ler ali? Qual é o objetivo da Fraternidade de CL?

*A natureza específica do [...] carisma [de CL] pode ser assim descrita: [primeiro] – a insistência sobre a memória de Cristo como afirmação dos fatores dos quais nasce a experiência cristã, na medida em que dão origem à verdadeira imagem do homem [e disto parece-achome que já falamos bastante]; [segundo] – a insistência sobre o fato de que a memória de Cristo só pode ser gerada pertencendo-se a uma comunialidade vivida.*

É isso: o olhar novo de que falamos não se aperfeiçoa vendo um tutorial no YouTube ou frequentando o curso de *self-coaching* deste ou daquele guru. A memória de Cristo, que é a verdadeira força motriz da mudança da nossa mentalidade, «não pode ser gerada» – diz Dom Giussani – «senão na imanência de uma comunhão vivida» (com todos os esclarecimentos feitos na assembleia).<sup>55</sup> Atenção: Dom Giussani não diz que a comunhão vivida gera a fé. A fé não é dada pela graça, por um acontecimento de graça que acontece como e quando Deus quer e que, objetivamente, se chama batismo.<sup>56</sup> Giussani diz, sim, que a imanência de uma comunhão vivida é necessária para gerar em nós *a memória*, ou seja, precisamente, como dissemos, a fé como princípio de um novo modo de estar na realidade.

Em suma, é apenas no seio de uma comunhão vivida que a memória encontra o alimento e o apoio de que necessita para dar forma à vida.

Voltemos ao nosso “mergulho de Pedro”. É significativo que Pedro reconheça Jesus de pé na praia, não por si mesmo, mas graças a um impulso do discípulo amado.

<sup>55</sup> L. GIUSSANI, *A obra do Movimento. A Fraternidade de Comunhão e Libertação*, op. cit., p. 243.

<sup>56</sup> Não é à toa que o cego de nascença só recupera a visão depois de ter se lavado na piscina de Siloé (que significa *Enviado*, nota João: uma alusão ao Enviado do Pai, ou seja, Jesus?), Jesus «disse-lhe: “Vai lavar-te na piscina de Siloé”, que quer dizer Enviado. O cego foi, lavou-se e voltou enxergando» (Jo 9,7). Como invariavelmente observam os comentaristas de todos os tempos, há aqui uma clara alusão ao rito do batismo.



Que bonito: aquele que mergulha impetuosamente, como um amante que de repente vê sua bela na multidão, é Simão. O ato de memória, o impulso do coração, é sempre pessoal: *é meu e seu*. Mas é como se não pudesse ser desencadeado sem a ajuda dos muitos Joões que o Senhor coloca ao nosso lado, como companheiros de caminho.

Outra passagem do quarto Evangelho, sempre com Pedro como protagonista, ilustra ainda melhor este ponto. Trata-se da famosa cena da tripla negação.<sup>57</sup> Entre os detalhes desse relato, convido vocês a prestar especial atenção ao braseiro junto do qual Pedro está quando Jesus:

*A criada, encarregada da porta, disse a Pedro: «Não és tu também um dos discípulos desse homem?» Ele respondeu: «Não». Os servos e os guardas tinham feito um braseiro e se aqueciam, pois fazia frio. Também Pedro estava ali, em pé, com eles, aquecendo-se. (Jo 18,17-18)*

Também neste caso, como costuma ser, é bom e justo perguntarmos-nos: por que João, depois de nos ter contado as duas primeiras negações, gasta um versículo inteiro informando-nos de que os servos e os guardas estavam ao redor de um braseiro *por causa do frio* e que Pedro também estava ali com eles *para se aquecer*? O que isso nos interessa?

Fica claro, também aqui, que não se trata de um mero amor jornalístico. Não, João está mais uma vez convidando-nos a ler nas entrelinhas (com *os olhos da fé!*). Perguntemo-nos então: o que o fogo (ou mais precisamente a lareira, ou seja, o fogo aceso pelo homem) representava na Antiguidade? A resposta, menos imediata para nós modernos, é: a lareira é, para o homem antigo, sinônimo de casa. Onde há uma casa, há uma lareira, há fogo. Mas a casa é também o lugar onde o homem vive com sua família, com os outros. O fogo passa então, imediatamente, a simbolizar aquele abrigo, aquela fon-

<sup>57</sup> Curiosamente, João divide o relato do episódio em dois (não me alongo aqui sobre o porquê). Vamos deter-nos no primeiro “excerto”.

te de segurança que cada indivíduo encontra no seu clã. A verdadeira casa, a verdadeira lareira do homem, são seus laços. O homem é relação, é um «animal social», dizia Aristóteles.<sup>58</sup> O que significa: quando você está *sozinho contra todos*, quando não tem o apoio dos “seus”, para ter um lugar à volta da lareira, sem se dar conta você acaba negando até a sua própria mãe. Porque não consegue estar sozinho, faz frio demais. E o frio não só nos quebra as pernas, como também nos ofusca a vista...

Permitam-me uma breve *digressão* autobiográfica antes de terminar. Como alguns de vocês sabem, antes de ir para os Estados Unidos, passei cinco anos na Rússia. Pois bem, impressionava-me sempre, ao ouvir as histórias da minha velha professora de russo sobre os anos de Stálin, o fato de que mesmo pessoas de elevada estatura – homens de letras, filósofos, cientistas – tivessem podido demonstrar tanto entusiasmo por Stálin e pelo seu regime. É claro que não se pode generalizar. E, no entanto, a ideia que eu tinha na época era que pelo menos algumas dessas personalidades ilustres estavam de boa fé. Algumas desempenharam certamente um papel por medo. Mas outras parecem ter sido sinceras. Como se explica isso? Na minha opinião, explica-se pelo fato de que, quando se está rodeado de pessoas que pensam *todas* de uma certa maneira, que nos dizem de manhã até a noite que o verde é laranja, acabamos por nos convencer de que nós é que estamos errados e que o verde é mesmo laranja, “laranjíssimo”! De tão forte que é em nós não tanto o instinto de autopreservação quanto a necessidade de comunhão.

Entende-se assim a necessidade vital daquilo que Giussani chama de «imanência a uma comunhão vivida». Num mundo em que tudo conspira para nos convencer de que «os loucos somos nós» – para citar o grande De Gregori<sup>59</sup> – é de fato impossível não acabarmos nos adaptando e vivendo como toda mundo, se não tivermos uma “lareira alternativa”, capaz de aquecer com sua chama o nosso

<sup>58</sup> Aristóteles, *Política*, livro I.

<sup>59</sup> «Mas eu já não estou aqui», e os loucos são vocês / Todos pensavam com os seus botões / “O noivo enlouqueceu ou bebeu” (F. DE GREGORI, *Alice*, do álbum *Alice non lo sa*, 1973 – It, ©Universal Music Publishing Group).

coração até fazê-lo arder por amor de Cristo, custe o que custar; capaz de iluminar com sua luz a nossa mente, de outro modo tão facilmente exposta a ficar à mercê de «todo vento de doutrina».<sup>60</sup>

Não é à toa que só existe outra lareira em todo o Evangelho de João, além daquela junto à qual Simão negou Jesus. É a lareira em volta da qual se reúnem os sete discípulos, convidados pelo Ressuscitado.<sup>61</sup> Como que dizendo: o que transforma Simão de vil renegador em intrépida testemunha do Senhor, capaz de dar a vida por Ele (cf. Jo 21,18), não é apenas a “sua” fé individual no Senhor. É também a permanência naquela comunhão eclesial, que é o lugar concreto em que essa fé é continuamente atizada – o lugar concreto em que Ele continuamente se faz presente, até o dia da Sua volta.

Como devem ter reparado, o terceiro dos três pilares do carisma que estavam na pauta não foi abordado. Por isso, gostaria de lançá-lo como uma provocação e um desafio (portanto, para ser meditado) também na preparação para a assembleia. Limite-me a lê-lo e a confiá-lo à reflexão de vocês e talvez ao diálogo entre vocês, até a assembleia de amanhã. Seria bom que surgissem também algumas ideias sobre esse assunto. É como se nos mostrasse o outro lado da moeda do ponto dois. O ponto dois era que a memória gera comunhão. O ponto três é a insistência no fato de que a memória de Cristo tende inevitavelmente a gerar uma comunhão visível e positiva na sociedade. Como que dizendo: a comunhão gera a memória e a memória, por sua vez, gera a comunhão.

---

<sup>60</sup> Ef 4,14.

<sup>61</sup> «Quando saltaram à terra, viram um braseiro preparado com peixe em cima e pão. [...] Jesus disse-lhes: “Vinde e comei”. Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar quem era ele, pois sabiam que era o Senhor» (Jo 21,9.12).

Sábado, 25 de novembro

---

## EXCEROTOS DA SEGUNDA ASSEMBLEIA

**Giovanni.** *Queria contar três coisas, a propósito do que se falou ontem, na assembleia e na palestra. Faz hoje dois anos que nasceu o meu filho, o Matteo Enzo. Ele nasceu em condições desesperadas, porque minha mulher, no oitavo mês de gravidez, teve um descolamento completo da placenta. Por milagre, ela se salvou, mas para Matteo a situação era muito grave. Lembro-me de quando cheguei à UTI e o vi no berço, lindo, e a minha primeira reação foi: «O que te foi roubado!» Como médico, via o encefalograma, entendia um pouco qual era a situação e dizia: «Que injustiça que te foi feita!» Nessa noite, como não sabíamos como a situação ia evoluir, dissemos ao médico-chefe: «Se ele piorar, batize-o». Ele era ateu e estava sempre dizendo: «Não acredito, mas respeito. Está bem, está bem». Na manhã seguinte, conseguimos batizá-lo, o que foi uma coisa um tanto excepcional, porque estávamos no meio da segunda onda de covid. Veio batizá-lo um padre da São Carlos, o padre Luca Montini. Enquanto ele o batizava, eu estava olhando para o eletroencefalograma e a minha visão era superficial, dizia: «Vai lá, faz o milagre. Vai!» Naquele momento, lembrei-me de um testemunho que ouvi nos meus anos de universidade: uma garota que, falando da sua mãe com um tumor, dizia que rezava pelo milagre da cura, mas depois tinha reconhecido que o verdadeiro milagre era a forma como sua mãe tinha estado perante a doença e a morte. Então, ali, rezei para não perder nada, para ver tudo o que estava acontecendo. A graça foi esta: reparei na minha mulher, que tinha dois olhos brilhantes (estava vendo o seu bebê pela primeira vez), em todos os amigos que tinham invadido a enfermaria, no meu filho que, nessa noite, quando eu me despedia dele (no dia seguinte íamos desligar as máquinas), apertou meu dedo quando pus meu dedo na sua mão, e eu estava felicíssimo. Todos olhavam para mim como se eu fosse idiota, e eu dizia: «O meu filho apertou minha a mão!» Esta presença (nós, os nossos amigos) era tão*

forte que descobri que o médico ateu, agora, quando há uma família na mesma situação que a nossa, propõe o Batismo. A segunda coisa é que, quando nos lançamos no amor de Cristo, até o jugo é leve. Este ano descobrimos que estávamos à espera de um menino, o Manuel. A gravidez foi muito complicada desde o início; uma semana antes da possibilidade de vida extrauterina, minha mulher teve uma infecção no útero, daí a decisão de retirá-lo, porque senão teria morrido no espaço de meia hora. Lembro que nessa noite comecei a andar pela casa, para frente e para trás, a toda a hora: pensava nela, no Manuel, no nosso filho Paolo, que tem quatro anos... Mas houve uma coisa que me marcou, porque naquela dor absoluta, eu ainda assim queria ser feliz e não conseguia, no torpor daquela circunstância, explicar isso a mim mesmo, até que olhei para o meu filho Paolo. Minha mulher esteve acamada durante cinco meses e foram cinco meses pesados para o Paolo, pedimos-lhe muitos sacrifícios, mas tentamos de todas as formas que fossem para ele e não contra ele. Percebi que Deus fez exatamente a mesma coisa comigo, porque eu estava olhando para os amigos do Movimento que nos faziam companhia, e fazer companhia a pais que já perderam um filho, sabendo que podem perder outro, não é fácil. Mas nasceu este grupo de amigos, Memores Domini e padres, que nos pediam para vir jantar, em grupo ou sozinhos. E nesses jantares não falávamos da nossa situação, mas minha mulher e eu dizíamos no fim da noite: «Respiremos». Porque eram todas pessoas que olhavam para a mesma coisa que eu, eles na sua vocação, eu na minha. Minha vocação de pai, de marido, está em comunhão com a deles. Quando nos tinham dito que era necessário operar minha mulher, ela, que estava clinicamente quase morrendo, se apoiou nos cotovelos diante do ginecologista que a assistia e que iria operá-la dali a pouco, com a consciência de que a criança que trazia no ventre iria morrer, agradeceu-lhe e disse-lhe: «Decidimos dar-lhe o nome de Diego como segundo nome, como você, pela companhia que nos fez». Ver isto, para mim, já era um sinal de que Deus vence a morte. A última coisa, o que disse sobre o grito. O nosso filho Paolo, quando minha mulher chegou do hospital, nos primeiros vinte minutos lhe contou todas as coisas boas que tinha feito enquanto ela esteve fora, depois olhou para a barriga e disse: «Mas o meu irmão-

*zinho nasceu?» E ela: «Sim, mas foi para a casa de Jesus». E aí foi como um tapa na cara dele, porque, depois da morte do Matteo, ele esperava, com a consciência de um menino mais crescido. Durante um mês, a raiva absoluta (o grito): começava a dar pontapés nas coisas, vinha e dizia: «Diga-me que sou mau!», «Mas você não é mau», «Eu preciso que me diga que sou mau, porque assim sei porque estou zangado». E ia falar com os outros e dizia: «Jesus fez uma coisa ruim: levou o meu irmão». Até que, uma vez, ele estava no sofá com a minha mulher e lhe disse: «Mamãe, peça a Jesus que me dê outro irmãozinho». E ela: «Olha, a barriga da mamãe já não pode ter mais irmãozinhos». E ele: «Bem, ele há de arranjar uma maneira». Então minha mulher disse: «Por que você não pede?» «Estou assistindo desenho animado, estou ocupado». Como o assunto não se colocava, dois dias depois ela o levou para a cama e ele disse: «Mamãe, fica aqui». Foi até a nossa, onde há um quadro da Sagrada Família, e minha mulher o ouviu dizer: «Jesus, não faz mal que tenha levado o meu irmãozinho, não faz mal, mas eu te peço outro irmãozinho. Você decide como e quando». Depois parou e diz: «E obrigado por ter me trazido a mamãe para casa!» Fiquei espantado porque o meu filho tinha uma clareza na sua relação com Deus de uma familiaridade, de uma paternidade, para a qual eu olhava, porque muitas vezes nos acontece de nos escondermos e dizermos: «Sim, está bem, foi para junto do Senhor», como se fosse um lenitivo para a dor. Mas o meu filho tem esta liberdade de se zangar no seio de uma relação de filiação, que o fez dizer a verdade: «Você é quem decide» e «Obrigado por a mamãe estar em casa».*

**Padre Paolo Prosperi.** Obrigado, Giovanni. As crianças, que mistério são as crianças! Queria conhecer o seu filho. Eu também, quando era pequeno, me zangava assim com Jesus...

**Belen.** *Ontem você deixou como pergunta para esta assembleia o terceiro ponto do Estatuto da Fraternidade: «A insistência sobre o fato de que a memória de Cristo inevitavelmente tende a gerar uma comunialidade visível e propositiva na sociedade». Minha reação foi: «Eu não tenho nada a dizer, porque acho que não gero nada na so-*

*cidade».* Isso me deixou com uma amargura e uma pergunta. Para mim, pensar na sociedade e no mundo significa, em primeiro lugar, pensar no local onde trabalho: um fundo de investimentos que desenvolve projetos de energias renováveis. É um trabalho de que gosto muito, mas é um mundo onde tudo é performance e dinheiro. Eu, de manhã, digo sempre: «Deus, aqui estão minhas mãos para que Te conheçam». É só por causa do olhar de Cristo que recebi e que recebo sobre mim, que todos os dias percebo que não estou ali para ganhar dinheiro, mas para a felicidade das pessoas. E isso dá origem a um novo olhar para as pessoas, por exemplo, faz-me partilhar o que sei com os outros, para que aprendam o trabalho, o que não é habitual. De verdade, da memória de Cristo nasce um novo olhar. Mas acho que isso não muda nada nos outros, nem gera uma comunialidade «visível e propositiva». O que é esta «comunialidade propositiva» na realidade em que cada um de nós está? E qual é a ligação com a missão?

**Padre Paolo Prosperi.** Ótima pergunta. Obrigado, Belen. Acho que esta é uma questão que muitos sentem.

**Angelo.** *Ontem dissemos que a memória de Cristo não pode ser gerada senão na imanência de uma comunhão vivida. Portanto, é necessária uma comunhão para viver a memória. Isso para mim é muito verdadeiro, sobretudo em dois pontos: a relação com minha mulher e o grupo de Fraternidade. Acho, no entanto, que muitas vezes a nossa comunhão não gera uma proposta visível e presente nos nossos ambientes, como já foi referido. Então, o que falta? Faça esta pergunta porque penso que o tema da “presença nos nossos ambientes” é uma das dimensões do nosso carisma que mais precisamos recuperar. Sobre este aspecto, gostaria de ler uma passagem de Giusani tirada do livro que você citou no início, Certi di alcune grandi cose, que na minha opinião é uma descrição revolucionária do que significa estar presente: «A presença surge como uma humanidade mudada: a presença é algo que perturba a situação através de uma perturbação presente na nossa vida. É porque algo me perturba que eu mudo, e esta minha mudança perturba a situação em que estou».*

*E depois é lindíssima a forma como conclui, algumas páginas mais à frente: «A presença é o gosto com que vivemos a nossa experiência de fé» (p. 10). Impressiona-me que, ao contrário da nossa mentalidade, a presença não seja uma atividade, mas uma passividade. E isto, para mim, está também ligado àquele advérbio «inevitavelmente» do terceiro ponto da introdução (a memória de Cristo tende inevitavelmente a gerar uma comunialidade visível e propositiva na sociedade).*

**Padre Paolo Prospero.** Desculpe, mas eu sou a favor do *et et* católico. Por isso, quando ouço dizer que «não é» uma atividade, torço imediatamente o nariz (desculpe: não estou bravo com você, é apenas a forma como você se exprime que me incomoda...). Por que não é uma atividade? É *também* uma atividade, pelo contrário! Não se trata apenas de passividade. Caso contrário, somos luteranos, não católicos. É *principalmente* passividade, claro, mas é *também* atividade. Melhor: é uma passividade ativa, um ativo que se torna passivo. Aquilo que ontem chamamos de “receptividade”, na verdade, é isso mesmo: um ativo abrir espaço em mim para a ação de Outro – em que o adjetivo *ativo* ressalta que há liberdade envolvida, uma *energia* de liberdade. O que é a fé – o que é *sobretudo* a esperança – senão um dar espaço em mim *ativo* para Outro? A esperança é passiva? Sim e não! É passiva porque, quando você espera a ajuda de Deus, deixa que seja Ele a fazer. Mas este “deixar fazer” é ativo. De fato, às vezes é muito difícil! Ou estou enganado? Em suma, uma mulher, para receber a semente que a torna fecunda, não é de todo simplesmente passiva. Ela é ativa (espera-se!) nesse receber. *Et et*: é uma sinergia de graça e de liberdade. Deus nos permite pôr algo de nós (e isso também é um dom). Talvez voltemos a este assunto.

**Michela** (nome fictício, ndr). *Antes de vir aqui para Assis, aconteceu uma coisa no trabalho que me comoveu, e a palestra de ontem me fez novamente recordá-la. Trabalho em estreita colaboração com um juiz. Nos últimos dois anos, depois de ter percebido a seriedade do meu trabalho, começou a relacionar-se comigo, e de uma esti-*



*ma profissional nasceu uma estima humana, pelo que cheguei até a convidá-lo para um encontro do nosso centro cultural. Não só veio, como convidou também outros colegas. Durante este tempo, percebeu que eu sou cristã. E ele é o mais afastado possível do cristianismo e de qualquer tipo de socialidade. No outro dia, marquei férias para vir aqui e, na quinta-feira (que é dia de audiência e ele faz especial questão de que eu esteja presente), no meio da tarde eu tinha de ir embora. Ele sabia e me convidou para almoçar, junto com uma estagiária. Perguntou-me onde é que eu ia desaparecer durante dois dias, e eu lhe disse que ia a uma convivência com jovens de toda a Itália. A estagiária disse: «Sim, vai com os de Comunhão e Libertação». Então ele, como pessoa um pouco antissocial que é, me disse: «Como é que você consegue ir com toda aquela gente? Eu enlouqueceria!» Então eu lhe disse: «Olha, eu vou porque para mim aquele lugar, a companhia do Movimento, os meus amigos, são um lembrete para aproveitar verdadeiramente a vida». Depois ele me pediu que contasse o que aconteceu aqui em março, e eu comecei a contar em geral. Ele me interrompeu: «Não, não, especificamente. De que é que falaram?» Tentei falar-lhe do tema do trabalho, desde a escravidão do Egito até a escravidão de hoje, da sociedade do desempenho, do self-made man... A certa altura ele me disse: «Mas isso é a minha descrição, e não é só do trabalho, é de todas as áreas, das relações, da concepção de mim, da relação com os colegas». E depois acrescentou: «E então, como é que nos libertamos dessa escravidão?» Eu comecei a balbuciar...*

**Padre Paolo Prosperi.** Vem e vê!

*Michela.* Eu comecei a balbuciar qualquer coisa e, num dado momento, me lembrei de um episódio que tinha acontecido no trabalho e que tinha envolvido o escritório e a ele também. Contei-lhe o que me ajudou a abrir bem os olhos em relação a uma colega e a reconquistar, dia após dia, o prazer de ir trabalhar. Falei-lhe desta companhia, dos meus amigos e do trabalho que ajudamos uns aos outros a fazer e a viver. Ele exclamou: «Que coisa, eu gostaria de ser como você!» E a estagiária, que até o segundo anterior parecia

*querer apenas me pôr na berlinda, disse: «Eu também». E o juiz continuou: «Mas eu entendo isso em você porque você é...», e a estagiária disse: «Ela é otimista». E o juiz: «Não, não é otimista, é algo mais, é realmente uma posição em relação à vida. Mas isso, para alguém como eu, é impossível». Eu tentei lhe dizer: «Olha que não é uma capacidade minha, não é um esforço de positividade», mas ele acabou a conversa assim: «Eu tenho uma propensão para o mal». Portanto: isto é bom para você, mas não tem nada a ver comigo. Voltamos ao escritório, e passados dez segundos ouvi o juiz gritando o meu nome. Fui falar com ele e ele me falou de um problema de trabalho que tinha acabado de acontecer: «Estou pê da vida. Agora, levando em conta o almoço que tivemos e a posição que você tem, diga-me como eu devo encarar isto». Aquilo me comoveu, por várias razões. A primeira reação foi: «O que encontramos é realmente para todos, porque até você, que até um segundo atrás me dizia que não é para você, em relação ao problema concreto não pôde deixar de voltar para onde viu uma posição desejável e atraente». No dia seguinte, era quinta-feira, e no meio da audiência me despedi e ele me olhou de forma séria: «Bom Assis». Isso me impressionou bastante. Voltou-se para mim e disse: «Depois você precisa me dizer como foi». Comoveu-me, porque cada vez mais percebemos que o que encontramos é realmente para todos, tem um alcance realmente infinito. E depois, pela gratidão pelo lugar aonde pertença. Isto me deu o gosto de voltar aqui. A verdadeira beleza deste lugar é também um novo desejo. E acho que tem a ver com a comunidade, porque esta comunidade gera cada vez mais em mim uma liberdade de ser quem sou. Acho que este é o maior fruto e aquele que vejo crescer ao longo do tempo. E através dessa liberdade há alguém que se torna presença e proposta para todos.*

**Padre Paolo Prosperi.** Só um breve comentário. Obviamente não quero diminuir o contragolpe da beleza do que a Michela nos contou. A primeira resposta que se deve ter diante de um fato tão bonito, é olhá-lo com maravilhamento. Há, no entanto, no que ela disse também a descrição de uma dinâmica que, a meu ver, ajuda a esclarecer a questão colocada pela Belen.

Vou explicar. Poder-se-ia dizer, depois de ouvir o discurso de Belen e este: «Tá bom, a Michela tem sorte, a Belen um pouco menos. Com a Michela deu certo, com a Belen não. Tudo depende um pouco das circunstâncias, um pouco da vontade inescrutável do Mistério de nos usar ou não. Ponto final». Mas será que é só isso que há para dizer? Ou será que a nossa liberdade também está em cena e, em caso afirmativo, em que sentido? Obviamente, não é preciso dizer que não somos nós que podemos produzir um acontecimento como o que aconteceu com a Michela. A questão, porém, é outra. A questão é saber se a nossa liberdade pode colaborar com a Graça, “criando” as condições para que tal acontecimento se produza (voltando ao *et et* católico!). Ora, parece-me que no que a Michela contou há não só a história de um “pequeno milagre” (também), mas também uma interessante indicação de método. De fato, primeiro passo: o que desencadeou toda essa escalada? O que desencadeou a escalada foi o fato de a Michela ter decidido vir a Assis, deixar o seu trabalho por dois dias e vir para cá. Foi isso o que provocou uma inevitável “perturbação” no ambiente de trabalho da Michela, para usar a expressão do nosso amigo de antes. A perturbação é o fato de haver uma mulher “que faz carreira”, aspirante a magistrada, que pega e vai embora, correndo o risco de se expor à incompreensão do chefe. Bem, segundo passo: o que tornou possível esse risco? O que o tornou possível? Foi ela mesma quem o disse: o que a libertou do medo e a levou a correr o risco foi a sua *estima por este lugar*, a sua ligação a um lugar que reconhece como precioso para sua vida – tão precioso que ela decidiu tirar um ou dois dias de férias para vir aqui: «A primeira experiência de Assis foi para mim tamanha fonte de novidade», disse a Michela a si mesma, «que entendi que ir lá está certo, não é tempo roubado do trabalho. Eu preciso de ir a Assis precisamente para ser mais eu mesma aqui no trabalho. Por isso, vou e fim de papo».

Terceiro passo: o que isto tem a ver com a frase de Giussani sobre a qual incidia a pergunta de Belen? Tem tudo a ver, porque nessa frase Giussani não só fala de dois frutos distintos da *memória*, mas também os ordena. Primeiro diz que a memória de Cristo tende inevitavelmente a gerar uma *comunhão visível*, e depois diz que essa

comunhão *visível* se torna *propositiva na sociedade*. Os adjetivos se seguem: primeiro diz “visível” e depois diz “propositiva”. Aqui está: a fala da Michela é como se nos ilustrasse em ação a progressão e a relação de “causa-efeito”, por assim dizer, que liga os dois aspectos da comunhão gerada pela memória. A *memória* da convivência de março (primeiro momento) fez com que a Michela decidisse vir aqui, ou seja, afirmar *visivelmente* a sua pertença à nossa comunhão (segundo momento); e esta afirmação, sem que ela o quisesse, traduziu-se espontaneamente numa proposta, numa “perturbação” do seu local de trabalho. A intencionalidade, portanto, não foi inicialmente algo acrescentado ao fato de ela ter afirmado visivelmente uma ligação, mas foi o fruto espontâneo da sua “confissão”, por assim dizer, dessa ligação. «Vou embora», disse a Michela no escritório. E eles: «E aonde vai?» Então ela começou a contar-lhes...

E há um segundo ponto que gostaria de salientar, porque também me chama a atenção. Por que a Michela começou a “contar”? Por que não se limitou a inventar uma desculpa qualquer? E sobretudo: por que a sua história impressiona quem a ouviu? Pela mesma razão pela qual a Michela decidiu ir a Assis: porque tem a certeza do valor do que viveu e sentiu na nossa primeira convivência, a tal ponto que se pôs a falar do “lava-pés” ao seu chefe, que, se bem entendi, nem sequer é católico...

Voltamos assim à questão da relação entre maravilhamento e generatividade. Tornamo-nos testemunhas na proporção do maravilhamento que nos preenche. Não há nada a fazer, é assim: «A boca fala do que está cheio o coração», disse Jesus.

No entanto, o que eu queria sublinhar é que “ser proativo” não é, antes de tudo, uma questão de fazer coisas, de inventar sabe-se lá que iniciativas (sem diminuir em nada a importância das iniciativas, se as houver, melhor!). A primeira maneira de ser proativo é afirmar corajosamente a nossa pertença, aquilo a que estamos ligados. Num mundo dominado pelo individualismo e pelo cálculo, não será esta coragem o testemunho mais perturbador?

**Francesco Cassese.** Não entendi se está ressaltando a afeição ou o estarmos prontos a deixar o trabalho para...

**Padre Paolo Prospero.** São os dois lados da mesma moeda, não é? Por que razão é que Pedro deixou o barco, as redes e os peixes? Porque Jesus estava na margem. Foi o afeto por Cristo que levou Simão a deixar o barco. O que não quer dizer que o barco não lhe interessasse. Quer dizer que Cristo lhe interessava mais, porque Cristo é Aquele que salva e dá sentido a tudo, incluindo o que ele fazia quando está no barco. O que me permite voltar ao ponto da relação entre atividade e passividade, que antes deixamos um bocadinho de lado: «Não é só passividade, é também atividade», dizíamos. Pois bem, a experiência vivida pela Michela lança uma luz interessante também sobre esta relação, sobre este entrelaçar de passividade e atividade, que é como que a trama da nossa relação com Cristo. De fato, no início da decisão da Michela de vir a Assis, o que é que está? Está um convite recebido e, ao mesmo tempo, a recordação de ter sido tocada pelo que tinha vivido em março. No início há, portanto, uma “passividade”. Mas, neste momento, entra em jogo a liberdade, a energia ativa da liberdade: a Michela também podia decidir não vir. Podia dizer a si mesma: “Seria bom ir, mas desta vez seria melhor ficar no escritório, dado o ambiente que se respira”. Em vez disso, não o fez. Decidiu o contrário, mesmo sabendo que a sua decisão poderia ter consequências desagradáveis. De fato, o seu chefe, instigado pela colega, poderia ter-lhe dito: «Ei, olha que não estamos aqui brincando...»

Por isso: passividade e atividade não se opõem. Pelo contrário, uma “desperta” a outra. A admiração gera o afeto e o afeto dá asas à liberdade, dá-lhe vontade de arriscar, mas sem obrigá-la a levantar voo. A decisão da liberdade continua a ser uma decisão da liberdade. Uma pessoa diz sim, outra diz não. Uma pessoa diz sim num dia. No dia seguinte, diz não. É o drama da liberdade.

*Salvatore. Primeiro fato. Nestes últimos tempos, o trabalho está uma confusão, no sentido de que temos de concluir uma série de obras no prazo previsto, e fui obrigado a contratar pessoas novas, incluindo estrangeiros. Dei-me conta de um fato, até olhando para outros empreiteiros, que há uma forma diferente de olhar para estes novos contratados, porque como a questão é concluir os trabalhos*

*a tempo, eles podem tornar-se “carne de canhão”: «Vocês têm que trabalhar. Não importa como, têm que trabalhar». Mas eu descubro o tempo todo um grito: diante dos novos, me é pedida paciência para lhes ensinar italiano, ou para ensinar-lhes o próprio ofício. Para mim, não são carne de canhão, mas alguém que me é dado, porque tudo isto é fruto de uma educação que eu recebo continuamente nesta história. Segundo fato. Fizemos a Coleta de Alimentos e houve uma apresentação, na qual o presidente do Banco de Alimentos da nossa região nos leu uma carta de uma voluntária que, no ano passado, tinha ficado muito impressionada com a relação que teve com um homem que estava na porta do supermercado. No final do dia, esse homem, tocado pelo olhar dessa voluntária, começou por abraçá-la e depois também ele ofereceu algo para a Coleta. No sábado, também fui fazer a Coleta e encontrei uma mulher que estava ali pedindo esmola. Tendencialmente, isso é um aborrecimento para mim... Mas desta vez tive mesmo o desejo de lhe perguntar como se chamava, de onde vinha, e acabei por convidá-la a fazer a Coleta. São dois fatos muito banais para mim, mas percebo que o ponto essencial que estou descobrindo este ano é o tema da pertença, respondendo continuamente à pergunta: «Mas eu, de quem sou?» E quando digo «de quem sou», tenho bem presente o exemplo que o Padre Paolo deu ontem em relação a Pedro, que correu deixando as redes, de tal modo que sou sempre obrigado na minha vida a dizer a mim mesmo: «Para quem corro, deixando tudo para trás?» Isso tem pautado muito os meus dias, e é por isso que consigo dizer que toda a experiência que faço no Movimento é a proposta de um aumento de uma afeição por Aquele que verdadeiramente me devolve a minha pessoa e o meu coração. Depois, surge em mim uma coisa muito interessante, tanto que me envolve nos fatos da realidade. Acho que o tema – mesmo hoje em dia – não é a experiência da comunidade, mas a experiência da comunhão. Não nos é pedido um certo nível de agregação, mas a experiência da comunhão, que não é ditada pelo fato de você e eu estarmos juntos, mas sim de nos redescobrimos juntos. Isto para mim é libertador, porque diante dos meus trabalhadores, mais do que diante daquela senhora que pedia esmola, estou eu, mas o que é que me permite estar assim, senão a comunhão? Esta experiência de*

*comunhão nos abre à descoberta de que a realidade é algo que me é dado, precisamente a mim, de modo que a relação com o instante se torna relação com o Mistério através das circunstâncias.*

**Federica.** *Nas férias, provocada por uma conversa em que meu pai me disse: «Ninguém bate Deus em generosidade», perguntei ao Padre Paolo: «Se isto é verdade, então por que ele não me realiza no lugar onde eu estou?» A pergunta surgiu do fato de que, para seguir a carreira que tinha iniciado, teria de passar muito pouco tempo em casa, o que tornava a família e a carreira incompatíveis. Respondendo à minha pergunta, depois de citar o episódio contado por Pier Paolo Bellini, o Padre Paolo indicou que eu tinha de viver o que me era dado: «A prioridade é a família, por isso é pedido que você faça esse sacrifício. Comece por aí, depois, se o Senhor quiser, lhe dará também a oportunidade de voltar a fazer o trabalho de que gosta...» A princípio, fiquei brava com essa resposta, porque não era a que eu esperava. Claramente, isso não resolvia a minha questão, mas a posição de raiva era a mesma que eu tinha mantido durante todo o ano e, com certeza, não tinha me ajudado a viver. Decidi então olhar para essa possibilidade que o padre Paolo me sugeria e comecei a me empenhar ainda mais no que tinha de fazer, que era cuidar da casa. Um dia, ocupada com várias tarefas, fui atravessada por um pensamento: há dois anos, morava e trabalhava fora do país, estava no centro do mundo, e agora estava na humildade das pequenas coisas do dia a dia. Isso me impressionou sobre mim, porque me confrontou com a minha capacidade de ser humilde, algo que eu pensava não ter dentro de mim. E assim ganhava força, talvez pela primeira vez, o fato de eu não coincidir com o que faço e que, paradoxalmente, uma “não carreira” me dava mais de mim do que um emprego poderia me dar. Depois me lembrei do testemunho de dois amigos que nos contaram, nas férias, que na sua vida conjugal, que também era marcada pela doença da filha e pela dureza do trabalho, ao fim do dia perguntavam a si mesmos: «Onde é que você O encontrou hoje?», para se ajudarem no casamento e nas dificuldades, para verem o Seu sustento. E eu tentei fazer o mesmo. Quando meu marido chegou em casa do trabalho, fiz a mesma pergunta. Meu marido gerencia a empresa*

*agrícola da família, por isso tinha voltado bastante cansado, e fiquei muito surpreendida porque ele respondeu apontando para mim com a cabeça. Naquele momento, vislumbrei os sinais da minha conversão: através de um desmoronamento do meu ego, mas não do meu eu, percebi a grandeza da graça que me estava acontecendo. Entendi que era capaz de ser humilde (no sentido franciscano da palavra) e que amar é servir. Num jantar com amigos, senti a necessidade de lhes dizer isto. E eles perguntaram ao meu marido o que achava de tudo aquilo, e ele, que é realmente de poucas palavras (além disso, aproximou-se do cristianismo recentemente, no casamento comigo), respondeu: «O que é a divindade senão alguém que te espera e se prepara para você?» E assim, esta ferida em relação ao trabalho (que não é isenta de dor, na verdade ela está sempre lá, viva e ardente) está virando a possibilidade de uma relação, algo que antes me dilacerava; agora me dá a possibilidade de não voltar a vociferar: este grito é dirigido a Alguém.*

**Padre Paolo Prospero.** Obrigado.

*Michele.* Queria contar uma experiência que me parece ter algo a ver com o fato de que a memória de Cristo e, portanto, a consciência renovada de ser filho, pondo-nos naquela posição de que o Padre Paolo falou ontem, de vulnerabilidade e de humilde receptividade à escuta, conduz a uma forma de presença. Sou médico de família, trabalho numa pequena cidade e todos os meus doentes têm como língua materna o alemão. Este ano, por acaso, fui cantar no funeral de um dos meus doentes e percebi que tudo isso era simplesmente seguir o que estava acontecendo. Era um doente que eu acompanhava para controles muito simples; o seu câncer tinha se agravado, então nos últimos dois meses estive em sua casa quase todas as semanas para acompanhá-lo com cuidados paliativos. Uma vez, foi na terça-feira antes da Páscoa, fui vê-lo porque tinha de trocar catéter dele, coisa que já tinha feito muitas vezes, só que tentei muitas vezes e começou a sangrar, por isso disse: «Espera, vou chamar uma enfermeira para me ajudar». Enquanto estava à espera da enfermeira, senti vontade de lhe cantar alguma coisa. Chegou a enfermeira, eu troquei o caté-



*ter, fui para casa e pronto. Na terça-feira depois da Páscoa, voltei ao trabalho e as enfermeiras me disseram que ele tinha morrido. Nessa mesma manhã, apareceu uma doente que me disse: «Sou muito amiga da mulher dele. Ela me disse que cantou para ele e que tem uma voz muito bonita». No caminho para casa, liguei para minha mulher e lhe disse: «Gostaria de propor aos familiares de cantar aquela música no funeral». No dia seguinte, na Escola de Comunidade, falei com um amigo, perguntei a um violonista se podia me acompanhar e ele me disse logo que sim. À noite, enviei o texto da música a um amigo de língua alemã; na manhã seguinte, acordei e tinha o texto traduzido. Preparei os folhetos para entregar na igreja a todos os presentes. No dia seguinte, seria o funeral, liguei para a família, fiz a proposta, disseram que sim. Assim, cantei no funeral e foi uma coisa impressionante: estavam lá muitos dos meus doentes e percebi que passei a vê-los como irmãos e irmãs, e acho que a forma como olham para mim também mudou. Alguns dias depois, a mesma enfermeira do catéter veio à clínica e me disse: «Voltei àquela casa, contaram-me o que aconteceu e desatei a chorar». E ali nasceu um belíssimo diálogo sobre o coração: «O que foi que te comoveu tanto que te fez chorar?» Quando estamos diante da verdade.*

**Padre Paolo Prospero.** Obrigado.

**Francesco Cassese.** Essa corrente de amigos que nos dizem “sim”, o violonista, o tradutor, de modo que depois se vai ao funeral e se canta, e depois novamente a enfermeira que se desfaz em lágrimas... Bem, quando ouvimos estas histórias, é importante compreender que não são histórias normais. Estamos tão imersos nesta companhia que corremos o risco de considerar normais episódios que não o são nem um pouco. Esta iniciativa e depois a corrente de pessoas, de disponibilidades, de afirmação do outro: por que isso é importante? Porque o que seria terrível era sermos o meio através do qual o Mistério chega à enfermeira – que percebe esta “estranheza” e, de fato, desata a chorar, comove-se diante desta excepcionalidade – e perdermos o gosto e o maravilhamento que surgem quando O vemos em ação. Você não fez nada, a não ser di-

zer esse “sim”, dar essa disponibilidade. Mas a história que contou é extraordinária, fala-nos de uma Presença muito maior do que nós. A isto se chama *fé*, ou seja, num certo ponto podemos dizer: «Quem és Tu, que geras uma experiência assim?»

*Paola.* Tudo o que dissemos uns aos outros me dá um sentido de responsabilidade que, por um lado, cria também aquela ansiedade do desempenho... por exemplo, agora, na dinâmica do que o Michele nos contou, há tantos “sins” e não é normal... porque muitas vezes nós dizemos “não”. E isso me deixa particularmente ansiosa, porque penso em tantos na nossa história que a dada altura foram embora, e em quantos, pelo contrário, estão nesta história precisamente por causa desse maravilhamento, dessa humanidade diferente, dessa coisa que “não é normal”. Isso tem me questionado muito. Sinto esta responsabilidade sobre mim e, no entanto, digo: é verdade, muitas vezes estou diante do meu marido, dos meus colegas, dos meus filhos com o rosto transfigurado, mas outras vezes não. Compreendo que estar imersa na companhia me ajuda a ter o rosto transfigurado, mas também é verdade que há momentos em que não é assim e isso me incomoda. Quero entender bem o que é essa responsabilidade. Você falou um pouco disso quando falou de passividade e de atividade, mas não quero ser a moralista do costume, do “tem que”, mas sinto este anseio.

**Padre Paolo Proserpi.** Certo.

*Marco.* Ontem, na passagem sobre a criatividade, você disse que «é o fruto espontâneo e o resultado imprevisível da sua abertura». E isso é claríssimo. O exemplo sobre a preparação à distância também é muito claro, por isso você faz as leituras não para pregar, mas porque lhe serão úteis. Mas depois disse: «Quando temos responsabilidades, a preocupação de querer comunicar destrói tudo». Mas há momentos em que temos responsabilidades: estou pensando nos filhos, no trabalho... Como é que estas duas coisas se conjugam?

**Padre Paolo Proserpi.** Ele disse: não há problema em não nos preocuparmos com o resultado imediato do que fazemos, mas se

nos é dada uma determinada responsabilidade, se me é dada a responsabilidade de um certo assunto, de uma certa pessoa, então é inevitável que eu sinta todo o peso dessa responsabilidade. Aliás, se não o sentir, se não sentir algum medo e tremor ante essa responsabilidade, se não sentir também uma justa “vontade” de fazer bem, isso significa que não estou interessado no bem da coisa (ou da pessoa), nem me preocupo muito com Quem me confiou essa responsabilidade. Por isso, tudo bem com essa história do maravilhamento e da preparação remota. Mas depois, perante a tarefa – que é, por exemplo, um filho que não quer estudar – não se pode deixar de sentir vontade. Então, como é que se sai desta situação? Era este o ponto?

*Marco. É isso.*

**Padre Paolo Proserpi.** Muito bem.

**Francesco Cassese.** Vou tentar, desajeitadamente – aviso desde já –, resumir um ponto emergente. Trata-se de uma questão que não surge apenas da extemporaneidade da assembleia de hoje. Parece-me, antes, uma questão que está fazendo seu caminho ao longo destes meses, como um fruto inesperado – pelo menos no que me diz respeito – da experiência que estamos vivendo. Sentimo-nos objeto de uma preferência. Assim, fomos introduzidos na experiência da memória do Senhor. Esta preferência e esta memória estão de alguma forma fazendo vir à tona a palavra *responsabilidade*. Sentimos que a experiência que estamos vivendo traz consigo uma promessa: a promessa de realização da nossa vida, mas também a promessa para o mundo todo. Este é o primeiro elemento que sublinho, porque o considero um belo sinal: este desejo de que a Presença que encontramos seja conhecida por todos. No entanto, esta *responsabilidade* confronta-se com o fato de que a nossa presença raramente “perturba” o ambiente de trabalho, a nossa presença nem sempre gera comunhão à sua volta. E assim, aparentemente, parece que chegamos ao fim da linha com um fracasso lamentável. Esta *responsabilidade* – nascida do encontro que

tivemos – encontra-nos ineficazes e esgotados na comunicação. Por isso, padre Paolo, faça estas questões a você: o que é a responsabilidade? E o que essa responsabilidade tem a ver com a vocação? O que significa que essa responsabilidade faz parte do caminho, faz parte deste chamado?

**Padre Paolo Prosperi.** Então, levando em conta as horas e o cansaço de todos nós, vou me limitar a dar algumas ideias sobre o assunto, e amanhã talvez volte à questão que você levantou, depois de pensar um pouquinho sobre ela.

Queria começar pela provocação do Marco. Fiquei muito impressionado com a sua pergunta, porque descreve a experiência de uma “armadilha” em que eu também me vi muitas vezes enredado, *mutatis mutandis*. Vou reformulá-la com palavras minhas: como é que o *pondus*, o peso da responsabilidade no seu aspecto concreto (você deu exemplos e penso que todos nós temos cem mil exemplos, a nossa vida é feita desses fardos que nos urgem, que se agarram aos nossos flancos) se conjuga com esta primazia do maravilhamento de que falávamos, com o “cultivo do maravilhamento” de que falávamos?

Parece-me um bom ponto de partida. É evidente que, ao dizer o que disse sobre este assunto, sobretudo na primeira assembleia, quis exagerar um pouco (e portanto simplificar) as coisas, para tentar fazer sobressair o ponto de fundo, a lógica subjacente. No concreto da vida, as coisas são mais complexas e intrincadas, se quisermos. Eu quis, em polêmica com o pragmatismo narcisista do *self-made man*, digamos assim, insistir na ideia de que a nossa fecundidade, a nossa generatividade é realmente tal se resultar de um acolhimento, dessa primazia dada à graça de Outro, à ação de Outro que, investindo-me, me torna generativo. Não foi por acaso que insisti na imagem da maternidade. Na maternidade das mulheres, esta dinâmica aparece em ação de uma forma clara e paradigmática.

Partamos então desta imagem e vejamos se ela pode nos ajudar a lançar alguma luz sobre a questão levantada pelo Marco. De fato, acho que pelo menos três ou quatro das falas de vocês, estou pensando na da Belen, na da Paola e em outras, implicam uma espécie

de equação que corre o risco de se insinuar entre nós. Como se dissessem: «Se eu não gero, se sou estéril (no sentido de uma produtividade visível, de dar à luz algo visível), isso significa que não vivo o maravilhamento, não amo Jesus, não vivo a memória. Se não gero, significa que não vivo a experiência do carisma. Ao passo que quem dá fruto – no sentido visível, perceptível, mensurável do termo –, esse sim vive a fé, esse sim faz experiência de Cristo». Um pouco como as mulheres estéreis do Antigo Testamento, que pensavam ter pecado por serem estéreis, no sentido físico do termo. Mas elas não tinham razão, atenção! A *fertilidade* não deve ser confundida com o resultado visível e imediato da dedicação de alguém. Como sabemos, uma pessoa pode ser a mais santa entre nós e passar toda a vida doente na cama, oferecendo o que vive para a salvação dos homens. Em vida, talvez nunca veja o bem que fez aos outros. Paciência, vai vê-lo no Paraíso! Aqui não verá nenhum fruto? Aqui verá, diria eu, sobretudo um: a sua humanidade que muda (e que, justamente assim, se torna inevitavelmente luminosa...).

Há, porém, outro lado da moeda – e é na realidade sobre este outro lado da moeda, se bem entendi, que o Marco disse que estava travado. Eu reformularia a questão do seguinte modo: o fato de o amor a Cristo me libertar do resultado significa que não tenho de me preocupar, por exemplo, se o meu filho crescer certo em vez de errado? Quer dizer, em outras palavras, que a minha relação com Cristo me torna *indiferente* ao resultado do meu empenho?

É aqui que está, parece-me, a verdadeira questão: o que significa exatamente ser livre do resultado? É errado preocupar-me com o meu filho, que pode estar começando a frequentar más companhias – é errado eu sentir *todo o peso* da minha condição de pai, da minha condição de mãe? Não, não pode ser errado. Eu não amaria o meu filho se não sentisse o “peso” que uma palavra ou uma decisão minha pode ter sobre ele. “Uma vez que não preciso me medir, uma vez que minha relação com Cristo me liberta da chantagem do resultado, então já não me preocupo”. Eh, não! Claramente, nesta posição, há também alguma coisa que não bate.

O que é que não bate? Embora possa ser óbvio, falo mesmo assim: o que não bate é o fato de que, na verdade, entre o amor a Cristo e o

amor ao destino do meu filho, não pode haver nenhuma distância, sendo que cuidar do meu filho é a *missão* que Cristo me deu. Voltamos assim ao sim de Simão Pedro: «Tu me amas? Apascenta as minhas ovelhas». É na palavra *missão* que está o ponto de união entre o amor a Cristo e o desejo de que o meu esforço seja bem-sucedido. Por quê? Simplesmente porque educar o meu filho coincide com a missão que Cristo me dá. Melhor ainda: coincide com a *forma como* Cristo me chama a participar na *Sua missão*, que é a de conduzir o mundo ao seu destino. Saber isto, fazer memória disto, não reduz, é verdade, o peso da responsabilidade; mas me permite, certamente, vê-la de outra perspectiva, decididamente mais “épica”.

Em suma, o ponto não é o peso ou o não peso. O ponto é a forma como você vê esse peso – o que se vê “dentro” desse peso.

Os que me conhecem sabem que sou fã de *O Senhor dos Anéis*. Pois bem, podendo ser Frodo, ou seja, o portador do grande “Fardo” (é assim que Tolkien chama muitas vezes o anel), quem preferiria ser um hobbit qualquer, um daqueles que ficam no Condado?

A questão não é, portanto, o “peso” da responsabilidade, mas a forma como olhamos para esse fardo. Sem memória, vemo-lo como um fardo e pronto. Viver a memória, pelo contrário, levamos a vê-la precisamente como parte do “*Fardo*” com F maiúsculo, ou seja, como o modo *só teu* (esta missão nos é confiada a nós, a mais ninguém – diz Elrond a Frodo) de servir o Todo, o teu modo *pessoal* de dar a vida pela salvação do mundo. É uma perspectiva completamente diferente (e mais correspondente!). Ou não?

É justo, então, sentir o *pondus*. É o sinal de que reconhecemos que existe uma ligação entre a realização da nossa existência e o resultado ou “sucesso” – permitam-me o termo – da missão que nos é confiada. O problema é que não nos fixamos naquilo em que consiste esse sucesso (embora seja inevitável imaginá-lo). É justo que uma mulher casada que não pode ter filhos sofra? Claro que sim, porque é da natureza da sua vocação ter filhos e criá-los. Mas isso não significa que ela esteja destinada ao fracasso. Significa, sim, que essa vocação terá de ser realizada de outra forma, a descobrir. Pelo meio, há toda a dificuldade do sofrimento, o peso do sofrimento de um caminho que não é como a pessoa esperava.

O que nos leva a um segundo ponto que gostaria de abordar, que tem a ver com a razão *histórica* pela qual a responsabilidade é sempre *também* peso. Peso não só no sentido de “kabod”, isto é, de “glória”, mas também no sentido de fardo, de cansaço. De fato, não é só a mulher sem filhos que sofre. A mulher que dá à luz também sofre! Ambas sofrem, ainda que por razões opostas. Não há nada a fazer, aonde quer que vamos, sofremos. Por quê?

Já o dissemos esta manhã: porque existe o *pecado original*.

De fato, dar à luz, isto é, dar fruto, exige suor e trabalho, porque toda a realidade, a começar pela do nosso coração, traz em si como que um germe de “resistência” ao bem, à ordem, ao destino para o qual foi feita. A Bíblia diz isto logo na sequência da história da queda (ajudando-nos assim a completar o discurso sobre o trabalho, iniciado em março, quando citamos o Salmo 8):

«[18] *Espinhos e matagal o solo te produzirá. [...] [19] No suor do teu rosto comerás o pão*».

Houve a queda. E, desde então, já não é possível ser “subcriador”, já não é possível gerar sem suar a camisa. Mas atenção, não é que Deus tenha feito as coisas assim desde o início. Como dissemos em março, citando o relato de Gn 2, no início, o trabalho devia ser “alegria” pura, puro dom.<sup>62</sup>

Obviamente, teremos então de nos perguntar (e o faremos daqui a pouco) se é apenas uma “desgraça” que as coisas sejam assim, ou se, pelo contrário, Deus o permitiu porque tinha seus próprios planos. Mas, antes de mais nada, temos de tomar nota do *fato*, senão já não compreendemos nada. *De fato*, quer queiramos quer não, a nossa vida é toda feita de sacrifícios. Se lerem o capítulo sobre o sacrifício em *É possível viver assim?*, perceberão que Dom Gius, como formidável realista que era, parte precisamente daqui: tudo está cheio de sacrifício. Quer queiramos quer não, é assim.<sup>63</sup> E você está aí, fazendo tudo bem, sem fazer nada de mal... e o seu filho se revolta. Te dá

<sup>62</sup> Cf. “Constituíste-o acima das obras...”, op. cit., p. 6.

<sup>63</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2008, pp. 317-347.

um soco – sem mais nem menos, sem motivo. Mas como? Por quê? Você não faz nada de errado, gosta dele, se desdobra em mil... e ele cresce meio errado. Como é que se explica isso? Explica-se pelo fato de haver o pecado original. Por isso, se quiser que o seu filho cresça direito, precisa suar três vezes mais, precisa lutar, precisa passar muitas e muitas noites sem dormir, porque não sabe como ajudá-lo... e porque sabe que, mesmo que faça tudo bem, não é certo que tudo corra bem. Não dá para saber. É esta a condição humana, a condição humana pungente... Tudo está cheio de imperfeições, tudo. Até a cara da sua mulher, que você achava tão bonita aos vinte anos, está agora cheia de rugas e você não gosta dessas rugas. Por isso, precisa passar por elas, precisa atravessar “o deserto” daquelas rugas, se quiser reencontrar o maravilhamento de que falei na palestra. E essa travessia é um sacrifício, assim como é um sacrifício consumir-se para criar filhos, criar uma empresa, gerenciar um escritório...

Claro, como se disse antes, há também uma atração neste esforço, há também uma “glória” em carregar o fardo dos outros. E, no entanto: se uma pessoa tiver um mínimo de consciência, aliás, quanto mais a tiver, mais, ao olhar para sua própria fragilidade, não pode deixar de tremer ao pensar que o bem dos outros depende de si. Se não treme, se não sente nenhum “peso” e até gosta de pensar nisso, então não quer dizer que é livre, mas que é um sociopata (como há tantos por aí). Quem não sente nenhum peso em carregar o fardo dos outros, não é livre. É um inconsciente, um narcisista patológico. Quanto mais se ama, pelo contrário – como Péguy tão bem diz, no seu *Portal da Esperança* – mais se treme.

Ora, depois de tudo isto, que talvez nos ajude a nos afastar de uma interpretação demasiado romântica do ícone do mergulho de Pedro, a questão que se coloca é a seguinte: que as dificuldades existem, é um fato. Mas será que esse *fato* é puro azar? Esta me parece ser a verdadeira questão: será que as dificuldades são apenas uma coisa que atrapalha, que impede o meu desejo de felicidade, de realização, de vida plena? Ou será que não?

Há tanta coisa que gostaria de dizer sobre esta questão fascinante. Mas a hora do jantar se aproxima e estamos todos cansados, por isso limito-me a duas simples observações.



A primeira não é mais do que um aprofundamento do que já disse na palestra, falando de Pedro, que primeiro mergulha deixando ficar os peixes, e depois puxa para terra cerca de 100 kg de peixes. No final, para mim, a chave para a questão da relação entre “amor a Cristo” e “assumir responsabilidades” está toda aqui: como é que o fazer memória, ou seja, este mergulho em direção a Cristo, modela a forma como carrego os fardos que me são dados? O que significa, a partir da metáfora, que consigo carregar 100 kg de peixes como se não fossem 100 kg? Em que consiste esta *leveza nova*?

O que dissemos até agora, também com a ajuda da fala do Marco e de outros, ajudou-nos a esclarecer o que não quer dizer: não quer dizer que, magicamente, o medo de dizer a coisa errada ao meu filho, por exemplo, desapareça. Esse medo se mantém; aliás, é bom que se mantenha!

O que é, então, esta liberdade? Esta liberdade consiste no fato de que, na raiz da nossa ação, já não está o nosso desejo de fazer o bem, mas está a *caridade*, isto é, o nosso desejo de *dizer o bem que você quer* a Cristo e ao nosso filho. E isso faz mais do que tirar a apreensão ou o cansaço: transforma-os num *sinal concreto* da “extensão” do nosso amor por Cristo e pelo nosso filho. Podemos dizê-lo de outra forma: como é que a memória, ou seja, a vivência da responsabilidade como resposta a Cristo, transforma minha relação com a responsabilidade que tenho? Transforma-a no sentido de que dá uma nova finalidade à minha ação: a finalidade *primeira* da minha ação é o meu sim a Cristo. O que não exclui, como já foi dito, que eu queira fazer o bem. Mas este desejo de fazer o bem é como se fizesse parte de um horizonte maior, no centro do qual está este grande motivo: tudo o que faço, faço-o por Ti, ó Cristo. Ora, que efeito tem este novo objetivo, ou esta nova raiz, sobre o aspecto de risco e de esforço que toda “missão” contém?

Tem um efeito muito importante. Por quê? Porque se o que me leva a agir é, *em primeiro lugar*, *dizer o amor*, então o objetivo principal da minha ação já não está *no fim, depois da ação*, ou seja, no resultado material da ação (que me interessa, claro!). Mas está *dentro* da ação, isto é, precisamente *no dar-me, no dar-se*. É claro

que quero ser bem-sucedido, e é claro que me custa se obtenho um resultado ruim. Mas não é *tudo*! Não é *tudo*! Há um valor e, portanto, um gosto na minha entrega que não depende do resultado visível da minha entrega. Que valor? Que sabor? Já disse: o gosto de “dizer” o meu amor. É isso o que alivia o fardo e, de fato, o transforma em valor, em algo interessante.

Explico-me com um exemplo: imaginemos que uma das nossas amigas que está nos ajudando a cantar esta noite tivesse de cantar uma canção solo, na frente de todos nós. E imaginemos também que ela não esteja se sentindo muito bem, devido a uma dor de garganta que a impede de cantar como é capaz. Bem, como é que acham que a nossa amiga se sentiria, enquanto espera pela sua vez, se a *única* coisa que lhe interessa é sair-se bem e ser apreciada pelos presentes?

É claro que é justo que ela queira cantar bem e fazer-nos apreciar algo bonito. Se ela foi escolhida para cantar, é porque é boa no canto, obviamente. E contudo: se atingir este objetivo for o seu *único* (e sublinho: *único*) interesse, então é evidente que a nossa amiga não terá outra escolha senão subir ao palco toda dominada pelo terror de que a sua voz lhe falhe. E assim – eis a ironia – ela acabará, por um lado, por não desfrutar de um segundo da sua *atuação* e, por outro lado, por não comover ninguém (mesmo que sua voz não falhe uma única vez).

Bem, imaginemos agora outro cenário. Imaginemos que a nossa amiga, antes de subir ao palco, se recolha um momento nos bastidores. Ela não está bem, sabe que o estado da sua voz não é de sempre. A sensação de que vai fazer um papelão não tarda a assaltá-la, ela cora de vergonha com a ideia da figura que está prestes a fazer. Com certeza alguém vai rir, *Oh! my God...* Mas de repente, “outro” pensamento a invade: “E daí? No fundo, o que me importa? Senhor, é por Ti que faço isto. Infelizmente, esta noite não há mais ninguém que possa cantar no meu lugar. E então... mas sim, Senhor, eu faço. Faço por Ti. Por Ti. Faço porque Tu me pedes. E se a minha voz não for a melhor, que seja. De fato, sabe o que mais? Se alguém rir, melhor: poderei mostrar-Te *mais ainda* quem Tu és para mim...”

Para dizer a verdade, devo confessar que este exemplo é um pouco autobiográfico. O Camu se lembra, com certeza. Estávamos no

CLU, há muitos anos, no Pime de Milão. Havia uma assembleia (muito concorrida) na Universidade Católica e Dom Giussani estava presente (foi uma das últimas vezes, se não a última, em que veio). Ai de mim, coube-me a tarefa de cantar um canto russo – *Vecernyi svon* – na frente de Dom Giussani e de toda a assembleia. O coro atacou e eu, que devia ser o solista, entraria logo em seguida. Só que eu estava tão emocionado que a voz não saía, não saía... e quando saiu... um desastre! Risadas... enfim, eu uma cara de peixe morto. No entanto, apesar do meu amor-próprio, não senti nenhuma vergonha enquanto a minha atuação desajeitada se “desenrolava”. Por quê?

É difícil de explicar. Eu diria o seguinte: porque enquanto cantava, não estava pensando em mim. Não estava concentrado em mim mesmo (aliás, digamos que estava pouco demais!). Não sentia vergonha porque sentia que, no fim das contas, o que mais contava aos meus olhos, naquela minha tentativa desajeitada, era dizer àquele homem à minha frente o meu afeto e gratidão. Corrijo: para ser sincero, não é que a vergonha não estivesse lá. É mais paradoxal do que isso: é que a onda de emoção foi como se tornasse o meu canto desajeitado ainda mais belo aos meus ouvidos (só aos meus, porém!) do que se tivesse cantado perfeitamente.

Já é tarde e o Camu ainda precisa falar. Por conseguinte, vou reduzir ao mínimo a segunda observação, que não é mais do que um breve comentário ao discurso da Federica.

Se repararem, a Federica nos contou, com um exemplo tão simples quanto belo, como se dá esse processo em que um “jugo” que antes era sentido como um fardo, a certa altura se torna “doce”. Ora, o que mais me impressionou no seu discurso foi o fato da Federica ter chegado a esta experiência através de um caminho muito humano – um caminho em que ela não renunciou nada à sua razão, ou seja, ao seu desejo humano de realização. Pelo contrário, aceitou alargar sua razão, abrindo espaço em si mesma, com um ato de fé, para uma hipótese de realização que estava além da sua medida, apenas para ser surpreendida como verdadeira na sua experiência. E assim pôde “saborear” o cêntuplo, ou seja, fazer uma experiência de verdadeira satisfação. Claro que não uma satisfa-

ção tal como o mundo a entende. Que mulher “de hoje”, fora desta sala (e talvez mesmo nesta sala), diria que a Federica tinha razão em fazer a escolha que fez? *A priori*, talvez nenhuma. No entanto, nós a ouvimos e sentimos, pressentimos que o que Federica descreveu é desejável, é correspondente. O paradoxo da experiência cristã está todo aqui. A fé realiza o humano – mas só o faz se a pessoa estiver disposta a “deixar-se levar” para além do meramente humano, isto é, para além do que a sua razão por si só poderia captar e experimentar. A fé é isto, ela realiza isto em nós. E, de fato, a Federica pôde entrar nessa experiência porque confiou, levou a sério as palavras que lhe tinham sido ditas. E assim essas palavras se tornaram o caminho para uma experiência nova, que ela nunca tinha tido antes.

Termino destacando que, precisamente aqui, tocamos numa das tônicas características do nosso carisma: «É, se muda», dizia Dom Giussani. A fé cristã só se revela “conveniente” e, portanto, persuasiva, se e na medida em que já permite a quem a vive no presente centuplicar a relação com as realidades deste mundo, ou seja, com o que interessa a todos. Com uma observação, porém: o cêntuplo – é isto que temos mais dificuldade em compreender, dizia muitas vezes Giussani – não é a multiplicação quantitativa do gosto que todos experimentam. Não é o ter “cem vezes mais” o que toda mundo já tem. É antes a posse, o “saborear e ver” as mesmas coisas de outro modo, de um modo novo – um modo de que a história de Federica, na sua simplicidade, nos ofereceu um belíssimo exemplo.

**Francesco Cassese.** Eu também partilho de bom grado esta minha experiência. Hoje, depois de tantos anos, surgiu no meu coração e chegou aos meus lábios esta expressão: «Como Bach é grande!» Esta manhã, os frades franciscanos nos pediram que celebrássemos juntos a Santa Missa e animaram a parte dos cânticos. Durante a comunhão, um frade organista tocou o segundo movimento da *Suíte n. 3* de Bach. O organista era bom, mas não ótimo... E enquanto tocava, às vezes eu dizia a mim mesmo: «Espero que ele acerte o acorde com a mão esquerda», porque as passagens eram estranhas e eu tinha medo de que ele se enganasse. Ultrapas-

sada a passagem com a mão esquerda, a preocupação passava para a mão direita, onde há duas melodias sobrepostas. Eu estou acostumado a ouvir essa peça executada com perfeição. No entanto, ao ouvir as outras interpretações, aquele «Como Bach é grande!» nunca me ocorreu. O frade organista, com toda a sua inadequação, na sua imperfeição e insegurança, fazia-me segurar a respiração: «Vamos, força, estou contigo». Pela primeira vez, percebi o quanto ansiava por aquele acorde certo, o quanto desejava poder ouvi-lo. Nenhum de nós, hoje, seria capaz de escrever a música de Johann Sebastian Bach, e os que tocam as suas peças comunicam algo maior, algo para além de si mesmos. E eis que, de repente, se instala um novo pensamento: somos todos como esse organista, ou seja, nenhum de nós é capaz de viver, transmitir e comunicar na perfeição o que recebemos. Bach é desproporcional em relação a qualquer tipo de intérprete, assim como é desigual a relação que temos com o Senhor.

Mas que esta imperfeição, esta incapacidade possa coincidir exatamente com a glória de Cristo, que através da minha pequenez a glória de Cristo possa brilhar ainda mais, isso, hoje, me comoveu até as lágrimas. Acho que isso nos ajuda a compreender que, no fim das contas, o tema da missão não é uma questão de *desempenho*. A trajetória que percorremos desde a escravidão da “sociedade do cansaço” poderia levar-nos tragicamente a nos medir pela nossa capacidade ou incapacidade. A missão é o mergulho de Pedro, que deseja alcançar o Senhor e se esquece de si mesmo, como acontece com as crianças. É apenas este amor que nos mantém em movimento, talvez balbuciando o seu nome. Estamos também dispostos a cometer alguns erros de concordância (audácia ingênua) para afirmar essa Presença. O que nos agarrou foi a história de um Deus que quis comunicar-se através da pequenez humana.

Domingo, 26 de novembro

---

## SÍNTESE

padre Paolo Prospero

Chegamos ao último ato. O que vou dizer, adianto para não haver dúvidas, não tem nenhuma pretensão de resumir a riqueza do que surgiu nos últimos dias – estou pensando sobretudo nas assembleias. Pretende, antes, ser uma espécie de reação imediata ao que surgiu nos últimos dias, com o objetivo de “atirar a bola” para frente.

Para introduzir o que quero dizer, queria começar pelo canto que pedi aos nossos amigos que tocassem para nós – não sei quantos de vocês a conhecem: é *All That I Want*, dos Rival Sons. Esta canção me é muito querida por duas razões. A primeira é que quem me apresentou foi uma grande amiga minha, a Giuditta Zola – filha de Adriana Mascagni, para quem não a conhece (e que por isso entende de canções). A segunda é que, quando a ouvi pela primeira vez, fiquei imediatamente arrebatado, não tanto pela música, mas pelo fato de ter pensado imediatamente nas palavras da canção não como se fossem ditas por um apaixonado qualquer à sua amada, mas por Cristo a mim, a cada ser humano (*by the way*: quando disse isso à Giuditta, ela respondeu logo: «Olha, eu te mostrei por isso mesmo: eu a ouço do mesmo jeito»!)

*Se eu pudesse fazer com que me visses / como eu te vejo, /  
tenho a certeza (espero) que irias adorar o que vês / [...]  
Se pudesses sentir a dor no coração que eu sinto / cada vez  
que vais embora, / nunca irias embora...<sup>64</sup>*

Ao longo destes dias, falamos muito dos novos olhos que a fé dá, tanto nas palestras como nas assembleias. Ouvimos muitos teste-

---

<sup>64</sup> «If I could help you see me / The way that I see you / Hope you like what you see / [...] If you could feel my heartache / Each time you walk away / You would never leave» (Rival Sons, *All That I Want*, do álbum *Hollow Bones*, 2016, © Earache Records).

munhos que atestaram a mudança do nosso olhar sobre a realidade que vem da fé viva. Mas ontem à noite, pensando principalmente na segunda assembleia, a certa altura disse a mim mesmo: é como se em tudo o que foi dito, mesmo nas coisas que eu disse primeiro, faltasse algo de essencial. É como se houvesse um ponto genético que corremos o risco de dar por óbvio e que, pelo contrário, é a chave que coloca tudo no lugar certo. Que ponto? Eu diria assim: qual é o *primeiro objeto* que a fé me permite focar? O primeiro objeto, a primeira realidade que começamos a ver “no seu verdadeiro esplendor” graças ao acontecimento da fé, é o próprio Jesus, a *pessoa de Cristo*. Quantos ouviram falar d’Ele! Mas, para muitos, Jesus é apenas um nome sem interesse. Quantos olham para o Crucifixo, sem que aquela figura de um homem pendurado na cruz suscite qualquer “perturbação”, para citar a expressão usada por um de vocês ontem na assembleia.

Entende-se então qual é a primeira e grande função do carisma na nossa vida. O que é um carisma eclesial? Um carisma é aquele dom da graça que permite a quem o recebe entender o esplendor do Homem Jesus Cristo com uma força e uma tônica específicas – uma força e uma tônica que depois são iluminadoras também para os outros. Disse Dom Giussani: o carisma é «*uma janela* para a totalidade do dogma»,<sup>65</sup> Ou seja, para o mistério de Cristo. Que bonito! O carisma é uma janela para Cristo, o que quer dizer: é o dom dado a um homem com um olhar tão penetrante para o mistério de Cristo, que se torna como que uma «*janela*» através da qual também os outros podem participar do seu próprio maravilhamento.

## 1. «Queremos ver Jesus»

Introduzi já assim o primeiro ponto desta manhã, a que chamaria assim: «Queremos ver Jesus».<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Cf. L. GIUSSANI, S. ALBERTO, J. PRADES, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 117; grifo nosso.

<sup>66</sup> «Entre os que tinham subido a Jerusalém, para adorar durante a festa, havia alguns gregos. Eles se dirigiram a Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e pediram-lhe: “Senhor, nós queremos ver Jesus”» (Jo 12,20-21).

Como alguns de vocês devem se lembrar, João põe estas palavras na boca de um grupo de gregos que, tendo ido a Jerusalém para a Páscoa (provavelmente eram tementes a Deus, ou seja, simpatizantes da religião judaica), ouviram falar de Jesus. De fato, depois de ter ressuscitado Lázaro, em Jerusalém só se falava d'Ele, ou com entusiasmo, ou com hostilidade.<sup>67</sup> Daqui a curiosidade dos gregos e o pedido feito a Filipe e André: «Queremos ver Jesus».

Pois bem, queremos ver muitas coisas. Mas, no fundo, haverá alguma curiosidade maior do que esta? «*Queremos ver Jesus*».

«Queremos ver Jesus.» Como é importante manter vivo em nós este desejo! Por quê? Por que é importante?

Ainda ontem estava justamente pensando nisto, no final da assembleia, quando nos debruçávamos cada vez mais sobre o tema da responsabilidade e do peso, do cansaço que ela introduz inevitavelmente na nossa vida de adultos (quer se trate de responsabilidades ligadas à vocação pessoal – família, trabalho –, quer do envolvimento na construção do Movimento: no fundo, é a mesma coisa). Como dissemos ontem, é um fato de realismo reconhecer que o cansaço e o sacrifício são dimensões inelimináveis da nossa vocação (pelo menos neste planeta). Por outro lado, acho que há um risco em nós, quando falamos deste assunto (e ontem tive a confirmação disso): tendermos, sem perceber, a dissociar o discurso sobre a responsabilidade do discurso sobre a fé, tal como o estabelecemos. Como se disséssemos: por um lado, há a fé, a minha relação pessoal com Cristo; por outro lado, *depois*, há as minhas responsabilidades, a missão, concebida como um acréscimo, como um “dever” a cumprir forçando os músculos. E as coisas não são assim. Se ainda as vemos assim, isso significa que talvez tenhamos de nos concentrar um pouco mais na relação que une as duas coisas – o mecanismo, por assim dizer, que faz de uma o “motor” da outra. Que mecanismo? Na verdade, já o dissemos: o que dá asas à nossa liberdade, o que liberta a nossa liberdade de todos

<sup>67</sup> «A multidão que estivera com ele, quando chamou Lázaro do sepulcro e o ressuscitou dentre os mortos, dava testemunho. Foi por isso que a multidão foi ao seu encontro, porque ouvira dizer que ele tinha feito esse sinal. Os fariseus, então, comentavam entre si: “Estais vendo que nada conseguis? Olhai, o mundo se foi atrás dele”» (Jo 12,17-19).



os cálculos, do medo, da automedicação contínua, que torna tudo pesado, é a descoberta de sermos amados. Melhor: a consciência cada vez mais clara de *quanto* e *como* somos amados: «Se pudesses sentir a dor no teu coração que eu sinto cada vez que vais embora, nunca irias embora». É este “*sentimento*” que, despertando em nós, nos torna “responsáveis”, isto é, (etimologicamente) *habilitados a responder*, como Dante disse melhor do que ninguém (embora o tenha dito pela negativa!): «Amor, que a nenhum amado amar perdoa» (*Inferno*, c. V, v. 103): O amor que impede o amado (quem se descobre amado) de não retribuir o amor.

É o fato de nos vermos amados que faz ressurgir em nós o impulso da dedicação. O que nos leva de novo à primazia do «*desejo de ver Jesus*». Se o que foi dito é verdade, então a primeira responsabilidade – a responsabilidade que funda todas as outras, poderíamos dizer – é a de não apagar o desejo de ver cada vez melhor este Amor, ou seja – para voltar a uma bela expressão de Dom Gius que já citamos – de «*aprofundar o maravilhamento*»:

*Não devemos preocupar-nos em exprimir-nos, devemos preocupar-nos em aprofundar o maravilhamento, porque aprofundar o maravilhamento conduz a uma expressão adequada de nós mesmos; ao passo que se nos esforçarmos por encontrar a expressão de nós mesmos, encontraremos cada vez mais expressão de nós mesmos. [...] Não nos é pedido que procuremos a nossa expressividade, é-nos pedido que aprofundemos o maravilhamento de onde brota a expressividade. A expressividade, ou seja, a fecundidade, nasce de um amor; e o amor é o encanto por um Presente que é acolhido e abraçado, reconhecido e aceito.<sup>68</sup>*

Por que Pedro mudou? Se bem se lembram, na palestra insistimos que o Pedro de Jo 21 não é como o Pedro de Lc 5. O que o fez mudar?

Mudou-o *ter visto*, ter experimentado a *extensão* do amor de Cristo por ele. O que mudou em Simão depois da Páscoa é que Si-

<sup>68</sup>L. GIUSSANI, *L'autocoscienza del cosmo*, op. cit., pp. 204-205.

mão está agora como que “imbuído” de maravilhamento – maravilhamento por este Amor sem limites, que nas feridas ainda abertas do Ressuscitado ele agora viu e tocou. Do mesmo modo, só podemos arder com um amor por Cristo semelhante ao de Pedro de Jo 21 – um amor que prevalece sobre o sentimento de inadequação, sobre o medo, sobre a automedida – na medida em que começamos realmente a ver e a saborear, ou pelo menos a sentir o perfume da *realidade*, da “*res*” do Amor de Cristo por nós.

É uma lei que conhecemos bem. *Nihil desitum quin precognitum*: não se deseja senão o que se conhece. Não nos apaixonamos senão por uma beleza que vemos. É a visão do Belo o que apaixona, o que comove, o que chama, como dizia – com um delicioso jogo de palavras – o grande Dionísio: «*Tò kalòn kalei*», que em grego significa: o belo chama, atrai para si. É ver a *beleza* de Cristo, o que nos atrai para fora de nós mesmos e nos impele a entregarmo-nos a Ele e por Ele. Daí a minha insistência naquilo que chamei de o «desejo de ver» cada vez melhor, ou de aprofundar o nosso maravilhamento (o que é o mesmo). Este é o primeiro trabalho: desejar Cristo.<sup>69</sup> Ou melhor: olhar para Cristo (memória), *pedindo* que se aprofunde em nós o maravilhamento pelo que Ele é, a admiração pelo que Ele é. Porque é disso que depende, em última análise, para nós como para Pedro, a irrupção em nós de um ímpeto de resposta que torna doce qualquer outro trabalho.

Há uma outra passagem no Evangelho de João que diz tudo isto, talvez de forma ainda mais forte do que em João 21. Não está no fim, mas no centro do Evangelho (e com razão, na minha opinião!). No centro do Evangelho de João, no ponto de transição entre o relato do ministério público de Jesus e o grande drama da paixão, não há um gesto de Jesus, como seria de esperar. Em vez disso,

<sup>69</sup> Nos primeiros Exercícios da Fraternidade, em 1982, Dom Giussani disse: «O objetivo pelo qual vocês se reúnem é serem ajudados a desejar Cristo e a acreditar em Cristo, e isso é tudo. A força do nosso Movimento nos primeiros anos era esta. Enfrentamos problemas culturais e sociais pelo menos tão intensos como os que enfrentamos agora, mas metodologicamente éramos mais claros, mais nítidos (os meus amigos dos primeiros anos podem dizê-lo): o ponto de partida era Cristo, era o maravilhamento, era a simplicidade do reconhecimento desse Acontecimento, do que acontecia, tinha acontecido e acontecia no mundo: Cristo» (L. GIUSSANI, *Una strana compagnia*, Milão: BUR, 2017, pp. 65-66).

há o gesto de uma mulher: Maria, irmã de Lázaro e de Marta, que derramou um frasco de bálsamo de nardo nos pés de Jesus e depois os enxugou com os cabelos (Jo 12,1-3):

*Seis dias antes da Páscoa, Jesus foi a Betânia, onde estava Lázaro, que Ele havia ressuscitado dos mortos. Lá, ofereceram-lhe um jantar. Marta servia, e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Ele. Maria tomou então um frasco de bálsamo de nardo puro e muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos. A casa inteira encheu-se com o perfume do bálsamo.*

Dois palavras sobre o contexto: estamos provavelmente na casa de Lázaro, em Betânia, para onde Jesus se dirigiu secretamente, porque agora é um homem procurado, tendo os chefes do povo decidido prendê-lo, justamente por causa da ressurreição do seu amigo (Jo 11,1-54). Lázaro, Marta e Maria estão presentes no jantar, o que nos leva a supor que se trata de um banquete de ação de graças pelo retorno de Lázaro à vida. A certa altura, Maria, como que tomada por um impulso incontrollável, pega uma libra de nardo muito precioso (uma libra romana tem cerca de 327 gramas!) e o “desperdiça” derramando-o todo nos pés de Jesus. O unguento, tão precioso que, segundo Judas, poderia ter sido vendido por 300 denários (o salário anual de um operário!), começou evidentemente a pingar no chão e, por isso, Maria inclinou-se e começou a enxugar os pés de Jesus com os cabelos, em parte para expressar ainda mais sua devoção ao Mestre, em parte talvez também para se impregnar do preciosíssimo perfume, que certamente tinha em grande estima. Quem sabe as dificuldades que teve para arranjá-lo!<sup>70</sup> Porém, neste momento isso não lhe importa, não pensa nisso. Aliás, talvez pense, e muito: e é exatamente por isso que o joga todo nos pés de Jesus...

<sup>70</sup> Segundo os estudiosos, o nardo “verdadeiro” (*pistikòs*) era uma especiaria muito rara na Palestina (aparece apenas duas vezes na Bíblia, sempre, de forma significativa, no *Cântico dos Cânticos*: cf. Ct 1,12; 4,13-14). Segundo alguns, a especiaria provinha mesmo dos vales do Himalaia, na Índia.

Pois bem, no centro do quarto evangelho, está o gesto de dedicação total, como que irrefletido, quase louco, desta mulher que derrama o melhor que tem sobre os pés de Jesus. O «nardo é puro e muito caro»,<sup>71</sup> diz João. O que quer dizer: não apenas uma quantidade exorbitante, mas também de qualidade superior: o melhor que tem. De onde nasce um gesto assim?

A resposta é simples: esse gesto não é senão a volta da onda de maravilhamento de Maria diante do amor com que foi amada. É fundamental, neste sentido, registrar uma conexão, uma evocação a que normalmente não prestamos a devida atenção. Se prestarmos atenção, na sua primeira vinda a Betânia, Jesus não se limitou a ressuscitar o irmão dela (o que já não é pouco). Não, João nos diz ainda outra coisa. Diz-nos que Maria, instigada por Marta, foi até Jesus quando ele ainda estava na entrada da aldeia, e lançando-se *aos seus pés* (*pés de novo*, como em João 12,3: aqui está a lembrança...), desatou a chorar diante dele. Então, o que foi que Jesus fez? Como foi que reagiu, como respondeu à dor de Maria? «Quando Jesus a viu chorar [...] comoveu-se profundamente no espírito e ficou conturbado»,<sup>72</sup> e por fim «chorou».<sup>73</sup> «*Edàkrusen o Iesus*»: Jesus chorou. É o versículo mais curto de todo o Novo Testamento. Mas nele está tudo.

Ao ver Maria chorar, Jesus cai no choro. E Maria não se esqueceu disso. Esse movimento de emoção do Senhor diante dela, por ela – não conseguia tirá-lo do olhar do seu coração. E é por isso que, na ceia, ela fez o que fez. O seu gesto é como a volta da onda de memória, cheia de maravilhamento, que a enchia.

Permitam-me então um último *zoom*, que dá a toda esta questão a “quadratura do círculo”, por assim dizer. Se repararem, há um gesto (apenas um!) no quarto evangelho que tem traços semelhantes aos de Maria. É o sinal realizado por Jesus nas bodas de Caná, a transformação da água em vinho (Jo 2,1-11). Também aqui, efetivamente, temos uma dádiva que apresenta a mesma dupla “exces-

---

<sup>71</sup> Cf. Jo 12,3.

<sup>72</sup> Jo 11,33.

<sup>73</sup> Jo 11,35.

sividade” do gesto de Maria: *quantidade exorbitante* (mais de 600 litros de vinho: cf. Jo 2,6!) e *qualidade muito superior* (cf. Jo 2,10: que necessidade tinha Jesus de fornecer vinho de qualidade superior, uma vez que os convidados, já embriagados, como nota o mestre de mesa, nem sequer podiam apreciá-lo?) «Por que esse desperdício?», pergunta Judas, escandalizado com o gesto de Maria. Pois bem, esse desperdício, na realidade, não é senão o reflexo, o espelho de outro desperdício. Essa dedicação não é senão o efeito produzido em Maria pelo maravilhamento «pelo comprimento, a largura a altura e a profundidade»<sup>74</sup> do amor de Cristo – aquele amor que o levou a “esvaír-se” por nós.<sup>75</sup>

«Não nos é pedido que procuremos a nossa expressividade, é-nos pedido que aprofundemos o maravilhamento de onde brota a expressividade.» Se não amamos, se ficamos presos, como é normal, é simplesmente porque ainda estamos a caminho – é porque esse maravilhamento ainda é imaturo em nós. Ora, o que nos ajuda neste caminho de aprofundamento do maravilhamento?

## 2. Então o discípulo amado disse a Pedro: «É o Senhor!»

Permitam-me que volte ao mergulho de Pedro por um momento. Se bem se lembram, no último ponto da palestra, salientamos que Pedro mergulhou por causa de uma exclamação de João. É o discípulo amado que reconhece no homem que está na margem o Senhor e depois abre os olhos também a Pedro.

Ao que já foi dito, queria agora acrescentar um detalhe, que me parece interessante no nosso contexto: quem é o discípulo amado no quarto evangelho? É a testemunha ocular do Amor «até o fim»<sup>76</sup> do Senhor – o único que tinha ouvido bater o Seu coração na hora em que Ele tinha abraçado o Seu destino no Cenáculo; o único que estava diante d’Ele quando a glória do Seu amor finalmente irrom-

<sup>74</sup> Ef 3,18.

<sup>75</sup> É evidente que, aos olhos de João, o vinho “desperdiçado” em Caná não é, na realidade, mais do que um símbolo de outro desperdício chocante: o do sangue livremente derramado por Jesus na cruz, por amor de cada mulher e de cada homem.

<sup>76</sup> Jo 13,1.

peu do Seu peito dilacerado na cruz. Por isso, é justo que seja ele o discípulo que abre os olhos de Pedro – aquele que o “coloca de novo” na presença do Ressuscitado. É justo porque é disso que Pedro precisa o tempo todo, ser regenerado e relançado na sua tarefa de pescador, na sua tarefa de pastor: ser colocado perante o esplendor do amor de Cristo, de que João é a testemunha por excelência. Assim é também para nós. Não conhecemos Cristo sozinhos, através de uma experiência meramente individual. Aprofundamos o nosso conhecimento de Cristo por intermédio dos que viram e ouviram antes e mais do que nós, dos que fizeram uma experiência mais profunda e mais completa de Cristo do que nós.

Isto nos leva ao segundo ponto que quero abordar – um ponto que surgiu na primeira assembleia e que, tanto quanto me foi dado entender, suscitou alguma discussão. Portanto, vale a pena voltar a ele.

Se bem se lembram, na outra manhã eu disse, a certa altura, reagindo a uma das últimas falas, que muitas vezes somos tentados a interpretar redutivamente o segundo ponto do prólogo do estatuto da Fraternidade, onde Giussani diz que a experiência vivida da *comunhão* (ou da *comunionalidade*) é necessária para gerar em nós a memória. O que eu queria dizer? Ontem voltei a falar sobre isto com um de vocês: queria dizer que acho que muitas vezes somos tentados a pensar que a função educativa da companhia é simplesmente a de me despertar para a consciência de algo que já está todo em mim, que no fundo «já sei», um pouco como faz o Sócrates platônico com seus discípulos. Como se dissesse: por um lado, há o meu eu, que tem esta capacidade de relação direta e imediata com o Mistério; por outro lado, há a companhia da Igreja, que é uma ajuda, sim, mas só no sentido de me despertar para a consciência de algo que já está todo em mim. Pelo contrário, a intermediação da companhia eclesial, entendida no sentido católico do termo, é muito mais do que isso: é o *verdadeiro intermediário* para mim de algo novo, ou seja, o conhecimento mesmo de Cristo. De fato, quer eu goste quer não, não posso conhecer Cristo, não posso chegar a “saborear e ver” Cristo como *Ele é realmente* (e não como eu o imagino), senão pela intermediação dos que já O conhecem, dos que já estão imersos n’Ele.

No sentido mais estrito e objetivo, isto significa duas coisas: primeiro, que nenhum de nós pode ter acesso a Cristo a não ser pelo testemunho dos apóstolos, que nos chega pela mediação da autoridade da Igreja; segundo, que nenhum de nós pode experimentar Cristo sem a mediação dos sacramentos (Batismo, Eucaristia, etc.). Ora, a ênfase particular de Giussani está em sublinhar – aliás, em perfeita consonância com o Concílio Vaticano II (voltarei a este ponto daqui a pouco) – que o que é verdade para a Igreja no sentido institucional do termo, é verdade *no sentido analógico* (mas existencialmente não menos essencial) da companhia vocacional, entendida como «companhia guiada ao destino». Em outras palavras, é justo dizer que a comunhão vivida, no tipo de experiência cristã a que Dom Giussani deu vida tem um caráter que podemos chamar “quase” sacramental.<sup>77</sup>

Que quer dizer sacramental? Quer dizer que é veículo de conhecimento e experiência de Cristo. Não conseguimos «ver Jesus» *sem mediação*. Conseguimos vê-Lo entrando nos olhos de outros que já O viram e O veem – ou seja, como dissemos na palestra,<sup>78</sup> através do método da fé.

Mas pensem nesta coisa vertiginosa: o que Jesus quer dizer quando, apontando para João, no final de Jo 21, diz a Pedro: «Se eu quero que *ele fique até eu vir*, a ti que te importa?» Uma frase enigmática, sem dúvida. Mas a maior parte dos estudiosos concorda

<sup>77</sup> A expressão é de Giussani, mas refere-se significativamente *ad litteram* ao que o famoso primeiro parágrafo da *Lumen gentium* diz sobre a Igreja (a expressão *uti sacramentum* é de fato traduzida por alguns como “como um sacramento”, por outros “quase sacramento”): «O que estabelece o meu rosto e a minha personalidade é o que me cria, o que me ama a ponto de me criar. Portanto, é Cristo! E Ele até se colocou na nossa companhia: “Um novo hóspede se junta à nossa reunião”. Portanto, o que dá fisionomia à vida é a pertença a algo que já existe, a Cristo, e eu pertencço a Cristo dentro das formas históricas, concretas, com que Ele se deu a conhecer a mim, de forma madura, portanto persuasiva e operativa. O que dá fisionomia à vida é a pertença à companhia que é o seu sinal efetivo, quase sacramental” (L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*, Milão: BUR, 2007, p. 464). Em sua última carta a João Paulo II, em 2004, Dom Giussani disse depois da nossa amizade: «A nossa companhia – reconhecida como dom do Espírito, precioso e particular – torna-se parte sacramental na sua pertença à Igreja» (A. SAVORANA, *Luigi Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 1167).

<sup>78</sup> Cf. FRANCISCO, Carta encíclica *Lumen Fidei*, 18. Ver aqui, p. 44.

hoje que o sentido mais provável é o seguinte: até o fim dos tempos, até o retorno de Jesus, João está destinado a *permanecer* através do testemunho do seu Evangelho. É esse o seu dom, o seu carisma. O que significa: até o fim dos tempos, quem quiser ver Jesus, vai fazê-lo entrando nos olhos deste discípulo. Que coisa! Jesus está, portanto, dizendo: «Querido Pedro, sim: todos os cristãos de todos os tempos, milhões e milhões, para me verem, passarão pelos olhos daquele rapazinho ali, que nos segue. É esse o dom que Eu lhe quis conceder, por isso fica sossegado e segue-me».

É isto o catolicismo: o mistério desse Deus tão apaixonado pelo homem, que quer confiar à intermediação de homens de carne e osso, pecadores como você e eu, a revelação do Seu rosto.

E a experiência “pessoal”, onde é que fica? E a riqueza dos carismas, que o Espírito distribui livremente a quem quer, onde é que fica? O Ressuscitado não é soberanamente livre de se manifestar a quem quer? Não é verdade que um São Francisco, já que estamos em Assis, teve uma experiência autêntica, mas de algum modo “nova” e inteiramente “pessoal” de Jesus?

Sem dúvida: mas isso não significa uma experiência que o tenha levado para *além* do Jesus de João e de Pedro. Certamente que, como diz o próprio Jesus, o Espírito introduz aos poucos a Igreja em «toda a verdade»,<sup>79</sup> e neste sentido pode haver “traços particulares” do único Jesus que São Francisco ou Dom Giussani conseguiram ver melhor até do que os apóstolos (!). Mas isto não significa que o Espírito nos leve além *daquele Jesus* que disse de Si: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida».<sup>80</sup> A ação do Espírito não acrescenta uma vírgula ao Jesus de João e de Pedro. Antes, faz com saboreemos e vejamos cada vez melhor «o comprimento, a largura, a altura e a profundidade» do Jesus de João e de Pedro. Daí o paradoxo de que mesmo um carismático como São Francisco, que teve uma experiência pessoal de Cristo que não podia ser mais excepcional, para *aprofundar o conhecimento* daquele Jesus que lhe falara pessoalmente em São Damião, precisou também passar pe-

---

<sup>79</sup> Jo 16,13.

<sup>80</sup> Jo 14,6.



las palavras e pelos olhos de João, Pedro e Paulo; precisou também beber dos sacramentos e da sabedoria da Igreja.

Pois bem, acho que algo semelhante se aplica a nós em relação não só à Santa Mãe Igreja, mas também à nossa companhia. Quando Giussani fala de uma necessária «imanência a uma comunhão vivida», não está falando apenas de uma muleta na qual nos apoiamos quando não conseguimos chegar lá sozinhos. A companhia vocacional é muito mais do que isso: é o lugar através do qual – *por osmose*, dizia Dom Giussani – nos é comunicada a mentalidade nova e a vida nova de Cristo. Uma das constituições dogmáticas mais importantes do Vaticano II, a *Lumen gentium*, dedicada justamente ao mistério da Igreja, no seu primeiro parágrafo diz exatamente isto aqui, textualmente: que a Igreja é «de algum modo o sacramento [*veluti sacramentum*], isto é, o sinal e o instrumento da íntima *união* com Deus e da *unidade* de todo o gênero humano».<sup>81</sup>

<sup>81</sup> Constituição dogmática *Lumen Gentium*, 1; grifo nosso. Ainda que não seja este o lugar para fazê-lo, seria interessante, a este respeito, aprofundar no futuro a ligação entre a primeira e a segunda parte da explicação que a *Lumen Gentium* nos oferece do sentido em que a Igreja é um sacramento. Qual é a relação entre a união *com Deus* e a *unidade entre os homens*, da qual a Igreja é, em igual medida, sinal e instrumento? Vou me limitar aqui a algumas observações: em primeiro lugar, como já foi dito no primeiro encontro de Assis e como depois o Padre Lepori ilustrou com muito mais profundidade na segunda meditação dos Exercícios da Fraternidade (cf. M.-G. LEPORI, *Olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*, pp. 62-68), não se trata de fato de dois fins justapostos, ou apenas vagamente ligados entre si, como se pudesse dar-se uma união com Deus que não fosse ao mesmo tempo unidade com os irmãos. O fato é que o Deus ao qual a minha relação *pessoal* com Cristo me une não é um “mistério” genérico, um Deus desconhecido e sem rosto. Pelo contrário, é um Deus cuja vida abençoada é a comunhão, a reciprocidade do amor. Daí que (segundo destaque) o fundamento decisivo para verificar a autenticidade da experiência de Cristo de um batizado seja e só possa ser, segundo São João, a caridade para com os irmãos. Se a vida de Deus é caridade (1Jo 4,8.16) – mais: *caridade recíproca* –, então é evidente que quem conhece *verdadeiramente* o Deus de Jesus não pode deixar de amar o seu irmão e *desejar* a comunhão com ele (mesmo quando, por mil razões, seja difícil manter vivo este desejo). Caso contrário, diz João, o Deus que ele diz amar *não é o Deus de Jesus*: «Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. [...] Ninguém jamais viu a Deus. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e seu amor em nós é consumado. [...] E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus tem para conosco. Deus é amor; quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele. [...] Se alguém disser: “Amo a Deus”, mas odeia o seu irmão, é mentiroso; pois quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê. E este é o mandamento que dele recebemos: quem ama a Deus, ame também seu irmão» (1Jo 4,8.12.16.20-21). Até que ponto é verdade que a comunhão fraterna na vida de fé não é apenas um meio, e sim um fim (cf. “*Deste-lhes poder...*”, op. cit.), é o que mostram ainda mais fortemente as palavras

Um esclarecimento importante: ao dizer isto não estou de modo algum negando que o Senhor seja livre de “acontecer”, ou seja, de se manifestar como e onde quiser. O fato de o Senhor ter ressuscitado significa, pelo contrário, precisamente isto: que para Ele o tempo e o espaço já são limites, como Dom Gius gostava de dizer, e que, portanto, Ele é soberanamente livre para se manifestar a quem quiser, usando as circunstâncias que quiser, mesmo as mais improváveis, até uma grande dor (como nos testemunharam pungentemente alguns amigos nestes dias).

Um exemplo: como o Camu bem sabe, tenho uma paixão especial pelos animais. Por isso, quando estava em Washington DC, ia muitas vezes rezar num bosque perto de casa, que estava cheio de animais (nos Estados Unidos, mesmo perto das cidades, a natureza é muito mais virgem do que aqui): cervos, guaxinins, falcões, pica-paus, corujas, patos-reais, etc. etc. Bem, havia um colega de casa meu que era adepto da adoração eucarística. Eu também fazia adoração eucarística, note-se, com os meus irmãos (uma vez por semana: era a regra). No entanto, se tiver de dizer qual o lugar que mais me ajudava a viver a memória de Cristo, não é a adoração eucarística que me vem à mente, mas os bosques de Cabin Jones: o grito do falcão, o salto do cervo, o voo majestoso do bufo-real. Atenção, não estou dizendo que tem de ser assim para *todos*. Aliás, tenho alguma vergonha de dizê-lo. Mas para mim era assim, o que é que eu posso fazer! De fato (não porque eu tivesse decidido), nada me ajudava a fazer memória de Cristo, nada me evocava tanto os seus «traços inconfundíveis» como rezar vendo os cervos saltar, ouvindo os gritos dos falcões. Mistério da liberdade de Deus!

Com uma nota crucial: para poder ver os traços inconfundíveis de Jesus no *cervo saltando*, preciso levar em conta os *traços inconfundíveis* de Jesus. De que outra forma poderei vê-los no cervo, no falcão, no rosto da minha mulher? Se o rosto de Jesus é para mim esse grande desconhecido, como posso *reconhecê-lo presente* aqui ou ali? Para

---

com que se abre o grandioso final da oração sacerdotal de Jesus: «Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um, eu neles e tu em mim. Sejam, assim, consumados na unidade, e o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste, como amaste a mim» (Jo 17,22-23).

reconhecer a presença da sua filha no meio da multidão, você precisa ter os traços fisionômicos dela gravados na sua mente. Senão, como é que faz? Falta o critério de comparação. Mas o critério de comparação é *o coração* – objetará alguém. O coração, como diz o próprio Dom Giussani, é o critério de comparação para *reconhecer Cristo*.

Respondo: sem dúvida a comparação com o coração é o critério para compreender que Cristo é Aquele que o meu coração espera, *quando e se O encontrar* (como aconteceu com João e André), pela correspondência que experimento entre Ele e a minha pessoa. Mas o critério para reconhecer Cristo *presente na realidade*, seja ela um cervo ou um pobre na rua, *não é nem pode ser apenas* o coração. Mais exatamente: o critério é o *coração*, mas só na medida em que *o próprio Cristo* já “fez resplandecer” nele os traços inconfundíveis do Seu rosto (2Cor 4,6!),<sup>82</sup> através da comunidade cristã, como sublinha Dom Giussani no primeiro ponto da estrutura da experiência cristã, que nos foi proposta novamente na Jornada de Outubro.<sup>83</sup> Enfim, o critério para dizer se um determinado rosto me faz lembrar ou não o senhor X é a *memória do rosto do senhor X* que trago *dentro de mim*, parece-me claro. O que pressupõe, no entanto, que alguém me tenha introduzido ao conhecimento do Sr. X.

Daí uma conclusão importante: não faz sentido opor a imprevisibilidade do acontecimento de Cristo, ou seja, a liberdade de Cristo de vir ao meu encontro sob “roupagens” sempre surpreendentes e inéditas, ao fato de se conhecer Cristo através da imanência na

<sup>82</sup> «Com efeito, Deus, que disse: “Do meio das trevas brilhe a luz”, é o mesmo que fez brilhar a luz em nossos corações, para fazer resplandecer o conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo» (2Cor 4,6; grifo nosso).

<sup>83</sup> «O encontro com um fato objetivo originalmente independente da pessoa que faz a experiência; fato cuja realidade existencial é a de uma comunidade sensivelmente documentada, assim como acontece com qualquer realidade integralmente humana». No segundo ponto, depois, Giussani ressalta: «valor do fato com que a pessoa se depara transcende a força de penetração da consciência humana, requer também um gesto de Deus para a sua compreensão adequada. Com efeito, o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognitiva da consciência, ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca. Chama-se *graça da fé*» (L. GIUSSANI, *Educar é um risco*, São Paulo; Cia. Ilimitada, 2019, p. 98). Em *Deixar marcas na história do mundo*, ele reitera: «Tal como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, da mesma forma vivifica em mim [por graça] a capacidade de abraçá-lo e de reconhecê-lo» (p. 40).

companhia eclesial. Se eu pensar na minha própria experiência, foi e é verdade o contrário: é verdade, isto é, que justamente a *familiaridade com Cristo*, que adquiri gradualmente permanecendo “de molho”, por assim dizer, na companhia vocacional, com o passar do tempo me tornou capaz de interceptar a Presença de Cristo também em lugares, até mesmo em regiões da minha experiência, nas quais *jamais imaginaria* poder encontrá-Lo.

Antes de passar ao terceiro e último ponto, um último esclarecimento, sem o qual o discurso corre o risco de ficar monolítico. Penso que é claro para todos que, quando Giussani fala de *imanência*, não se refere a uma imersão *passiva* na companhia, como se essa imersão realizasse *mecanicamente* o aprofundamento do maravilhamento. Como bem sabemos, uma pessoa pode estar mergulhada na companhia e não aprofundar nenhum maravilhamento. O que então faz a diferença? Alguém mencionou ontem: o fato de que esta minha imersão está cheia de todo o grito, de toda a sede e fome do meu coração. O fato de eu *estar* – mas estar nele com um coração desperto, um coração que pede, um coração que suplica, um coração que grita. Então, toda a riqueza do que está dentro da companhia começa a brilhar: «Faz com que eu te veja! Deixa-te ver: que eu te conheça melhor neste lugar!»

Acho justo dizer, neste sentido, que a segunda condição para aprofundar o maravilhamento é a humildade – mas humildade entendida no sentido em que o Papa Francisco usou esta palavra, no discurso que proferiu para nós no dia 15 de outubro do ano passado. Humildade, isto é, como não presunção de já ter entendido tudo, tanto de Cristo como do carisma que nos tomou. Bem no final do Evangelho do cego de nascença, a certa altura Jesus dirige-se aos fariseus e lhes diz estas palavras, tão amargas e ao mesmo tempo irônicas: «Eu vim [...] a fim de que os que não veem passem a ver [fala evidentemente do cego de nascença, que não só recuperou a vista, mas também acreditou logo a seguir nele *à primeira vista*], e os que veem [ou acham que veem, isto é, já sabem tudo o que há para saber sobre Deus: os fariseus] tornem-se cegos».<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> Jo 9,39.

Terrível! Como se dissesse: a condição moral para conseguir «ver Jesus» cada vez melhor, qual é? Uma só: que você reconheça que ainda não vê *bem*, reconheça que ao menos em parte ainda é cego, reconheça que ainda tem um infinito por descobrir – reconheça que há um mar de beleza e de verdade que está na sua frente e que você ainda não explorou. Ao passo que, se você acha que já sabe tudo sobre Cristo e o carisma, então já se alinhou com os fariseus.<sup>85</sup>

### **3. «A casa inteira encheu-se com o perfume do bálsamo»: dar a vida pela obra de Outro**

À luz de tudo o que acabei de dizer, acho que também podemos entender melhor o terceiro e último ponto desta síntese, que gostaria de dedicar à reflexão sobre o terceiro “pilar”, se assim quisermos chamar, da descrição do carisma de CL que encontramos no prólogo do estatuto da Fraternidade, e que volto a citar:

*A memória de Cristo inevitavelmente tende a gerar uma comunionalidade visível e propositiva na sociedade.*

Bem, toda a ênfase na primazia do maravilhamento que colocamos até agora, creio que ajuda a desfazer a ambiguidade, mas também a mostrar a importância destas palavras. É da memória, já se disse, ou seja, da contínua renovação e aprofundamento do maravilhamento, que nasce a “generatividade”. A comunhão gerada por mim e por você, seja dentro seja fora do círculo dos nossos amigos, não é mais do que o transbordar de um amor continuamente recebido. Lembram-se da imagem do parto? Uma mulher gera quando, antes de mais nada, se abre para receber, quando abre espaço em si mesma para o outro.

---

<sup>85</sup> Reparem: no quarto evangelho, o único homem em Jerusalém que confessa publicamente a sua fé em Jesus é o cego de nascença. Enquanto os fariseus, que são os que supostamente veem melhor do que ninguém, quando se trata do Messias, não o reconhecem! A coincidência não é, evidentemente, órbita de mensagem. O cego de nascença é, paradoxalmente, quem está em melhor posição para receber a nova revelação que Jesus traz, precisamente porque ninguém como ele tem consciência de que precisa de nos ver melhor do que ele próprio...

Voltemos a Maria de Betânia. O que acontece depois de Maria ter derramado o bálsamo nos pés de Jesus? Quem é que se lembra?

*A casa inteira encheu-se com o perfume do bálsamo*

O grande Orígenes comenta: esta é a imagem da difusão do perfume do Evangelho através da obra missionária da Igreja, personificada por Maria.<sup>86</sup> Que bonito! Que são as obras que nascem na nossa história e da nossa história? Não são mais do que este perfume de nardo que se espalha por toda a casa. Ou seja, não são mais que o efeito sensível, “perceptível” ao mundo, da dedicação generosa com que tantos e tantos dos nossos amigos responderam ao Amor que, através do encontro que fizeram, os investiu; não são mais que o “perfume” da paixão por Cristo que, através do encontro com Dom Gius, os incendiou. Claro, somos todos pecadores. E é fácil perder o rumo quando se põe a mão na massa. No entanto, se pudéssemos abarcar num só olhar todas as obras que surgiram do nosso povo, é impossível não nos perguntar: o que é que gerou tudo isso? A resposta que me ocorre é: um amor ou, mais exatamente, aquele mesmo ímpeto amoroso que há dois mil anos levou Maria, sem sequer pensar nisso, a “derramar” todo o bálsamo que tinha sobre os pés de Jesus. Em que Maria estava pensando quando derramou o unguento nos pés de Cristo? Em quantas divisões da casa chegaria o perfume do nardo? Não. Maria pensava em expressar o seu amor por Jesus, em dizer o *melhor que podia* quem era aquele homem para ela. Mas, precisamente ao fazê-lo, eis a ironia, «a casa inteira encheu-se com o perfume do bálsamo». O que é uma *obra*, no sentido cristão do termo? É a mesma coisa: é o efeito espontâneo – «inevitá-

<sup>86</sup> «“Maria tomou então um frasco de bálsamo de nardo puro e muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os cabelos. A casa inteira”, diz o texto, “encheu-se com o perfume do bálsamo”. Isto indica que o odor da doutrina que vem de Cristo e o perfume do Espírito Santo encheram toda a casa deste mundo ou a casa de toda a Igreja. [...] E como este bálsamo estava cheio de fé e de afeto precioso, também Jesus dá testemunho, dizendo: “Ela fez uma boa obra para comigo» (ORÍGENES, *Commento al Cantico dei Cantici*, II, 9, [5.7], in: ORÍGENES-GREGÓRIO DE NISSA, *Sul Cantico dei Cantici*, Milão: Bompiani, 2016, pp. 415-417). Cf. também ORÍGENES, *Hom. in Cant.*, II, 2.

vel», diz Giussani – daquela dedicação sem cálculos que se afirma no coração de quem vive a memória de Cristo.

Não há, portanto, nenhuma oposição entre a primazia da relação pessoal com Cristo e o compromisso social, o compromisso cultural, o testemunho público. Pelo contrário, um gera o outro.<sup>87</sup>

Por isso, é correto dizer que há algo que vem antes das nossas iniciativas, porque se não forem movidas pelo amor a Cristo e, portanto, pela caridade para com os homens, estas iniciativas serão «como um bronze que soa ou um címbalo que retine»,<sup>88</sup> como diz São Paulo.

Por outro lado, devemos também dizer a nós mesmos – sem nos flagelarmos, pelo amor de Deus – que se o “odor não se espalha”, se as obras e a presença pública definham, então talvez o amor comece também a definhar. Para evitar qualquer mal-entendido: não estou de modo *algum* falando da *eficácia* das nossas iniciativas (caindo assim na lógica do *desempenho*, da qual nos queríamos libertar). A iniciativa pode ser desajeitada, imprecisa, imperfeita... não importa! O que importa, quando se ama, é dar-se. Como se pode, como se consegue – não importa. Mas dar-se, sabendo que, *mais cedo ou mais tarde*, essa dádiva dará frutos. Por quê? Porque o fruto, o “perfume do bálsamo”, não é senão o efeito inevitável (*inevitável!*) dessa entrega total em que consiste o ato de amor. O que conta no cristianismo é dar-se gratuitamente. O resto é deixado a Deus. A pessoa dá-se generosamente, como a nossa amiga espanhola, e nada acontece ao seu redor, parece que não “se espalha nenhum perfume”. Não importa! Continue, querida Belen, continue! E se não acontecer nada durante dez anos, continue mesmo assim! Porque o que nos move não é a chantagem do resultado do nosso empenho. É o amor por Cristo. É isso o que nos torna incansáveis, livres e incansáveis, mesmo quando os frutos não vêm. Claro que não é óbvio viver o nosso empenho desta forma. É um caminho.

<sup>87</sup> Disse Dom Giussani em 1969: «O início da presença no ambiente não é o ambiente, mas algo que vem previamente. [...] O anúncio não vem da nossa inteligência em resolver as questões, mas vem antes, é algo que nos é dado e em que damos conosco incluídos, de que partimos continuamente» (A. SAVORANA, *Luigi Giussani. A sua vida*, op. cit., p. 434).

<sup>88</sup> 1Cor 13,1.

Um caminho onde caímos continuamente em outra lógica, a antiga, e então tudo se torna um “fardo”. Mas não é o peso das coisas que é o problema. O problema é a ausência de um “fogo” adequado. Temos então de nos ajudar a manter aceso o “fogo”. E nisso nos ajuda o testemunho dos que nos são dados como companheiros de caminho.

Neste ponto, não consigo deixar de dizer uma coisa um pouco pessoal, que me aconteceu na outra noite, enquanto ouvia os testemunhos da Terra Santa. Todos eles me impressionaram. Mas houve um que me comoveu de verdade. Foi o último, o do Jack. Não por ser mais comovente do que os outros. Mas porque eu conheço o Jack desde que era pequeno – peguei ele no colo quando era um menino (o pai dele foi meu professor na escola primária e fomos amigos a vida toda). E assim, na outra noite, ao ver o que aquele rapazinho que eu trazia ao colo se tornou; ao ver a sua dedicação imprudente (porque continua sendo um menino); ao ver seus olhos negros a brilhar, ali no meio do desastre – a brilhar de paixão pelo bem daquelas pobres pessoas, fiquei comovido. Porque, quero dizer, quem de nós não sentiu, pelo menos um pouquinho de inveja santa ao ouvi-lo? E está certo. Está certo não porque o Jack “é ótimo”. Está certo porque qualquer um de nós podia ver nos seus olhos e nas suas palavras uma paixão pelas pessoas e pelo que está fazendo, que qualquer um de nós gostaria de ter. E mais: está certo porque o Jack está agora vivendo o que está vivendo, pelo simples fato de ter dito toda uma série de sins, que são o que nós também podemos dizer e tantas vezes não dizemos. Ele se deixou agarrar, não opôs resistência à grande História que o “agarrou”. E assim agora está fazendo coisas grandes, coisas que quando pequeno nunca teria sonhado fazer.

Mas quero terminar com o outro lado da moeda.

Dissemos que esse amor nos leva a fazer coisas grandes. Mas não é só isso. Este amor faz um milagre que, de certa forma, é ainda maior: torna grande o que parece pequeno a toda mundo. Como foi bonito, neste sentido, ouvir ontem o testemunho da Federica. Bonito porque instrutivo, corretivo. Ela não o disse diante de todo mundo, mas o trabalho de que a Federica abriu mão (espero que



temporariamente) para seguir o seu marido não é um trabalho qualquer. É um trabalho que a Federica ama apaixonadamente. No entanto, ao dar crédito à perspectiva que a nossa companhia lhe sugeriu, ao dar crédito à nova lógica nascida da fé, ela descobriu o cêntuplo. E nos deu testemunho disso. Testemunhou-nos que, ao vivermos tudo com esse ímpeto de oferta interior – quer seja, como para a Federica, lavar a louça, ou ir para a Síria, como para o Jack, começamos saborear uma experiência que é exatamente o oposto da experiência do ego performativo, da qual partimos. Para o ego performativo, tudo é sempre pouco e “a grama da vizinha é sempre mais verde do que a minha”. Quem vive na presença de Outro, pelo contrário, vê tornar-se grande entre as suas mãos até o menor dos gestos, até lavar a louça.<sup>89</sup> Mais: justamente porque mais sacrificado, aquele gesto torna-se o maior, porque expressa mais aquilo de que a nossa grandeza depende de verdade. De que depende a nossa grandeza? Como disse um sábio, no cristianismo “vence” quem ama mais.

**Francesco Cassese.** Pensemos no Evangelho e na Bíblia, esse livro “estranho” de que falamos no início. Não conseguiríamos entender nada do Evangelho, a não ser em virtude de um acontecimento presente, se não tivéssemos alguma coisa no presente, se não estivesse acontecendo hoje. Da mesma maneira, não conseguiríamos entender nada do que está nos acontecendo hoje sem voltar a olhar para o Evangelho. Existe assim um círculo virtuoso entre passado e presente, um diálogo passado-presente, pelo que se torna cada vez mais interessante ler e compreender o Evangelho. Através da leitura do Evangelho, o Paolo está nos ajudando a compreender o que está nos acontecendo hoje. Neste sentido, gostaria de reler o que ele nos disse à luz do que aconteceu nos últimos dias. Faço três observações.

1) Antes de entrar, eu estava sentado ao lado de um amigo que me disse: «Olha, nos últimos anos me afastei um pouco do Mo-

<sup>89</sup> Cf. L. GIUSSANI, *L'avvenimento cristiano*, op. cit., pp. 31-33; Idem, *O senso de Deus e o homem moderno*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 153-154.

vimento e me reaproximei bem nestes dias». E acrescentou: «Foi como atravessar o deserto. Mas nestes dias, para mim, foi como voltar para a casa do meu pai e da minha mãe». Quando Paulo diz que para reconhecer é preciso conhecer, quer dizer que só podemos reconhecer o pai e a mãe porque os conhecemos antes. É isto a fé: reconhecer uma Presença. A fé é reconhecer aqueles traços inconfundíveis que nos permitem dizer: «Estamos em casa, aqui estás Tu».

2) O Padre Paolo, no último ponto, nos disse que essa fé, essa memória, a consciência de uma Presença gera uma comunhão. Mas será que não foi o que aconteceu nestes dias? Sem que percebêssemos ou procurássemos com insistência, nasceu entre nós uma comunhão imediata. Este é o sinal da presença do Senhor. O Senhor está presente entre nós e devemos ter a audácia de chamá-Lo pelo nome. O Senhor está aqui.

3) O último ponto que gostaria de abordar diz respeito à responsabilidade. Porque a responsabilidade, como disse o Paulo agora – ou seja, a tarefa, a missão, as obras – é a tentativa de corresponder a esse amor. Estou surpreso porque foram dias extraordinários, e acho que todos nós estamos com as pernas meio trêmulas: percebemos que algo grande está acontecendo, não só para nós, mas para todos, até para os nossos amigos para junto dos quais voltaremos. Há como que um tremor ante a iniciativa do Senhor e, como dissemos no início desta convivência, não sabemos ainda aonde nos levará. Nossa responsabilidade é responder a essa iniciativa. Responder a essa iniciativa significa que, de alguma forma, nos ajudaremos cada vez mais a compreender como é que esta história pode continuar, que tipo de forma pode servir melhor o que está acontecendo entre nós, prontos a nos corrigirmos assim que percebermos que a forma não é a adequada.

Nós nos vimos em março e agora, seis meses depois, excluo a possibilidade de nos voltarmos a ver antes do verão, até porque teremos os Exercícios da Fraternidade e os Exercícios dos Jovens Trabalhadores. Por isso, não sei o que poderá significar para nós continuarmos com o que começou e que tipo de forma, talvez até uma nova, poderá nascer para acompanhar isto. Devo dizer que,

entre almoços e jantares, surgiram algumas ideias e sugestões, cuja factibilidade poderemos verificar nas próximas semanas. Dou um exemplo que precisa ser verificado. Ontem estava almoçando com alguns de vocês e, num dado momento, surgiu uma necessidade, que exprimiram desta forma: «Não vemos a hora de chegar em casa para contar aos nossos amigos da Fraternidade o que aconteceu nestes últimos dias». Eu não sei como o que está acontecendo entre nós poderá chegar aos outros amigos que não estão aqui. Sugeriram: «Localmente, poderíamos fazer um fim de semana de convivência, nós que viemos aqui, dando-nos algum tempo para verificar os conteúdos que surgiram nestes dias, e depois ter um momento de diálogo convidando alguns de vocês». Enfim, haverá espaço para a criatividade e a inventividade. Vamos ver como corre esta história. Certamente, o que começou é uma história que já não podemos deixar passar.



<b>Introdução</b> Francesco Cassese <i>Quinta-feira, 23 de novembro</i>	4
<b>Excertos da primeira assembleia</b> <i>Sexta-feira, 24 de novembro</i>	7
<b>Palestra</b> padre Paolo Prosperi <i>Sexta-feira, 24 de novembro</i>	42
<b>Excertos da segunda assembleia</b> <i>Sábado, 25 de novembro</i>	68
<b>Síntese</b> padre Paolo Prosperi <i>Domingo, 26 de novembro</i>	94

Tradução: Maria Inácia Ramos Ascensão  
Versão brasileira: Cláudio Cruz

© 2023 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de P. Prosperi e F. Cassese.  
Na capa: © shutterstock

